

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

RAFAEL SOARES KRAMBECK

CYBERQUEER:
PERFORMANCES DE GÊNERO E MOBILIZAÇÃO DE TRAÇOS IDENTITÁRIOS NA
CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DA PERSONAGEM KATYLENE NO BLOG E NO
TWITTER

São Leopoldo

2013

Rafael Soares Krambeck

CYBERQUEER:

Performances de gênero e mobilização de traços identitários na construção da narrativa da personagem Katylene no blog e no Twitter

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.
Área de concentração: Processos Midiáticos.

Orientadora: Dra. Adriana da Rosa Amaral.

São Leopoldo

2013

Ficha catalográfica

K89c Krambeck, Rafael Soares

Cyberqueer: performances de gênero e mobilização de traços identitários na construção da narrativa da personagem Katylene no blog e no Twitter / por Rafael Soares Krambeck. – 2013.
111 f. : il., 30cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2013.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Adriana da Rosa Amaral.

1. Teoria Queer. 2. Cibercultura. 3. Performances de gêneros. 4. Identidades online. 5. Katylene. I. Título.

CDU 316.7:004.738.5

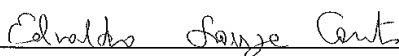
RAFAEL SOARES KRAMBECK

“CYBERQUEER: PERFORMANCES DE GÊNERO E MOBILIZAÇÃO DE TRAÇOS
IDENTITÁRIOS NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DA PERSONAGEM
KATYLENE NO BLOG E NO TWITTER”

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovado em 09 de abril de 2013

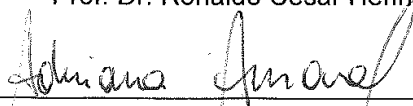
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto – UFBA



Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn – UNISINOS



Profa. Dra. Adriana da Rosa Amaral – UNISINOS

*Àqueles que um dia se identificaram na diferença;
Tiveram sua identidade negada;
Mas souberam manter o bom humor.*

AGRADECIMENTOS

Embora este trabalho seja fruto em grande parte do meu trabalho, inegavelmente, existiram pessoas que fizeram diferença no decorrer desta etapa. Agradeço à todos por fazerem a diferença e entender as minhas ausências.

À COORDENAÇÃO e SECRETARIA do PPG pela paciência e disposição sempre que necessário;

À minha orientadora e amiga ADRI AMARAL, pelo grande auxílio neste trabalho e por apresentar-me um mundo acadêmico até então desconhecido;

Aos PROFESSORES do PPG, pelas discussões produtivas e pela acessibilidade para qualquer problema;

Ao professor JOSÉ LUIZ BRAGA e JIANI BONIN, pelas contribuições para a reflexão da pesquisa;

Ao professor RONALDO HENN, pelos subsídios para pensar a pesquisa fora da minha “zona de conforto”;

Aos meus pais CARLOS e MARIA RITA, pelo eterno exemplo de caráter e apoio incondicional;

Às minhas irmãs MONICA e CATIUSCIA, pela força dada, mesmo que “sem entender muito”;

Ao meu sobrinho MARLON, por ser meu filho emprestado e grande amigo;

Às minhas tias LISANDRA e VERA pelas inúmeras ajudas na vida em Porto Alegre;

Ao meu companheiro MAIQUE, pela força e por entender meus cansaços, ausências e por estar ao meu lado;

Aos grandes amigos que fiz por Nova Hartz e arredores, VIVI BRENNER, RENATO FEITEN e GABI WIRTH;

Aos grandes amigos que fiz no PPG, LIVIA FONSECA, CAMILA MONTEIRO e FELIPE VIERO;

Aos amigos que fizeram meu Porto mais Alegre, DÉA VENTURA, XANDE VENTURA, MAYA GIACON e VINI D'ÁVILA;

Ao DANIEL CARVALHO, pois afinal, não existiria a musa inspiradora deste trabalho Katylene, sem o empenho dele;

Enfim, meu muito obrigado à todos que contribuíram.

Alô você que tem condições e que passou a vida toda esperando por uma dissertação que realmente preenchesse esse vazio no seu coração. Está analisada, a musa do Twitter Katylene Beezmarcky. Já pode começar minha gente? Pode? Então, vem comigo!

Resumo

O presente trabalho consiste em uma análise das performances desempenhadas pela personagem Katylene Beezmarcky no blog homônimo e no Twitter. Assim, o estudo aborda as novas tecnologias como dispositivos que reconfiguram as performances de gênero na contemporaneidade. Além disso, pensam-se as tecnologias da comunicação como formas de mobilizar traços culturais de diferentes grupos como uma estratégia de construção de uma narrativa de si no ciberespaço. O objetivo do trabalho é observar os usos de diferentes plataformas comunicacionais (blog e Twitter) pelo blogueiro Daniel Carvalho para a criação da personagem travesti, contextualizando a popularização da personagem em um contexto contraditório de grande homofobia característico do Brasil. A pesquisa busca articular as noções de performatividade de gêneros e matriz de normas heterossexistas, referentes à teoria queer, com os estudos sobre tecnologias digitais e comunicação mediada por computador, da cibercultura. No desenvolvimento da pesquisa, primeiramente, discutem-se as noções socioculturais em relação aos sexos, as sexualidades e os gêneros, então, considera-se três momentos fundamentais dos estudos culturais de gênero: aqueles que procuravam explicar a submissão da mulher, aqueles que relativizam as noções até então construídas e a teoria queer. Assim, ao adotar a perspectiva queer, desconstrói-se a noção essencialista de sexo e gênero, para explicar a performatividade dos mesmos e como esta irá instaurar uma matriz heteronormativa. Em um segundo momento, faz-se considerações sobre a cibercultura e suas implicações na construção de identidades na contemporaneidade. Para, então, aproximar-se do objeto de estudo de maneira baseada na Teoria Fundamentada. Assim, identificaram-se as estratégias e usos das plataformas online enquanto performances de gênero e a mobilização de traços identitários na construção de uma narrativa da personagem estudada. Percebeu-se que a personagem tem uma relação íntima com os espaços propiciados pela internet, usando muito dos materiais disponíveis online. Além disso, ela se configura enquanto uma personagem do universo trans, mas não da mesma forma, Katylene extrapola se tornando algo como o estereótipo da travesti.

Palavras-chave: Teoria Queer; Cibercultura; Performances de Gênero; Identidades Online; Katylene.

Abstract

This study is an analysis of the performances carried out by character Katylene Beezmarcky on the eponymous blog and on Twitter. Thus, the study approaches the new technologies as devices that reconfigure the gender performances in contemporaneity. Also, think up communication technologies as ways of mobilizing cultural traits of different groups as a strategy to build a narrative of self in cyberspace. The objective is to observe the uses of different communication platforms (blog and Twitter) by blogger Daniel Carvalho for creating the transvestite character, contextualizing the popularization of character in a contradictory context of great homophobia characteristic of Brazil. The research seeks to articulate notions of gender performativity and matrix heterosexist norms, referring to queer theory, with studies on digital technologies and computer-mediated communication, cyberculture. In developing of the survey, firstly, discusses the socio-cultural notions with regard to genders, sexualities and sexes, then it is considered three key moments of cultural studies of gender: those who sought to explain the submission of women, those who relativize notions hitherto constructed and queer theory. Thus, by adopting a queer perspective, deconstructs the essentialist notion of gender and explain the gender performativity and how this will bring an heteronormative matrix. In a second step, some considerations are made about cyberculture and its implications in the construction of identities in contemporary times. To then approach the object of study so based on Grounded Theory. Thus, identified strategies and uses of online platforms as gender performances and mobilization of identity traits in the construction of a narrative of the studied character. It is perceived that the character has a close relationship with the spaces propitiated by the internet, using much of the material available online. Furthermore, it sets itself up as a trans character of the universe, but not in the same way, Katylene extrapolates becoming something like the stereotype of transvestite.

Keywords: Queer Theory; Cyberculture; Gender Performances; Online Identity; Katylene.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Personagem Katylene.....	65
Figura 2 – Comparação entre Plano de Fundo e a “Damier”.....	67
Figura 3 – Letreiro/Cabeçalho do Site.....	68
Figura 4 – Detalhe do Letreiro/Cabeçalho do Site “Apagado”.....	68
Figura 5 – Exemplo de Links “Acesos” e “Apagados”.....	68
Figura 6 – Detalhe da Imagem de Katylene.....	69
Figura 7 – Gadget de Busca.....	71
Figura 8 – Exemplo de Luminoso.....	71
Figura 9 – Rodapé do Blog.....	72
Figura 10 – Imagem de Perfil 1 e Imagem Original.....	88
Figura 11 – Imagem de Perfil 2 e Imagem Original.....	88
Figura 12 – Imagem de Perfil 3 e Imagem Original.....	89
Figura 13 – Imagem de Perfil 4 e Imagem Original.....	90
Figura 14 – Imagem de Perfil 5 e Imagem Original.....	90
Figura 15 – Imagem de Perfil 6 e Imagem Original.....	91
Figura 16 – Imagem de Perfil 7 e Imagem Original.....	91
Figura 17 – Imagem de Perfil 8 e Imagem Original.....	92
Figura 18 – Imagem de Perfil 9 e Imagem Original.....	92
Figura 19 – Imagem de Perfil 10 e Imagem Original.....	93
Figura 20 – Imagem de Perfil 11.....	93
Figura 21 - Exemplos de Tweets.	94
Figura 22 - Tweets relacionados ao Blog.....	95
Figura 23 - Tweets sobre Katylene e Daniel.....	96
Figura 24 - Tweets de “celebridades”.....	97
Figura 25 - Tweets de Seguidores “comuns”.....	98

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	13
1	DAS NOÇÕES CULTURAIS DA SEXUALIDADE.....	16
1.1	O GÊNERO UNIVERSAL MASCULINO.....	19
1.2	GÊNEROS RELATIVIZADOS MASCULINOS E FEMININOS.....	20
1.3	GÊNEROS PERFORMÁTICOS E PLURAIS.....	24
1.3.1	Desconstrução do Essencialismo.....	29
1.3.2	Performances de Gêneros e Matriz Heteronormativa.....	32
1.3.3	As Brechas da Matriz.....	37
1.3.4	A Diversidade de Personagens Transex e Intersex.....	40
2	DAS DIMENSÕES SOCIAIS DA TECNOLOGIA.....	45
3	CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA.....	56
3.1	BLOGS.....	59
3.2	KATYLENE.COM.....	64
3.2.1	Estética.....	67
3.2.2	Texto.....	73
3.3	TWITTER.....	84
3.3.1	Estética.....	87
3.3.2	Texto.....	94
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
	REFERÊNCIAS.....	102

INTRODUÇÃO

Os interesses pela cibercultura e pelas sexualidades vêm acompanhando-me desde um longo período, no entanto, só agora, com a elaboração dessa dissertação que as duas temáticas convergiram e encontram-se.

A reflexão acerca dos processos sociais mediados pelas tecnologias foi me apresentada logo no início da faculdade e durante algum tempo me pareceu um terreno arriscado para um pesquisador iniciante, contudo, quando da ocasião da elaboração do trabalho final de curso, resolvi aventurar-me no terreno dinâmico da cibercultura.

Já a questão das sexualidades sempre me foi interessante ora por questões pessoais, ora por inconformidade com a situação precária de muitos que são diferentes da maioria da população brasileira. Na minha vida acadêmica, esse tema foi inserido por opção própria, uma vez que escolhi a ONG santa-mariense “Igualdade” para desenvolver um projeto de extensão em comunicação comunitária.

Propor uma discussão em torno da personagem Katylene Beezmarchy¹ fornece espaços para refletir ambas temáticas, uma vez que a mesma é uma personagem travesti do cenário cibercultural brasileiro. Por um lado, a pesquisa permite pensar as questões das sexualidades a partir das performances realizadas por Katylene na construção de uma narrativa enquanto travesti, por outro, a maneira como a personagem corporifica-se nas redes sociais demanda que pensemos nas construções das identidades no ciberespaço.

Ao trabalhar junto à ONG, pude ter uma pequena noção de quão danosa pode ser a homofobia e outros tipos de preconceitos. Durante essa experiência, ou mesmo depois, não conheci ninguém diretamente que tenha sido vítima de agressões físicas, no entanto, é impossível ficar indiferente ao fato de que o número de assassinatos motivados por homofobia vem crescendo alarmantemente no Brasil².

Ao voltar-se à situação das travestis, esse problema da sociedade contemporânea brasileira é ainda mais grave. Em uma comparação reducionista aos outros cidadãos LGBT, ou seja, lésbicas, gays e bissexuais, a “diferença característica” das trans, não se localiza em nível de sexualidade (mais privado, passível de ocultação) e sim, em nível de gênero, o qual indiscutivelmente está presente na interação cotidiana do social (menos privado). Assim, não restam muitas opções de ocultação, tornando-as mais expostas ao julgamento do outro. Desta

¹ Personagem do blog Katylene.com e Twitter @katylene.

² Segundo o site “Homofobia Mata” (<http://homofobiamata.wordpress.com/>), até o dia 16 de fevereiro, 30 pessoas foram vítimas fatais da homofobia.

forma, “as travestis e transexuais são muito mais vitimizadas do que as lésbicas e gays, pois a população de transgêneros brasileiros oscila entre 10 mil e 20 mil indivíduos, enquanto os gays devem ultrapassar 18 milhões” (MOTT; CERQUEIRA, 1997). Além disso, no próprio meio GLS há muito preconceito, seja de cor, classe ou mesmo de gays contra travestis.

É irônico pensar que uma personagem que se autointitula uma travesti que cresceu “em meio a giletadas” e mora no M’Boi Mirim tenha caído nas graças de um grande público. Aqui surgem os primeiros questionamentos da pesquisa: seria o marginal tendo um espaço na “democracia” da internet? Por que o humor de Katylene, mesmo que com ampla influência gay, é tão aceito em um país tão homofóbico?

Além disso, é interessante perceber e refletir as formas pelas quais a personagem se presentifica nas redes sociais tal qual um usuário qualquer. Através das postagens e interações online, Katylene Beezmarcky não é apenas um pseudônimo, mas tornou-se uma “celebridade” da cena “descolada” da internet brasileira.

Nesse ponto encontra-se mais uma questão curiosa que mobilizou essa pesquisa, pois, apesar de existir o vínculo “Daniel Carvalho, o criador de Katylene”, ambos coabitam o ciberespaço e as mesmas plataformas (no Twitter, Daniel tem a conta @cadeodaniel, enquanto Katylene usa @katylene). Essa narrativa que atenua sem nunca dissolver por completo o vínculo entre criador e criatura me parece interessante à observação para apreender sobre as novas configurações das identidades no contexto cibercultural.

Então, a pesquisa procura mapear as apropriações e usos de diferentes plataformas online (blog e Twitter) pelo blogueiro Daniel Carvalho, enquanto movimentos de mobilização de elementos culturais múltiplos que resultam em uma criação de uma narrativa que origina e autentica a personagem Katylene Beezmarcky. Além disso, questionam-se quais reconfigurações dos processos de performances de gênero que são implicados pelos usos das diversas tecnologias da rede.

Dessa forma, primeiramente, busca-se desconstruir a noção de que as temáticas de sexo e sexualidade são pertencentes a níveis individuais e privados, sugerindo os valores socioculturais que estes temas adquirem na sociedade. Em um segundo momento, busca-se resgatar um breve relato histórico do desenvolvimento dos estudos que se propuseram a refletir sobre os temas de sexo e gênero a partir de uma perspectiva social e cultural. Assim, comenta-se sobre os estudos que pensavam o feminino como um segundo sexo, os estudos surgidos do fortalecimento do feminismo dentro e fora da academia que irão cindir a sociedade em dois gêneros distintos e complementares e, por último, os estudos queer, que

irão revolucionar uma série de preceitos que estiveram presentes nos dois momentos anteriores e, assim, buscar na diversidade sexual, uma compreensão dos conceitos socioculturais do sexo. A teoria queer vai gerar um movimento de dessencialização das identidades sexuais e colocar as identidades de gênero em um nível performático e fluído.

Ao tentar entender as estratégias desenvolvidas pela personagem Katylene, este trabalho articula às noções da teoria queer, as reflexões contemporâneas sobre as relações sociais estabelecidas através da internet. Assim, pensar como as construções de narrativas de si no ciberespaço nos fornece substrato para refletir sobre como as novas tecnologias potencializam o caráter performativo das posições identitárias.

Posteriormente, vai-se a campo e observam-se os usos e as apropriações feitas do blog e do Twitter para gerar a narrativa da personagem no ciberespaço. Assim, esperou-se dar conta de elucidar como as tecnologias digitais podem reconfigurar as performances de gênero a fim de originar uma personagem que se distancia do seu criador.

A proposta inicial de pesquisa era mais ousada, pois visava analisar mais três plataformas diferentes (Facebook, Orkut e Youtube). No entanto, durante o decorrer da análise foi percebido que seria um empreendimento disperso. Não que seja algo improdutivo, mas seriam temas tangenciais ao foco do trabalho de pesquisa realizado, afinal, o facebook seria mais voltado ao consumo e apropriação por parte dos fãs/leitores, o Orkut, um resgate histórico-arqueológico, enquanto o Youtube poderia trazer indicativos sobre convergência de mídias. Ou seja, as três plataformas poderiam trazer contribuições, no entanto, não são “as bases” da narrativa de Katylene.

Então, norteou-se a pesquisa para descrever e analisar a mobilização de traços identitários no blog e no Twitter. Assim, espera-se que a observação de um caso de performances online permita trazer uma contribuição à área e demonstre os meios pelos quais uma narrativa como a de Katylene pode surgir e corporificar um personagem no ciberespaço.

1 DAS NOÇÕES CULTURAIS DA SEXUALIDADE

Sabe-se que muitos valores da sociedade são divergentes e mesmo, contraditórios. Mas poucos temas são tão “confusos” quanto aos relacionados à sexualidade e ao sexo. Mesmo que haja discussões tangenciais ao sexo, quanto este é posto em discussão, um desconforto é gerado e retrocede-se a insistência que são temáticas de ordem privada e individual. Contudo, há autores que irão afirmar que a sexualidade é uma questão “social e política” (LOURO, 2001, 2004) ou “claramente crítica e política” (WEEKS, 2001).

Segundo Weeks, “a sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico” (2001, p. 38). Tal efeito social sobre/do sexo é resultado de múltiplos processos culturais que envolvem uma série de elementos como rituais, linguagens, convenções. Assim, a sexualidade está vulnerável às conformações socioculturais de maneira que poucos outros comportamentos humanos estão.

Isso se deve ao que Benedetti caracteriza como “o papel da cultura na conformação do corpo” (2005, p. 52). Socialmente, os corpos recebem sentidos, Clastres (1988) afirma que a norma social é inscrita nos corpos dos sujeitos para que não seja esquecida. É no contexto sociocultural, que os gêneros são inscritos nos corpos e esse processo se dá carregando marcas dessa cultura. As alternativas de desejos e prazeres são estabelecidas e codificadas, resultando em identidades de gênero e sexuais definidas por relações sociais, sendo moldadas pelas redes de poder de modo que “a cultura produz seu próprio conjunto de desigualdades ao longo das linhas do gênero, do status socioeconômico, das práticas sexuais, da idade, de conceitos de beleza, do poder e do corpo” (BRITZMAN, 2001, p. 107).

Segundo Lancaster (1992, 1995), o corpo generificado pode ser compreendido como um lugar de convergência da história, da cultura e da experiência corporal, ou seja, uma realidade construída pelo social através de tecnologias sócioestruturais. Um grupo de pesquisas sustenta a chamada “teoria da construção social”, defendendo que a sexualidade é construída transversalmente às diferenças culturais e temporais (PARKER, 2001). Assim, enquanto representação, o sexo tem uma historicidade.

A organização social da sexualidade baseia-se em uma variedade de códigos que tem como objetivo sugerir sentidos sobre o sexo, sobre o que ele deve ou pode ser. Desta forma, os sistemas socioculturais não só regulam as práticas sexuais, como também, nossa interpretação dessas experiências. Tendo em vista isso, reflete-se sobre o que poderíamos chamar de intersubjetividade das práticas sexuais, ou seja, seu caráter compartilhado e

coletivo, integrado à um contexto cultural. As experiências sexuais irão refletir uma série de significados socioculturais compartilhados nos mais distintos espaços sociais e culturais³.

Teóricos sociais como Erik Erikson (1976) e Erving Goffman (1988) defendiam que a identidade pessoal era análoga à individualidade ou a uma intensa definição de si. Contudo, Heilborn vai caracterizá-la como “um conjunto de marcas sociais que colocam um sujeito num determinado mundo social” e ainda indica três dimensões de modelação da pessoa:

- 1) atributos/traços que constituem classificatoriamente o sujeito (gênero, idade, etc.);
- 2) como esses atributos se inserem num campo de significações sociais (que possui outros tantos atributos próprios);
- 3) Como esses atributos vão se expressar através de alguns valores, tomando corpo em significados que articulam a imagem de si em relação com o outro (HEILBORN, 1996, p. 137).

Além disso, Freud argumenta que “o ego é, primeiramente e acima de tudo, um ego corporal”, ou seja, “uma projeção de uma superfície” (2006, p. 16), algo como uma figura imaginária. Contudo, ao observar criticamente à sociedade deve-se adotar uma postura de negar que o mundo interno da subjetividade não seja efeito de um conjunto de atos socioculturais externos ao sujeito. Tal figura imaginária não funciona de uma maneira pré-simbólica ou pré-social, e sim, é mediada pelos esquemas regulatórios da sociedade, uma vez que “não existe sujeito ou subjetividade fora da história e da linguagem, fora da cultura e das relações de poder” (SILVA, 2000b, p. 12). Assim, parte da subjetividade dos sujeitos será moldada pelo contexto sociocultural.

Portanto, pensar o gênero implica refletir sobre o caráter relacional da construção do mesmo enquanto categoria sociocultural. Não se trata de pensar somente na construção dos significados sociais das diferenças entre sexos, e sim, evidenciar as relações de poder envolvidas nisso. O historiador Joan Scott define gênero como: (1) um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) uma forma primária de dar significado às relações de poder (1995, p. 86). Assim, pode-se considerar que as representações e significados que são articulados em torno dos gêneros não são resultados de evoluções, mas sujeitos à discussão dos significados pelas mais distintas relações de poder.

Assim sendo, o gênero e a sexualidade são resultados das relações históricas entre poder e saber que geram um discurso que adota o sexo enquanto um dispositivo de poder sobre os corpos. Isso reflete uma nova perspectiva baseada nos trabalhos de Foucault que

³ CONNELL; DOWSETT, 1992; PARKER; GAGNON, 1995; PARKER; BARBOSA, 1996; PARKER; EASTON, 1998.

afirma que “não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder tenta pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico” (1993, p. 100). Ao analisar a história da sexualidade, Foucault concebe a mesma como a história de discursos sobre o sexo e, é nessa história que ele localiza a sexualidade como um corpo de conhecimentos que irá regular os significados do corpo e do sexo.

Assim, surge a noção da sexualidade como um dispositivo histórico do poder. Segundo Foucault, um dispositivo pode ser caracterizado como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (...) o dito e o não-dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (1993, p. 244). Desta forma, a sexualidade enquanto dispositivo surge da entrada do sexo em princípios de regulação social.

No entanto, a noção de poder deve ser interpretada como uma diversidade de relações de forças interiores aos campos sociais. O poder não pertence a alguém de forma definitiva, ao contrário, ele se movimenta conforme as disputas, assim, as redes de relações sociais induzem a “estados de poder”, de forma que o poder é descontínuo, fragmentado e relacional.

Tomaz Tadeu da Silva (2000a) considera que distintos grupos sociais empregam a representação para traçar a sua identidade e as identidades de outros grupos, sendo esse lugar de representações marcado por disputas e jogos de poder pela imposição de representações e significados. Isso se deve ao fato de que o poder é responsável pela definição do processo de representação e a própria representação irá gerar processos pelos quais as relações de poder são reforçadas.

Desta forma, os corpos, gêneros e sexualidades devem ser observados através de uma perspectiva que os insira em um contexto histórico-social. Também, necessita-se descobrir as variáveis envolvidas no estabelecimento de representações, de modo que seja possível mapear as relações de poder que delimitam os comportamentos sexuais aceitáveis. Assim, conceberemos as tecnologias e discursos como instrumentos para a prescrição de significados e como momentos das interações sociais.

Assim sendo, a sexualidade do sujeito revela-se como uma verdadeira rede de atos socioculturais. Além disso, a história do sexo vai se desenvolver enquanto um lugar de disputas de poder, de construções de representações e investimentos culturais sobre os corpos. Logo, faz-se um rápido resgate histórico do desenvolvimento das pesquisas que tomam o

gênero/sexualidade como perspectiva capaz de dar conta de diversos aspectos sociais e culturais da sociedade.

1.1 O GÊNERO UNIVERSAL MASCULINO

Cafuçus, boffyscândalos e outras umidificações.

Inicialmente, os estudos de gênero se desenvolveram profundamente marcadas pelo pensamento moderno de tal modo que elaboravam teorias que explanassem sobre o modelo hierárquico dos gêneros fundamentando-se em pontos de vistas oposicionais/binários e universalistas. Essa perspectiva de sexo único lançava análises sobre o corpo da mulher enquanto “uma versão inferior e invertida do masculino” (WEEKS, 2001), contudo, não negava certa importância ao corpo feminino no prazer sexual e, principalmente, na reprodução.

Bordieu (2002) vai indicar que as “estruturas históricas da ordem masculina” irão funcionar como habitus constituintes e constituídos de uma ordem social que instauram a predominância de um gênero, mesmo que estes sejam vistos como complementares. Mesmo que tais habitus sejam habitualmente vistos como naturais e imutáveis. Já Haraway considera que as perspectivas dualistas são fundamentais na dominação daqueles grupos sociais “constituídos como outros e cuja tarefa consiste em espelhar o eu [dominante]” (2000, p. 99).

Dessa forma, podemos conceber a ideia que o/a gênero/sexualidade⁴ não é uma simples categorização social, mas, sim, uma relação de poder. Isso reflete em uma situação na qual, o comportamento sexual feminino é resultado do poder masculino sedimentado através da história que determina aquilo necessário e desejável.

Contudo, nos estudos primordiais, os atos históricos que articulam-se na configuração da hierarquia dos gêneros/sexos serão suprimidos, suscitando uma certa atemporalidade na estrutura oposicional hierarquizada. Segundo MacKinnon, a desigualdade sexual vai ser adotada como essencial ao sujeito fazendo com que o gênero surja “como a forma rígida da sexualização da desigualdade entre o homem e a mulher⁵” (apud BUTLER, 2007, p. 13-14).

Conforme Jeffrey Weeks (2001), contemporaneamente, a teoria admite que o múltiplo pertencimento do sujeito reflete em uma movimentação entre as categorizações identitárias,

⁴ Neste primeiro momento de análise sobre as relações de gênero, os conceitos de gênero e sexualidade eram equivalentes nos paradigmas científicos das humanidades. Ver mais em Bento, 2006.

⁵ Tradução feita pelo autor do original: “como la forma rígida de la sexualización de la desigualdad entre el hombre y la mujer”.

no entanto, ele afirma que “tememos a incerteza, o desconhecido, a ameaça de dissolução que implica não ter uma identidade fixa” e que isso irá refletir numa argumentação da identidade imutável no interior das narrativas pessoais. Tal ideia do essencialismo das identidades vai ser característica marcante dos estudos, até mesmo porque tal conceito “remete a um repertório de conceitos das ciências ‘psi’, apresentando a dimensão interna como algo ordenado e quase fixo” (BENEDETTI, 2005, p. 110). No entanto, Britzman critica “o custo desse desejo de que o sexo seja uma parte estável e previsível de nossa identidade é o esquecimento necessário de que a perversidade⁶ é a base da possibilidade da própria sexualidade” (2001, p. 97).

Assim, neste primeiro momento dos estudos sobre gênero, os conceitos de sexualidade/gênero serão apresentadas como essenciais ao sujeito, independente de questões socioculturais. O sexo vai ser visto como parte fundamental da constituição do homem de tal forma que poderia considerar-se correta a expressão “um homem é aquilo que o seu sexo é” (ELLIS, 1971, p.3). Entretanto, a proposição de uma universalidade e essencialidade das sexualidades/gêneros invoca uma realidade fantasiosa, e ignora a relevância dos tecidos sociais.

1.2 GÊNEROS RELATIVIZADOS MASCULINOS E FEMININOS

Amapôs, creiças e outros tipos de biscoito.

O fortalecimento do movimento feminista na década de 60 foi decisivo para os estudos de gênero, pois foi ele que gerou uma maior conceituação do gênero, ou seja, dividiu o sexo em categorias distintas. Além disso, a concepção do sexo feminino como acessório do masculino fora desconstruída gerando não mais de um corpo protagonista e outro complementar, e sim, dois corpos singulares e distintos. De tal modo que “passou-se a observar que masculino e feminino se constroem relacionalmente, em contínuas disputas de poder” (SIQUEIRA, 2006, p. 12). Aqui, surge uma nova perspectiva para se pensar as relações de gênero norteadas pela noção relacional dos gêneros. No entanto, este relacional não é pensado como “um gênero se constrói de forma relacional ao outro como em uma alteridade”. Portanto, o gênero deve ser compreendido como:

⁶A noção de perversidade é originária dos trabalhos de Sigmund Freud que utiliza o termo “nossa original perversidade polimorfa” para descrever o que “o ser humano produzirá sexualidade a partir de qualquer coisa, que nossa primeira sexualidade, produzida no início da vida, aparece antes que nós possamos compreender e julgar — ou até mesmo colocar em linguagem — os prazeres do corpo” (BRITZMAN, 2001, p. 92).

“uma lógica social que institui significado a corpos, práticas, relações, crenças e valores. Ainda que seja variável e diverso culturalmente, parece fazer parte de um princípio que confere sentido à realidade em que vivemos. Mais do que um fator cultural de diferenciação, deve ser entendido como as próprias condições de produção da lógica que institui as diferenças entre o masculino e o feminino. O gênero faz parte da própria cultura e não é somente instituído por ela, assim como o corpo não é instituído pela cultura, mas, antes, produz e dá sentido a cultura” (BENEDETTI, 2005, p. 94-95)

Portanto, a teorização do conceito de gênero gerou uma ruptura com os argumentos que foram empregados para avaliar as relações entre homens e mulheres, uma vez que por meio dele, passa-se a pensar as diferenças entre os sexos como atos socialmente operados. Através da concepção binária dos gêneros, os corpos são observados como biologicamente dimórficos e pré-sociais, necessitando de um movimento de investimento sociocultural para ganhar significados.

Se um gênero é construído relacionamente, e não, numa alteridade com o outro, de que relacional se fala? A partir da construção da categoria de gênero, os pesquisadores foram buscar nas classes sociais, nas nacionalidades, nas etnias e nas orientações sexuais, elementos que contribuíssem a uma teoria de desconstrução do sexo naturalizado e essencializado. Assim, a análise das relações de poder a propósito dos distintos grupos sociais evidencia o enredamento das disputas que regulam as identidades e que tal rede de disputas contribui para o desenvolvimento de identidades distintas. Essas pesquisas abalam o etnocentrismo presente nas pesquisas ao manifestar que existem outras formas alheias de operar a sexualidade.

A ideia é a de que, segundo o ambiente cultural do indivíduo, os processos sociais do corpo são diferentes, ou seja, as distintas alternativas de ser homens/mulheres são entrecruzadas por diversos elementos sociais e culturais. Este é considerado por Parker (2001) o “modelo da influência cultural”. Nele, a sexualidade e o gênero são pensados enquanto estados universais e imutáveis, sendo influenciado em maior ou menor grau pelo ambiente cultural⁷. Butler (2007) ao refletir a relação do gênero e da etnia, vai afirmar que “estas categorias sempre atuam como fundo uma da outra e se articulam de forma mais enérgica recorrendo uma à outra⁸” (p. 19).

Mesmo que as ciências biológicas tenham tentado constituir uma relação causal entre desejo, comportamento e identidade sexual, diversas pesquisas sociais questionam tal relação, pois, elas demonstram que, nos mais diversos ambientes socioculturais, abre-se um leque de

⁷ VANCE, 1995; PARKER; EASTON, 1998.

⁸ Tradução feita pelo autor do original: “estas categorías siempre actúan como fondo la una de la otra y se articulan de forma más enérgica recurriendo la una a la otra”.

possibilidades variadas⁹. Cada vez mais, a relação causal entre desejo, comportamento e identidade sexual foi desconstruída, pois, inúmeras pesquisas de cunho sociocultural irão indicar que, em grande parte, as categorizações realizadas pelas diferentes culturas sexuais iam refletir na construção das identidades sexuais¹⁰.

A teoria feminista irá questionar o determinismo biológico subentendido nos significados ocidentais da sexualidade, do gênero e das diferenças de sexo alicerçando-se na enorme heterogeneidade de lugares das mulheres, na perspectiva intercultural e histórica¹¹. Tal entendimento parte do princípio que o compartilhamento de certas características biológicas não é o único elemento que irá situar o sujeito na rede de relações sociais.

Todavia, ao comentar os Estudos Gays e Lésbicos, Benedetti criticará que “as peculiaridades e contradições presentes nas diferentes culturas no que se refere à organização e representação do gênero e da sexualidade são reduzidas, em boa parte desses estudos, a uma ‘personalidade gay’ ou ‘cultura gay’” (2005, p. 28). Assim, segundo o autor, o que originalmente é relacional é, mais uma vez, essencializado e substancializado. No entanto, tal essencialização das identidades sexuais vai marcar todo o campo de estudos de gênero, pois, a sexualidade é entendida como algo essencial ao sujeito, mas localizado à um nível pré-social, só tomando forma através da ação da cultura.

A partir deste impasse dos estudos de gênero, começam a surgir reflexões internas ao campo que indicam à necessidade de se repensar a teoria. Passa-se a corrigir que a extraordinária diversidade de experiências vivenciadas pelos indivíduos de um mesmo grupo social não poderia ser restringida à categorizações homogeneizantes, uma vez que “ao tornar equivalentes visões de mundo e identidades às vezes até antagônicas, podem ser arbitrárias” (BENEDETTI, 2005, p. 17).

Ao fazer uma etnografia sobre drag queens, Vencato considera que “a sociabilidade da margem não se estabelece de forma simples e que as relações entre esses sujeitos marginais para além de enfatizarem uma espécie de igualdade porque estigmatizados se dá, principalmente, através de um sistema hierárquico construído de forma bastante complexa” (2006, p. 285). A autora vai indicar que na construção do sujeito há outros elementos que carregam significados sociais e alguns deles comportam significados (des)valorizados, assim, num grupo discriminado pela sociedade, outros elementos geram uma nova hierarquização

⁹ CARRIER, 1995; HERDT, 1997; KUTSCHE, 1995; KUTSCHE; PAGE, 1991; LANCASTER, 1992; PRIEUR, 1998; WESTON, 1993.

¹⁰ BLOCK; LIGOURI, 1992; CARRIER, 1995; DANIEL; PARKER, 1991, 1993; LANCASTER, 1992; PRIEUR, 1998; TAN, 1995; WILSON, 1995.

¹¹ BLEIER, 1984; FAUSTO-STERLÍNG, 1985.

interior ao grupo. Velho vai delinear esse jogo de significados sociais como “o fato de um indivíduo ser judeu, católico, cigano, índio, negro, umbandista, japonês etc. coloca-o como parte de uma categoria social que, dependendo do contexto, poderá ser valorizada ou ser objeto de discriminação ou estigmatização” (1999, p. 44).

Assim, deve-se considerar que as formas pelas quais a sexualidade é concebida e categorizada, tem uma história que significa. Os diversos discursos sociais que tangem a sexualidade vão debater temas e termos que, na verdade, mais delimitam as normas que definem a relação normal/anormal que às projeções do sexo em seus campos. Conforme Plummer (1981), a categorização, mesmo a autocategorização podem funcionar como controle e restrição, no entanto, proporcionam conforto e, principalmente, segurança. Desta forma, através das categorias dicotômicas “homem” e “mulher” e da binariedade corporal, a norma distinguirá as subjetividades masculinas e femininas “denunciando aquilo que lembra condutas e subjetividades não-apropriadas para um homem e uma mulher” (BENTO, 2006, p. 60). Pois, “cada um ocupa uma posição fixa de uma estrutura hierarquizada e binária dos gêneros” (BENTO, 2006, p. 72).

A assinalada diferenciação dos papéis sociais dos gêneros, em grande parte, é responsável pela estigmatização daqueles que não se conformam categoricamente aos papéis à eles destinados pela norma. Ao comentar o caso de Norbert Michael Lindner¹², a professora Guacira Louro pondera:

aceita-se a transitoriedade ou contingência de identidades de classe. A situação torna-se mais complicada, no entanto, se um processo semelhante ocorre com relação às identidades de gênero e sexuais [...] a admissão de uma nova identidade sexual ou de uma nova identidade de gênero é considerada uma alteração essencial, uma alteração que atinge a ‘essência’ do sujeito (2001, p. 12-13)

Assim, é perceptível, o uso social da noção de “essencialismo” das identidades sexuais e/ou de gênero como uma estratégia funcional de punir o sujeito que não se enquadra as normas da sexualidade, uma vez que, aqueles que não refletem a subjetividade imposta pela norma à seu gênero são constantemente considerados como não sendo “homens/mulheres de verdade”. De certa forma, podemos falar que aqui surge o que Butler (2007) vai chamar de “matriz heterossexual¹³”, na qual, “os homens que são homens serão heterossexuais, e as

¹² Lindner foi prefeito de Quellendorf, na Alemanha. Logo após ter assumido o cargo, ele comunicou a sua intenção de mudar de gênero. A partir disso, a população iniciou uma mobilização para destituí-lo do cargo.

¹³ Apesar de considerar cabível o comentário sobre a ideia de Butler nesse capítulo, é na teoria queer que tal estrutura vai ser amplamente explorada e questionada. Ver mais nos próximos capítulos.

mulheres que são mulheres serão heterossexuais¹⁴” (BUTLER, 2007, p. 15). Portanto, apenas se pode ser autêntico quando conformado ao papel orientado à si na estrutura heterossexual, enquanto, questionar a estrutura implica em perder autenticidade.

Podemos considerar que tal matriz é marcadamente masculina, no entanto, não há como negar que as mulheres têm sido responsáveis também por tal matriz, seja através do feminismo, seja nas suas práticas diárias. Não são raras as críticas aos movimentos identitários, tais como o feminismo, o movimento gay, o movimento negro, pois, ao adotar um termo como “mulher”, “gay” ou “negro” deve-se ter consciência de sua insuficiente abrangência, sem reafirmar a matriz de dominação através da celebração de um essência compartilhada, uma vez que, os signos “mulher”, “gay” ou “negro” não expressam “a multiplicidade e as descontinuidades das experiências” (BENTO, 2006, p. 82) dos assim catalogados.

Assim, mesmo que neste segundo momento tenha havido uma “culturalização” da sexualidade e do gênero, a principal crítica reside em “ter feito do corpo-sexo uma matéria fixa, sobre a qual o gênero viria dar forma e significado, dependendo da cultura ou do momento histórico, gerando um movimento de essencialização das identidades” (BENTO, 2006, p. 71). Então, permanece subentendido que exista uma conformação de poder que vai agir de forma a categorizar os sujeitos a partir de sua “essência” ou como afirma Weeks “o corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar” (1995, p. 91), ou seja, a partir da “realidade absoluta do corpo”.

1.3 GÊNEROS PERFORMÁTICOS E PLURAIS

Travestchyzmos, piriguetchysmoz e outros lady gaguizmos.

A complexa globalização que tem marcado o final do século XX e início do século XXI tem acarretado uma série de processos acelerados e, comumente, desconexos de mudanças nos mais diversos aspectos da vida humana, entre os quais esta a sexualidade¹⁵. As noções de gênero já não podem mais serem percebidas apenas como um simples produto de contextos socioculturais diferentes. Além disso, Berenice Bento ao desenvolver sua etnografia com candidatos(as) a cirurgia de transgenitalização conclui que “sugerirem pontos de convergência entre uma narrativa e outra não é suficiente para concluir que haja um núcleo

¹⁴ Tradução feita pelo autor do original: “los hombres que son hombres serán heterossexuales, y las mujeres que son mujeres serán heterossexuales”

¹⁵ HARVEY, 1992; APPADURAI, 2004.

central de representação sobre o masculino e o feminino compartilhado exclusivamente e da mesma maneira por aqueles que vivem a experiência transexual” (2006, p. 33), ou seja, mesmo indivíduos que dividem certo contexto e são vítimas de semelhante estigmatização, não há concordância absoluta sobre as imagens de masculinidade ou feminilidade.

Diversos estudos têm observado, por uma nova perspectiva, o caráter variável da vida íntima, certos grupos sociais, como os gays ou profissionais do sexo, e as identidades sexuais individuais, isso tem resultado em um questionamento da rigidez com que se constituem os parâmetros de masculinidade e feminilidade (WEEKS, 1989).

É no domínio da cultura e da história que as identidades sociais são definidas e em contextos socioculturais diferentes, os ideais de masculinidade ou feminilidade podem variar muito. Todos os sujeitos são socializados e nesse processo de socialização que se tem contato com tais ideais regulatórios da cultura, contudo, esse processo não é finito, sendo os ideais individuais reconstruídos por toda vida. Nesse processo, o sujeito toma consciência da sua posição na sociedade e os papéis e práticas sexuais esperadas dele e suas imagináveis alternativas, por meio das quais as identidades sexuais e de gênero podem esquivar a binariedade e o dimorfismo corporal. Logo, as identidades sexuais e de gênero devem ser entendidas assim como todas as identidades sociais, ou seja, fragmentadas, instáveis, históricas e plurais.

Na sociedade contemporânea, o sujeito é interpelado por diversos contextos, instituições e grupos sociais, assim, se constitui por meio de múltiplas e distintas identidades. Através dessas interpelações, o sujeito funda diversos vínculos de pertencimento a determinados agrupamentos. Contudo, isso ocorre num processo complexo e instável, visto que os vínculos estabelecidos pelo sujeito podem exigir, simultaneamente, posicionamentos diferentes, divergentes ou até mesmo conflitantes. Não obstante, tais identidades sociais podem ser sedutoras em certo momento e, logo, não mais, portanto, negadas e abdicadas. Portanto, na contemporaneidade, temos identidades eventuais e temporárias¹⁶.

Richard Parker (2001) traça um paralelo entre a teoria da “influência cultural¹⁷” e a teoria da “construção cultural”, que tem como principal mérito o questionamento da ideia de uma identidade essencial. Os teóricos construcionistas defendem a ideia que a cultura e a história funcionam como mediadoras das sexualidades. Também, a teoria vai adotar a noção que “o comportamento sexual é visto como intencional, embora sua intencionalidade seja

¹⁶ TURKLE, 1997; HALL, 1997; CASTELLS, 1999; SANTAELLA, 2007.

¹⁷ Dominava o segundo momento dos estudos de gênero e pensava o gênero como “carimbo” da cultura sobre o sexo. Ver capítulo anterior.

sempre modelada no interior de contextos específicos de interações social e culturalmente estruturadas” (PARKER, 2001, p. 132).

Não obstante, a ideia de que o gênero consiste em um investimento sociocultural sobre as diferenças dos sexos baseia-se nas dicotomias sexo/gênero, natureza/cultura e na fantasia de um corpo inerte. E é a isso que Butler critica:

Se o gênero é a construção social do sexo e se não existe nenhum acesso a esse “sexo” exceto por meio de sua construção, então parece não apenas que o sexo é absorvido pelo gênero, mas que o “sexo” torna-se algo como uma ficção, talvez uma fantasia, retroativamente instalado em um local pré-lingüístico ao qual não existe nenhum acesso direto (2001, p. 158)

E é nesse sentido que ela constrói a sua teoria que vai ser determinante nos chamados estudos queer. Pois, segundo ela, o gênero é um complexo dispositivo social que impõe a heteronormatividade, sendo esta “um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto” (MISKOLCI, 2009, p. 156). O gênero enquanto dispositivo vai ser operacionalizado pelas diversas instituições que circundam os sujeitos e tem como objetivo determinar “corpos sexualizados” com aparências generificadas e desejos heterossexuais essenciais como uma maneira de reproduzir a heterossexualidade. Tal processo é necessário, uma vez que, “a heterossexualidade constitui-se em uma matriz que conferirá sentido às diferenças entre os sexos” (BENTO, 2006, p. 87). No entanto, mesmo que as normas sociais e o dispositivo da heterossexualidade busquem categorizar os sujeitos no binarismo de gêneros, os sujeitos fluem e resistem a tais arranjos, assim, originam-se novas classificações, limites são ofuscados e cria-se uma pluralidade e ambiguidade nas categorias sexuais.

Um dos principais pontos defendidos pelos estudos queer é o de que devem ser analisados “a identidade de gênero, a sexualidade, a subjetividade e o corpo como modalidades relativamente independentes no processo de construção das identidades” (BENTO, 2006, p. 25). Um grupo social interessante de ser observado a partir dessa perspectiva é o dos “homens que fazem sexo com homens”, vulgarmente chamados de HSH. A denominação surgida na área médica, mais especificamente nas campanhas contra a epidemia de AIDS, é muito controversa dentro do movimento gay¹⁸, contudo, ela é utilizada como uma forma de abranger, nas campanhas desenvolvidas, aqueles homens que, apesar de relacionarem-se com o mesmo sexo, não compartilham da identidade gay. No caso dos HSH,

¹⁸ Luiz Mott faz uma crítica ao conceito no texto disponível no endereço: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/luizmott/mott3.html>>.

pode-se perceber que a orientação do desejo sexual é diferente da concordância com dada posição social. Há mais de 60 anos, nas suas pesquisas, Kinsey et al. (1948) já afirmava que nem todos homossexuais expressavam uma identidade sexual gay, ou seja, não há vinculação obrigatória entre desejo e identidade sexual.

Nesse sentido, Weeks expõe: “as identidades, entretanto, podem ser escolhidas” (2001, p. 73), contudo, há de se detalhar que o autor comenta sobre o assumir (ou não) uma postura, tal qual fazem os gays, quando comparados aos HSH. O autor ainda acrescenta que devido a grande preocupação contemporânea com a sexualidade, muitas vezes, a escolha é “altamente política”.

Britzman retoma o termo cunhado por Sigmund Freud, a “perversidade polimorfa”, que pode ser entendido como “o potencial do ser humano para uma sexualidade fluída” (2001, p. 96). Logo, se a sexualidade humana é virtualmente fluída, não há quaisquer possibilidade de essencializar as identidades à ela relacionadas, pois, se, originalmente, a sexualidade é poliformicamente perversa, o que lhe constitui não é a opção do desejo ou um “sexo autêntico”.

Portanto, “a sexualidade é ‘aprendida’, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos” (LOURO, 2001, p. 11). Diversos empreendimentos sociais atuantes nesse processo de aprendizagem/construção operacionalizam uma “pedagogia da sexualidade e do gênero” que incorpora o dispositivo da sexualidade enquanto uma tecnologia de supervisão do processo que “culmina” com o autogoverno e autosupervisão. Durante o processo de construção de si, há um cíclico investimento do próprio sujeito na delimitação de sua sexualidade e gênero.

Nesse sentido que Judith Butler desenvolve a teoria da performatividade, contestando toda tentativa de fixar as identidades sexuais e sugerindo a reflexão sobre as identidades sexuais e de gênero por meio de seu caráter performativo e instável. Esse caráter performativo vai se dar através de atos que criam/recriam realidades ao remeter discursos, normas, ou seja, “a performatividade deve ser compreendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (2001, p. 154).

Portanto, busca-se a compreensão dos processos de construção de identidades a partir de referências, sem cair no equívoco da explicação essencialista. Bento vai indicar que é “necessário analisar deslocadamente a sexualidade do gênero, o gênero do corpo-sexuado, o corpo-sexuado da subjetividade e a sexualidade do corpo-sexuado” (2006, p. 79). Ou seja, a

teoria vai questionar as relações entre gênero, sexualidade e identidade, observando o corpo enquanto um constructo permanente de significações. Embora vinculados aos estudos de gênero, os estudos queer irão tomar como objeto de análise “a dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais” (MISKOLCI, 2009, p. 151), pensando-a através das noções de multiplicidade, dessencialização, autenticidade das sexualidades “anormais” e dos dispositivos da sexualidade. O olhar também é direcionado para a análise “daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais” (SEIDMAN, 1996, p.13).

A própria autodenominação “queer” pode ser tomada como um posicionamento dos estudos, pois se trata de um termo linguístico que objetiva construir um sujeito desmoralizado, ao relacioná-lo á anormalidade, a perversão e o desvio. Segundo Butler, “queer adquire todo seu poder precariamente através da evocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (2002, p. 61), isso reflete o “pacto” de construir uma análise da normatização da sexualidade que debata as questões da estabilidade/instabilidade na performatividade.

São esses estudos que capacitam todos aqueles designados como anormais, desviados e perversos – as travestis, as drag queens, os drag kings, os/as transexuais, as lésbicas, os gays, os bissexuais – enquanto indivíduos que constroem suas identidades pelos mesmos processos dos “normais”. Inegavelmente, o referente da binariedade está presente, no entanto, ele é apenas a matriz de construção de sentidos, sendo estes são operados para os sujeitos que fluem entre os gêneros.

Tais análises encontram nos conceitos desenvolvidos por Derrida (1991) de complementaridade e desconstrução, grandes contribuições. O conceito de complementaridade argumenta que os significados são denotados de uma articulação das diferenças baseada em uma lógica de presença e ausência, logo, pressupõe-se que aquilo que se pensa externo ao sistema é constituinte interno do mesmo e aquilo que se pensa natural, na verdade, é histórico. Nessa perspectiva, a heterossexualidade necessita da homossexualidade para a própria definição, de tal forma que o sujeito heterossexual define-se em oposição ao sujeito gay, enquanto àquilo que não é. Já a desconstrução consiste no processo de análise que torna relevante o implícito na oposição binária, ou seja, desconstruir é apontar a dinâmica de presença e ausência, enquanto a complementaridade é “o efeito da interpretação porque

oposições binárias são reatualizadas em todo ato de significação, de forma que estamos sempre dentro de uma lógica binária e toda vez que tentamos quebrar, terminamos por reinscrever em suas próprias bases” (MISKOLCI, 2009, p. 154).

Refletindo a teoria dos atos de fala, Butler desenvolve a teoria da performatividade, considerando que “um ato performativo é aquela prática discursiva que efetua ou produz aquilo que ela nomeia” (2001, p. 167), ou seja, a linguagem funciona, não apenas como descrição da realidade, mas, principalmente, como produtora de realidades. O sujeito ao realizar uma performance de identificação de gênero, sexo ou sexualidade, operacionaliza isso através de uma negação que produz um campo de abjeção, sem o qual não é possível uma identidade. “Trata-se de um repúdio que cria a valência da ‘abjeção’ — e seu status para o sujeito — como um espectro ameaçador” (BUTLER, 2001, p. 156). Nessa dinâmica, a identidade é forjada por meio da exclusão produtora de um exterior constitutivo do sujeito, ou seja, um exterior que é fundante do próprio sujeito.

Assim, as performances de gênero serão produtoras e produtos de uma rede de vigilância de tal forma que elas fazem o dispositivo da sexualidade atuar como discurso a partir do momento que reiteram as normas de gênero. Portanto, ao reiterar realidades, as performances geram uma série de efeitos regulatórios nas identidades. Nesse contexto, deve se conceber o corpo não como um simples suporte de significados, mas como uma linguagem. Segundo Augé (1987), os eventos sociais mais elementares que são significados culturalmente - nascimento, reprodução, morte – são localizados no corpo. Ainda, os significados sociais do feminino e do masculino são, em grande parte, materializados no corpo, assim, a produção de uma identidade de gênero/sexual tangencia o corpo.

Todavia, mesmo que o corpo tenha uma posição privilegiada nesse processo, Weeks aponta que “a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo” (WEEKS, 2001, p. 38). Assim, pensa-se aqui num corpo instável, retocável, plástico, o que permite que as performances de gênero possuam grande diversidade de maneira que a estética apropriada a este ou aquele gênero será a estratégia de autenticidade diante à ordem dimórfica de gêneros.

1.3.1 Desconstrução do Essencialismo

A manga chupando o cão e outras desconstruções necessárias.

Uma das principais críticas da teoria queer, é o reflexo da tradição cartesiana de polarizar corpo e mente. Benedetti caracteriza muito bem essa relação ao afirmar “a mente/alma ocuparia um lugar mais próximo da cultura, porque inventiva, criativa, artificial,

em contraposição ao corpo, identificado com as qualidades naturais e imutáveis da biologia” (2005, p. 53). A partir dessa fixação do corpo enquanto natural e imutável biologicamente procura-se por uma essência interior ao sujeito que daria sentido à suas identidades. Contudo, esse enfoque descomplexifica o mundo transforma os indivíduos em “produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 2001). Além disso, diferentes grupos sociais – travestis, ursos, bodybuilders – irão localizar no corpo os principais significados da sua identidade, de tal modo que há um investimento para que possam ostentar aquele corpo valorizado.

Bourdieu (1994, 1995, 2009) vai situar no corpo, o principal lugar da cultura, pois, é nele que se estabelecem os modelos de percepção do mundo, desenvolvidos por meio das estruturas culturais de cada grupo. Segundo o autor, a cultura é absorvida por meio de um processo de *habitus*, ou seja, da naturalização da cultura. Portanto, não existe um corpo puramente biológico que é regido por leis naturais, uma vez que, no seu nível mais “orgânico”, o corpo é um produto sociocultural e esta noção de um corpo regido por leis naturais é uma das representações sociais do mesmo. Essa conformação sociocultural se dá através da incorporação dos sentidos culturais das práticas, crenças e relações que sustentam as estruturas do universo de cada grupo, portanto, a cultura não se coloca como uma composição simbólica que pesa sobre o corpo, e sim, no corpo.

Clastres afirma “a marca proclama com segurança o seu pertencimento ao grupo” (1988, p. 128), assim, o autor considera o corpo como reflexo da cultura de um grupo. Igualmente, o corpo tem uma autoridade nas dinâmicas culturais e sociais, sendo que aquelas normas e signos identitários que o vinculam ao grupo são “marcados” nos corpos. Scheper-hughes e Lock (1987) desenvolvem o conceito de “mindful body” como forma de denominar o corpo enquanto produto simultâneo da cultura e da natureza e dividido em um nível individual, outro social e outro político. Já Csordas desenvolve o conceito de embodiment para denominar a participação do corpo na significação de diversas práticas sociais. Segundo ele, o corpo é “a base existencial da cultura” (2008, p. 124), assim, o corpo não é mero suporte de significados, mas concebe tais significados. É por meio do corpo que os sentidos de masculinidade e feminilidade se materializam.

Portanto, pode-se concluir que as noções de estabilidade dos corpos e do corpo como suporte de comunicação é embasada em uma fantasia que pressupõe “os corpos dizem o que eles querem dizer e querem dizer o que eles dizem” (BRITZMAN, 2001, p. 87) ou nas palavras de Siqueira “a norma de gênero repete que somos o que nossas genitálias informam” (SIQUEIRA, 2006, p. 13). Além disso, o corpo não tem um significado essencial devendo ser

compreendido como uma construção histórica. Sendo a materialidade do corpo, um efeito do dispositivo da sexualidade, ou seja, o sexo, antes de ser aquilo que alguém é, é a norma pela qual alguém se torna viável no contexto das normas de gênero. Há uma rede simbólica de normas que indicam que o sexo é reflexo do corpo, que o gênero deve estar vinculado a isso e o desejo sexual é heterossexual, contudo, tais valores não surgem por si só em cada indivíduo, as performances de gênero “autênticas” desempenharão operações constantes de reiteração e repetição dos códigos sexuais considerados socialmente aceitáveis e naturais, enquanto, aquelas performances que não reproduzem esses valores são colocadas à margem.

Ao observar os gêneros na perspectiva das diferenças sexuais, é implícito que toda construção social carece do pressuposto do sexo, sendo que seria um estágio pré-social, contudo, deve-se analisar sexualidade e gênero como categorias independentes e, nesse sentido, Butler critica a ideia de gênero como significado social do sexo:

“Se o gênero consiste dos significados sociais que o sexo assume, então o sexo não adquire significados sociais como propriedades aditivas, mas, ao invés disso, é substituído pelos significados sociais que adota; o sexo é abandonado no curso dessa assunção e o gênero emerge não como um termo em uma permanente relação de oposição ao sexo, mas como um termo que absorve e desloca o “sexo”, a marca de sua substanciação plena no gênero ou aquilo que, do ponto de vista materialista, pode constituir uma plena dessubstanciação” (BUTLER, 2001, p. 158)

Ao ser desconstruída, a relação entre corpo e gênero revela diversos graus fundantes da identidade que irão constituir distintas disposições externas a matriz binária de gêneros. A relação corpo/natureza e gênero/cultura não faz sentido e também não há, necessariamente, uma concordância entre gênero, sexualidade e corpo. O sexo é aquilo que garante inteligibilidade aos corpos, logo, não existe quaisquer “essências” pré-sociais. Além disso, “a perspectiva normativa sobre a sexualidade, ao tentar fixar certas identidades sexuais através do saber, impede que compreendamos que nossa conduta sexual é uma prática e não uma janela através da qual estaríamos limitadas a descobrir nossa verdadeira e racional identidade” (BRITZMAN, 2001, p. 106).

Segundo Foucault (1993), a sexualidade pode ser pensada como uma rede, na qual, estratégias de saber e poder vinculam os corpos, os prazeres, o discurso e o conhecimento especializado e os controles e resistências, uns aos outros. Já Butler considerar o sexo como um “ideal regulatório”, que tem sua consolidação através de práticas sob constante regulação. Conforme a autora, “o conceito de sexo tem uma história que fica ocultada pela figura do lugar ou da superfície de inscrição” (BUTLER, 2001, p. 157). Segundo ela, ao alegar que o

discurso é formativo do corpo, isso não quer dizer que o corpo se origina do discurso e sim, que quaisquer menções ao corpo serão conformações discursivas sobre ele. Assim, o que constitui o corpo, seus contornos e movimentos, é um efeito do poder. O corpo e o sexo existem em espaços já determinados culturalmente e reiteram as interpretações dessa rede de normas da cultura.

Ao se pensar na situação do homossexual, enquanto invenção social do século XIX, afinal “antes do século XIX, a "homossexualidade" existia, mas o/a "homossexual" não” (WEEKS, 2001, p. 65), pode-se pensar nas identidades como efeitos do conhecimento. Por efeito do conhecimento, pensa-se aqui aquele movimento que Miskolci descreve “a sexualidade tornou-se objeto de sexólogos, psiquiatras, psicanalistas, educadores, de forma a ser descrita e, ao mesmo tempo, regulada, saneada, normalizada por meio da delimitação de suas formas em aceitáveis e perversas” (2001, p. 153), ou seja, o conhecimento é organizado de forma a dissimular a produção social da identidade por meio da naturalização da mesma. Todavia, o que é invocado como conhecimento “natural” das sexualidades e dos gêneros, na verdade, é uma realidade mutável e diversa.

É irônico pensar que o nascimento do homossexual é o que vai colocar indivíduos à margem por meio de sua nomeação enquanto tal, entretanto, é essa mesma nomeação/identidade que será mobilizada pelos movimentos sociais em busca de cidadania. Butler analisa essa dinâmica e considera “a persistência da desidentificação seja igualmente crucial para a rearticulação da contestação democrática” (BUTLER, 2001, p. 156). Haraway ao analisar as estratégias do feminismo denuncia que o ato de nomeação gera uma exclusão. Pois ao se perceber que as identidades, sejam de gênero, raça, classe, são socioculturalmente construídas na história e permanecem contraditórias, parciais e estratégicas, essas identidades não podem ser mobilizadas como uma forma de unidade entre os sujeitos.

1.3.2 Performances de Gêneros e Matriz Heteronormativa

BATCHY CABELO!

As identidades sexuais e de gênero estão inseridas em um contexto de organização social da sexualidade através de valores, práticas e significados culturais moveis e instáveis, sendo assim, constantemente, reinterpretados e ressignificados diante conjunturas históricas complexas. O dispositivo da sexualidade é um produto construído através da história enquanto um emaranhado de discursos que normatiza e gera saberes sobre o sexo. Portanto,

na medida em que as representações sociais dos gêneros são reinterpretadas e, posteriormente, naturalizadas, elas se conformam enquanto idealizações de gênero. Estas são os paradigmas que delimitam aquelas masculinidades e feminilidades apropriadas, sendo reflexos da ideia de dimorfismo e complementariedade heterossexual dos corpos. Assim, o dimorfismo, a heterossexualidade e as idealizações de gênero serão os princípios balizadores do que Butler (2001; 2007) chama de “normas de gênero”.

Segundo a autora, os saberes naturalizados sobre sexo e gênero operam enquanto uma delimitação preventiva da realidade, ou seja, as normas de gênero “determinam o que será inteligivelmente humano e o que não, o que se considerará ‘real’ e o que não, estabelecem o campo ontológico no qual se pode atribuir aos corpos expressão legítima¹⁹” (BUTLER, 2007, p. 28-29). Dessa forma, o sexo e o gênero não funcionam apenas como uma constatação sobre alguém, mas, são intensamente conformados por práticas discursivas. Portanto, elas funcionam enquanto as normas pelas quais “‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2001, p. 154-155).

A performance de gênero se operacionaliza a partir de modos excludentes de tal forma que não apenas o humano é construído como o “não inumano”, mas por meio de “um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais, os quais, estritamente falando, recusam a possibilidade de articulação cultural” (BUTLER, 2001, p. 161). Entretanto, essas sexualidades marginalizadas permanecem presentes na relação, uma vez que, a identidade heterossexual hegemônica se constitui a partir dos limites do “humano”. Porém, além de delimitarem o “humano”, essas sexualidades “desviantes” permanecem como uma iminência de perturbação e/ou rearticulação de fronteiras.

Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são "sujeitos", mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas "inóspitas" e "inabitáveis" da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do "inabitável" é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual — e em virtude do qual — o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida (BUTLER, 2001, p. 155).

¹⁹ Tradução feita pelo autor do original: “determinan lo que será inteligiblemente humano y lo que no, lo que se considerará ‘real’ y lo que no, establecen el campo ontológico en el que se puede atribuir a los cuerpos expresión legítima”.

Portanto, as normas de gênero se constituem enquanto ordens regulatórias que determinam os limites da sexualidade sob a ameaça de abjeção, não inteligibilidade e perversão. Assim, aqueles indivíduos que esquivam esse binarismo do dimorfismo sexual tendem a ser considerados abjetos/pervertidos, sendo classificados como exteriores à categoria do humano.

Nesse contexto, a performatividade se insere enquanto uma estratégia atualizada nas práticas cotidianas que os sujeitos operacionalizam enquanto uma tentativa de serem reconhecidos em um dos gêneros. Conforme Butler (2001; 2007), as performances de gênero consistem em interpretações das normas, continuamente reiteradas de forma a fazer o indivíduo enquanto autêntico dentro de um gênero, ou seja, é uma série de ações constantemente revisadas e vigiadas a partir da perspectiva da matriz heteronormativa. Logo, a performance não é entendida como um ato particular, mas, como uma série de atos de reiteração de um conjunto de normas. Além disso, logo recebido o status de ação no presente, ela dissimula as normas que ela repete e reitera.

A matriz de valores heteronormativos provém seu poder na medida em que ela é citada enquanto “a norma”. Contudo, esse poder também vai ser produto das próprias citações que ele impõe, logo, “a citação da lei é precisamente o mecanismo de sua produção e articulação” (BUTLER, 2001, p. 169). Nas palavras de Derrida:

Poderia um enunciado performativo ser bem-sucedido se sua formulação não repetisse em um enunciado "codificado" ou iterável ou, em outras palavras, se a fórmula que pronuncio para abrir uma sessão, lançar um barco ou efetuar um casamento não fosse identificável como conforme a um modelo iterável, se ela não fosse, pois, identificável de alguma forma, como uma “citação”? [...] Nesta tipologia a categoria de intenção não desaparecerá, ela terá o seu lugar, mas a partir deste lugar, não poderá mais comandar todo o sistema e toda a cena da enunciação (1991, p. 18).

Então, as normas que regulam a sexualidade serão regras a partir do fortalecimento de sua idealização enquanto tal em cada reiteração, estas virtualmente conduzidas pela própria norma de gênero. A construção e circulação da norma não é um momento particular ou um processo operacionalizado por um sujeito, mas, um processo de reiteração através do qual os sujeitos e performances ganham sentido, visto que, não há um poder fixo, mas, um poder que persiste em reafirmar-se enquanto tal.

A própria noção naturalizada de sexo e gênero como essências interiores aos sujeitos pode ser caracterizada enquanto uma estratégia de normatização. Pois, a performatividade de

gênero acontece como que em uma metalepse, uma vez que, a expectativa de uma essência “acaba produzindo o fenômeno mesmo que antecipa²⁰” (BUTLER, 2007, p. 17). A performatividade é um ritual que alcança seu efeito a partir de sua naturalização.

Butler comenta sobre os saberes médicos enquanto tecnologias de regulação da sexualidade como as ecografias que transformam a criança (“assexuada”) em “ele” ou “ela”, ou seja, através da nomeação, ela é inserida na linguagem que reflete a heteronormatividade. Trata-se de implantar o processo de transformação do “menino” em menino, esse processo nunca se completa, pois, várias autoridades realizam investimentos significativos de reiteração das normas de gênero, seja legitimando ou denegando os sujeitos, seja produzindo discursos distantes e contraditórios. A nomeação funciona de maneira a reforçar as fronteiras do “humano”. Louro caracteriza esses investimentos como “uma pedagogia [que] aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias” (2001, p. 25).

Esse processo iniciado antes mesmo do indivíduo nascer é experimentado por homens e mulheres por toda vida. No entanto, na cultura ocidental contemporânea, a produção da identidade masculina vincula-se a uma intensa vigilância das demonstrações de afeto entre meninos, em comparação às meninas. Louro constata que “as expressões físicas de amizade e de afeto entre homens são controladas, quase impedidas, em muitas situações sociais” (2001, p. 27). Isso reflete os processos sociais operacionalizados como delimitadores da norma e da consonância com um padrão de masculinidade. Entretanto, a existência de uma matriz dominante não exclui a possibilidade de representações divergentes circularem e, inclusive, causar efeitos sociais.

Mesmo que sejam representações, algumas delas assumem tamanha visibilidade ao ponto de não serem mais percebidas enquanto representações, sendo tomadas como realidades (constituindo tal matriz). Aqueles que apresentam as características valorizadas pela cultura, ou seja, aqueles que tomam os lugares principais – homem, heterossexual, branco, cristão, de classe alta, etc – possuem não somente a oportunidade de gerar representações de si, como também dos outros. Isso se dá de tal forma que Britzman pondera que “há grupos que são alvos dessa construção — grupos que são incluídos ou não na definição daquilo que é considerado apropriado” (2001, p. 104). Já Haraway vai ressaltar que os rearranjos sociais que surgem a partir disso estão, frequentemente, ligados “à formas virulentas de opressão, as

²⁰ Tradução feita pelo autor do original: “acaba produciendo el fenómeno mismo que anticipa”.

quais, em face da violência existente, são nostalgicamente naturalizadas” (2000, p. 89). Assim, as diversas formas de ser masculino/feminino e as distintas práticas sexuais são constantemente insinuadas e promovidas na sociedade e são ciclicamente reguladas, legitimadas ou marginalizadas.

Esse processo complexo de construção de conhecimento que naturaliza as identidades sexuais é intensamente marcado por abalos, incoerências e fragilidades, por isso há uma tentativa de se impor uma identidade “normal” e estável ancorada na identidade heterossexual. Portanto, a regulação das sexualidades é estruturada a partir do dualismo homo/hetero, de maneira a tomar a heterossexualidade como “natural”, enquanto a homossexualidade é seu abjeto. Por meio disso, a heteronormatividade torna-se compulsória, ou seja, supõe-se que os indivíduos “naturalmente” escolham alguém do sexo oposto como parceiro, enquanto quem não o faz, passa a compor o espaço da perversidade e anormalidade.

Deste modo, podemos perceber que àqueles com sexualidades/gêneros divergentes da norma heterossexual, restam as alternativas do silêncio, da dissimulação ou da segregação (LOURO, 2001, 2004). A construção da heterossexualidade é vinculada a negação da homossexualidade que pode ser expressa na homofobia, enquanto mecanismos de proibição e/ou regulação das relações amorosas/sexuais entre pessoas de mesmo sexo, ou na padronização dos mesmos pelo dispositivo da heteronormatividade. Então, ela não vai conformar apenas os sujeitos localizados no espaço “natural” da heterossexualidade, mas, funcionará como um dispositivo da sexualidade que tem por desígnio “formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade” (MISKOLCI, 2009, p. 157).

Segundo Richard Miskolci (2009), a indução do padrão social baseado na heterossexualidade pode ser dividida em dois momentos históricos. Ele afirma que entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, vai estar presente a “heterossexualidade compulsória”, sendo a homossexualidade construída enquanto patologia e crime, de tal forma que, os saberes em torno da sexualidade agiam como práticas normalizadoras que recorriam à internação psiquiátrica, ou mesmo, a prisão. A partir da despatologização (1974) e descriminalização das práticas homossexuais, desde a segunda metade do século XX, dominará a heteronormatividade, não com o objetivo de tornar homossexuais em heterossexuais, mas, como regulação e “normalização” de suas vidas conforme o modelo heterossexual, ou seja, como uma tentativa de que gays e lésbicas vivam

como heterossexuais. Neste ponto, que se ancora a discussão e crítica queer sobre o casamento gay²¹.

Portanto, a normatização opera circunscrevendo o padrão “natural” da sexualidade e, por sua vez, os sexos serão conformados por uma dinâmica de poder vinculada às normas de gênero. Dessa forma, a performatividade de gênero não deve ser pensada de forma independente à reiteração das normas, assim, a compreensão da performatividade deve ser como a reinterpretação do discurso que regula a própria origem da performance. Além disso, as ações tomadas frente a esse regime não podem ser tomadas como escolhas, pois é necessário se pensar o processo de apropriação das normas como “formador” do sujeito, uma vez que, o identificar-se em um sexo/gênero torna-o apto a inteligibilidade cultural, contudo, tal identificação não é executada estritamente pelos sujeitos.

Ou seja, pensar a sexualidade contemporânea é refletir sobre a complexidade dos processos de identificação de sexos e gêneros vinculados aos discursos norteados pela matriz heterossexual que promove determinadas identidades e recusa outras.

1.3.3 As Brechas da Matriz

O discurso sobre o sexo vai gerar idealizações e o domínio do abjeto, de modo que ao realizarem movimentos performaticamente interpretando as normas de gênero, os sujeitos evocam as idealizações enquanto tentam se afastar do abjeto. Contudo, essas mesmas interpretações abrem espaços nas normas de gênero nos quais o sujeito abjeto pode disputar e, até mesmo, dissolver a matriz heteronormativa. No entanto, o domínio do abjeto deve ser pensando enquanto “um recurso crítico na luta para rearticular os próprios termos da legitimidade e da inteligibilidade simbólicas” (BUTLER, 2001, p. 156). Assim, deve-se olhar a cultura “não como um objeto sagrado e venerado a ser protegido e preservado, mas como um local altamente contestado e contraditório, no qual o descontentamento e o descontente são produzidos” (BRITZMAN, 2001, p. 106), uma vez que, a cultura vai ser o espaço onde a sexualidade vai recusar a fixidez dos limites de gênero e sexuais.

A constituição do dispositivo da sexualidade não se dá enquanto um processo definido na história, nem é consequência da ação de um sujeito que tenha resultados determinados, mas, um processo temporal que opera através da reiteração, assim, nesse fluxo, o sexo é fundado e pode ser desestabilizado. Os sexos e os gêneros adquirem o status de “naturais” por

²¹ Ver mais em Butler, 2003.

meio do ritual da reiteração, mas este apresenta fendas, que são os espaços instáveis desse processo, é aquilo que esquiva o dispositivo, aquilo que as normas de gênero não conseguem fixar ou regular.

Mesmo que as culturas busquem fornecer categorias e rótulos para enquadrar as diferentes experiências sexuais e afetivas, as relações entre as identidades sexuais, o corpo e as experiências sexuais é variável e complexa. A sexualidade é um movimento exterior a cultura, ou nas palavras de Britzman, “a sexualidade não segue as regras da cultura, mesmo quando a cultura tenta domesticar a sexualidade” (BRITZMAN, 2001, p. 89).

Ainda podemos pensar as políticas públicas de saúde enquanto resgates do conhecimento médico-científico para regular a sexualidade. Mesmo que de uma forma camuflada entre termos científicos, o Estado intervém na normatização da sexualidade através do desenvolvimento das políticas de saúde pública. Contudo, segundo Britzman, o conhecimento moderno produz aparatos que tentam “dominar” o corpo através dos significados dados ao sexo, no entanto, o corpo resiste a essa dominação e acaba por modificar o conhecimento.

Dessa forma, as próprias tentativas de normatizar a sexualidade criam as próprias fendas que podem desestabilizar essa normatização, ou seja, “a mobilização das categorias do sexo no interior do discurso político será assombrada, sob certos aspectos, pelas próprias instabilidades que as categorias efetivamente produzem e integram” (BUTLER, 2001, p. 156).

De certa forma, podemos perceber que na sociedade contemporânea, há um consenso pelo “bom mocismo” de algumas pessoas se permitirem aceitar identidades e práticas sexuais e de gênero distintas, contudo, essa aceitação permanece desde que essas identidades e práticas permaneçam no armário, ou seja, escondidas, sendo vividas apenas na intimidade. Segundo Louro, “o que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não-heterossexuais” (2001, p. 30).

Contudo, conforme Britzman (2001), as artes em geral – literatura, cinema, arte, música – não possuem quaisquer compromissos de estabilizar as normas, muito pelo contrário, diversas vezes, a arte vai buscar explorar exatamente as fissuras e falhas do dispositivo da sexualidade. Exemplos disso são as personagens tradicionalmente complexas de Almodóvar, ou os excêntricos personagens de *Shortbus*²². No cenário brasileiro, é interessante a observação que Trevisan faz da geração de artistas dos anos 80/90, composta por Cassia Eller, Cazuza, Renato Russo, Ney Matogrosso, Edson Cordeiro, entre outros:

²² SHORTBUS. John Cameron Mitchell, Howard Gertler. Nova Iorque: THINKFilm, 2006.

seus expoentes criaram algo como uma teia de vasos comunicantes, com contemporâneos e antecessores ligados a uma expressão cultural homo, para compor um ruído subterrâneo que começa em Caetano Veloso, prossegue com Ney Matogrosso e vai tomando corpo até se tornar um grito nacionalmente proferido, na voz de Cazuza: “Brasil, mostra tua cara”. De fato, tal tem sido a tarefa dessa geração de artistas homossexuais de ambos os sexos: mostrar uma outra (dura e camuflada) face do Brasil (2007, p. 319)

Esses movimentos de desestabilização das normas apesar de não serem exclusivos das artes, nelas, encontram uma maior expressividade social de tal forma que esses espaços de expressão são utilizados como presença dos grupos subordinados. Em outras palavras, na política de identidades contemporânea, esses movimentos representam uma luta para situar um modo de vida, antes marginal, na igualdade com aquelas éticas promovidas pelas normas, podendo dessa forma existir publicamente.

No entanto, Louro aponta que “todas as formas de expressão social que tornam visíveis as sexualidades não legitimadas são alvo de críticas, mais ou menos intensas, ou são motivo de escândalo” (2001, p. 30). Ou seja, reapropriando-se da forma simplificada da terceira lei de Newton, “toda ação tem uma reação”, o surgimento de uma livre expressão dos grupos marginais acarreta uma renovação dos apelos conservadores do núcleo. Este procura novas e atraentes maneiras de recrutar indivíduos, tal qual o caráter comercial que certas religiões assumem no Brasil, e, assim, resgatar valores e práticas remotas.

Contudo, esse discurso conservador não é único nem absoluto. Por entre as lacunas deixadas na formação de uma normatização da sexualidade, emergem discursos divergentes que tentam se impor, em meio a contestações e controvérsias. Membros de subculturas sexuais são fundamentais na organização dos modos pelos quais a sexualidade é compreendida. A diversidade de subculturas sexuais possíveis tem desafiado a fixidez das normas de gênero por meio das expressões simbólicas e da ocupação do espaço público²³. Parker caracteriza isso como “a potencialidade de diversas culturas e comunidades sexuais para remoldarem e reestruturarem os contornos de suas próprias experiências” (2001, p. 144). Nas brechas que escapam ao poder regulatório, aquelas identidades colocadas à margem vem afirmar-se, político e publicamente, enquanto formas autênticas de sexualidade humana.

Assim, surge a noção dos modos pelos quais as identidades de gênero e práticas sexuais não normativas questionam a estabilidade da regulação da sexualidade. Contudo, Butler (2007) aponta que há o risco iminente das práticas subversivas serem absorvidas pela

²³ BRANT, 1985; KENDRICK, 1987; PEISS E SIMMOKS, 1989.

cultura de mercado que atribui à subversão um valor mercadológico, assim, o que antes questionava o discurso hegemônico converte-se em chavões monótonos e repetitivos. Além disso, “o gênero pode tornar-se ambíguo sem alterar nem reorientar a sexualidade normativa. As vezes, a ambiguidade de gênero intervém precisamente para reprimir ou desviar a prática sexual não normativa para, de essa forma, conservar intacta a sexualidade normativa²⁴” (BUTLER, 2007, p. 16). Assim, não há porque determinar quaisquer tipos de correlações entre identidades de gênero, práticas sexuais e orientações sexuais, pois essas práticas sexuais podem se articular de mais diversas formas possíveis.

1.3.4 A Diversidade de Personagens Transex e Intersex

tá pensando que travesthy é bagoonça?

Ao adotar a perspectiva que existem elementos e características estigmatizantes que irão determinar lugares marginais aos sujeitos “anormais”, é importante ponderar que tais indivíduos, apesar de serem colocados à margem, são socializados na mesma cultura que os demais, assim, “também participam e compartilham dessa lógica cultural que exclui alguns sujeitos e mantém outros em um local social um pouco mais confortável” (VENCATO, 2006, p. 289-290). A autora faz a consideração através de sua pesquisa com drag queens, contudo, neste trabalho toma-se a liberdade de ampliá-la a todos os personagens do universo trans. Até mesmo porque, independente da autodenominação enquanto travesti, Katylene configura como o que poderia chamar-se de uma “nova categoria de personagens trans”. Adota-se o termo trans para referir-se às diversas transformações de gênero, de forma que se possa abranger os diferentes gêneros polivalentes ou transformados e, portanto, contemplar assim aqueles que embaralham as fronteiras do gênero sem que se caia na armadilha de exotizar ou vitimizar indivíduos (BENEDETTI, 2005).

Segundo Benedetti, na primeira metade do século XX, já surgem as primeiras tentativas de descrição e explicações sobre os “gêneros alternativos” a partir da constatação da existência das berdaches nas sociedades nativas da América do Norte. As berdaches eram homens afeminados que vestiam e comportavam-se como mulheres, desempenhando funções destinadas à elas e relacionavam-se sexualmente com outros homens, no papel passivo. Por serem indivíduos não categorizáveis na dualidade de gêneros, eram tidos como pessoas como

²⁴ Tradução feita pelo autor do original: “el género puede volverse ambiguo sin cambiar ni reorientar en absoluto la sexualidad normativa. A veces la ambigüedad de género interviene precisamente para reprimir o desviar la práctica sexual no normativa para, de esa forma, conserva intacta la sexualidad normativa”.

abençoadas pelas divindades e possuidores de uma dupla essência masculina e feminina, assim, eram mais completos em comparação àqueles que eram machos ou fêmeas. Nessas sociedades, a noção de divindade associada garantia lugares sociais distintos e legítimos dentro da cultura, comumente, desempenhando papéis de conselheiros espirituais, curandeiros, adivinhos e xamãs. Também foram identificados gêneros alternativos em outras civilizações, como o caso das mahu no Taiti (LEVY, 1971), das xanith de Omã, (WIKAN, 1978), das panema entre os guaiiqui do Paraguai (CLASTRES, 1988) e das fa'afafine de Samoa (MAGEO, 1992).

Em nível de senso comum, não é rara, a confusão entre as virtuais categorias do universo trans, contudo, em seu trabalho, Benedetti (2005) faz uma interessante diferenciação entre as travestis, que modificam o corpo à parecer com o das mulheres, vivem cotidianamente como pertencentes do gênero feminino, sem almejar a transgenitalização. Já os/as transexuais, que além das modificações corporais e viver determinado gênero, anseiam pela transgenitalização, enquanto as transformistas (drag queens, ou mesmo, drag kings), realizam leves intervenções corporais (facilmente reversíveis) usando roupas de outro gênero apenas em ocasiões específicas, como shows e desfiles.

Para além e de forma relativa à cirurgia de transgenitalização, a principal diferenciação entre as travestis e as transexuais reside na sua relação com as genitálias, pois, enquanto as primeiras fazem uso de seus órgãos genitais, as últimas renegam tanto a genitália quanto o sexo biológico, ou nas palavras de Benedetti, “as transexuais definem-se pela negação das travestis, isto é, as primeiras não querem aquilo do qual as segundas usufruem” (2005, p. 113). Dessa forma, á medida que as travestis autocategorizam-se em um gênero instável e ambíguo (até mesmo pela fluidez de seus papéis sexuais ativos e passivos), os/as transexuais se representam em um gênero estável e desambíguo. Nesse ponto, Berenice Bento critica a pertença dos/as transexuais aos movimentos sexuais (gays e lésbicos), pois, a situação dos mesmos não se trata de uma questão sexual, mas sim, de gênero. “O/A transexual pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual – isso não abala o sentimento de não-pertencimento ao gênero em que seu sexo o/a posiciona” (BENTO, 2006, p. 31). Ou ainda, como afirma Siqueira, “a transexualidade é uma experiência que está localizada no gênero” (2006, p. 15).

No caso dos/as drags e das travestis, o debate acerca do travestismo²⁵ trazido por Butler (2007) de forma a explicitar o caráter performativo do gênero e exemplificar que tal

²⁵ Entendido nesse contexto como a prática também chamada de "cross-dressing", assim, delimita-se ao ato de vestir roupas ou usar objetos associados comumente ao sexo oposto, sem quaisquer relações à sexualidade ou à modificações corporais por meio de hormônios ou cirurgias.

processo nem sempre tem um caráter subversivo. Segundo a autora, ao perceber um sujeito travestido, toma-se o sexo biológico como o “verdadeiro gênero”, sendo, “o gênero aparente”, uma ilusão, uma falsidade. Dessa forma, os/as drags e as travestis se aproximam da condição do “folião travestido” enquanto o que Benedetti sintetiza como “homem disfarçado de mulher” (2005, p. 72).

Essa tendência a creditar-se o verdadeiro gênero aos ditames do corpo biológico se dá através do conhecimento naturalizado conferido por uma série de inferências socioculturais provenientes da matriz heteronormativa. De fato, há uma disposição de deduzir o gênero de um indivíduo por meio do virtual conhecimento sobre sua anatomia, ou mesmo, de outros elementos mais “sociais” – vestimentas, gestualidade, etc. -. Contudo, ao substituir o travestismo pela transexualidade, o referencial do corpo rompe com qualquer alicerce antes fornecido aos juízos efetuados. Os corpos operados, retocados, inconclusos, transicionais colocam em questão a garantia das interpretações possíveis, enquanto aquelas inferências socioculturais se tornam falhas ao definir o que é real ou irreal nos gêneros e o conhecimento naturalizado é desconstruído frente a uma realidade instável. Portanto, é neste momento que as performances de gênero subvertem a ordem heteronormativa.

Nos relatos obtidos a partir de seu trabalho etnográfico com as travestis, Benedetti identifica que essa virtual verdade imutável e interna às travestis é acionada como justificativa para suas construções sociais, como se existisse um núcleo central que os moldasse. De certa forma, isso funciona como uma estratégia de tornar-se aceitável, pois, ao relacionar os “desvios” à causas orgânicas/naturais, as travestis esquivam o estigma de sua condição.

Já em seu trabalho sobre drag queens, Anna Paula Vencato considera a “drag como alguém que potencialmente põe em risco o padrão hegemônico de masculinidade” (2006, p. 284), até mesmo porque, conforme a autora, elas são intimamente vinculadas à homossexualidade masculina, assim, esses indivíduos ligados ao cross-dressing acabam por serem extremamente estigmatizados. Contudo, Vencato aponta que mesmo que esses sujeitos desestabilizem a norma de sexo e gênero, eles/as reproduzem outras relações de hierarquização e exclusão.

Não obstante, ao contrário da imagem da matriz heteronormativa como algo contra o que os indivíduos excluídos afrontam, alguns pesquisadores queer tem demonstrado que esses sujeitos comumente acabam se norteando a partir dela, exemplo disso é a díade ativo/passivo nos relacionamentos homossexuais (MISKOLCI; PELÚCIO, 2008). Berenice Bento vai considerar que “a transexualidade é uma experiência reprodutora dos estereótipos de gênero”

(2006, p. 32), no entanto, mais que isso, a autora vai indicar a transexualidade como uma experiência que potencializa os estereótipos de gênero.

Essa potencialização ocorre mesmo pelo contexto social, no qual estão inseridas as personagens trans, que pressupõe uma série de atos apropriados às performances de gênero. Assim, a transexualidade torna-se “uma forma de atualizar, nas práticas de gênero, interpretações sobre o masculino e o feminino” (BENTO, 2006, p. 22). O contexto social também constrói uma representação desse sujeito a partir da denominação de seus conflitos sob o termo “trans”. Esta representação é emblemática na medida em que funciona como uma categoria do “inclassificável”, ou seja, aquilo que, na verdade, não encontra categoria na qual se adequa, tornando-se assim, o que Bento chama de “a própria ‘coisa estranha’, aquilo que não [tem] nome, uma coisa, inclassificável, nem homem, nem mulher: a própria materialização do grotesco” (2006, p. 57).

Benedetti (2005) constrói ao longo de seu texto uma concepção do que denomina como um “feminino travesti”. Trata-se de uma construção de gênero bem característica que se orienta pelo feminino, contudo, não o mesmo das mulheres, tanto que as travestis comumente não procuram se igualar às mulheres. O autor traz a expressão “se sentir mulher”, interna à cultura trans, para definir essa concepção do feminino. Assim, há uma suposição de um caráter relacional de alteridade na construção do gênero da travesti, ou seja, o feminino da travesti ganha sentido em função do gênero do outro.

Nesse processo, os homens tem um importante papel, pois, em referencia a eles, as travestis se sentem mais femininas. Contudo, mesmo que o corpo e seus usos tenham um espaço elementar nesse processo, o desejo sexual orientado (ou não) aos homens não é um fator essencial na construção da identidade como mostra o paralelo feito por Benedetti entre as travestis americanas, às quais não importa o interesse erótico, e brasileiras, às quais “a questão de *ser viado* é onipresente em suas narrativas dos processos de transformação de gênero” (2005, p. 99). Além disso, o próprio domínio na masculinidade se faz necessário à performatização do “feminino travesti”, pois, consiste em um feminino não isento de masculinidade, pelo contrário, é uma “identidade de gênero” que se estabelece no fluir entre os espaços do masculino e do feminino tal qual o contexto dita os “graus de gêneros” pelos quais deve se configurar.

Desta forma, o gênero das personagens trans trata-se de uma construção orientada por diversos valores e práticas sociais atualizados nas performances desempenhadas em um processo que acontece de forma exterior e interior, marcado pelos corpos em cena, os usos e

valores vinculados. Inegavelmente, o gênero permanece em constante negociação e resignificação de maneira fluída. Trata-se de um marco que se quer definido e claro, no entanto, é, muitas vezes, um domínio confuso e borrado. Mesmo que analiticamente delimitem-se fronteiras entre a sexualidade e o gênero, em realidades empíricas como esta, a construção desses conceitos acontece em um jogo de estímulos e respostas entre as subjetividades dos indivíduos e os contextos, assim, num nível de saber banal, as construções de gêneros, tais como do “feminino travesti”, ocorrem de forma confusa frente a tais conceitos.

Portanto, o travestismo enquanto performance sexual pode não subverter a dinâmica da matriz heteronormativa, entretanto, ela não deixa de desviar as regulações por ela propostas ao instituir por si, um gênero alternativo aqueles duais propostos. Assim, jogando entre o feminino e o masculino, as personagens trans constroem para si uma categoria característica, que antes de ser a coisa grotesca, se coloca enquanto marco da instabilidade da norma.

2 DAS DIMENSÕES SOCIAIS DA TECNOLOGIA

Se no cotidiano das identidades e das identificações sociais podemos falar em performances, atualmente, nos espaços propiciados pelas tecnologias da comunicação, esses processos são potencializados. Por adotar esta perspectiva de desenvolvimento do trabalho, assim, problematizam-se os modos pelos quais os computadores, enquanto novas mídias, alcançaram “um estatuto primordial [...] de veículos para novas formas de conhecimento” (TURKLE, 1997, p. 69-70), de tal forma que instauram um novo modo como as pessoas se constituem e estabelecem as suas relações, acarretando alterações significativas, propiciando a emergência de outras formas sociais. Até mesmo porque “as tecnologias afetam a maneira como vemos o mundo, as nossas comunidades, nossos relacionamentos, e nossos eus. Eles levam a uma reorganização e reflexão social e cultural²⁶” (BAYM, 2010, p. 2).

Segundo Sodré, tais mudanças tem instituído o que ele chama de “uma nova dimensão psicossocial”, o autor caracteriza como “a transformação da politeia em techné” (2002, p. 160) o acréscimo, à ideia original de Aristóteles de uma vida decomposta em bios theoretikos (vida contemplativa), bios apolaustikos (vida prazerosa) e bios politikos (vida política), uma quarta esfera existencial do homem, a vida tecnologicamente estabelecida, na qual o diálogo da politeia é substituído pelo discurso tecnológico, o quarto bios, o bios virtual ou a techné.

Contudo, Nancy Baym alerta que para compreender de forma produtiva as alterações sociais produzidas pelas tecnologias, é necessária a reflexão sobre as aptidões de cada mídia. A autora indica sete ferramentas conceituais pelas quais se pode eficientemente confrontar as diversas mídias entre si, ou mesmo, à comunicação face-a-face, sendo eles: “interatividade, estrutura temporal, as “deixas” sociais, armazenamento, replicabilidade, alcance e mobilidade²⁷” (2010, p. 7). Segundo a autora, esses conceitos são os conceitos-chave para encontrar as diferenças entre as distintas formas de comunicação e, conseqüentemente, traçar um caminho ao entendimento dos modos pelos quais o surgimento de uma nova mídia pode ter conseqüências nas nossas conexões pessoais. Entender as ofertas díspares dos dispositivos midiáticos é acesso para apreender as implicações deles e, até mesmo, entre eles.

Contudo, não devemos recair no equivoco da “ameaça da nova mídia”, pois a relação entre a nova e a velha mídia, ao contrário de ser uma mera substituição, se dá pela

²⁶ Tradução feita pelo autor do original: “technologies affect how we see the world, our communities, our relationships, and our selves. They lead to social and cultural reorganization and reflection”.

²⁷ Tradução feita pelo autor do original: “interactivity, temporal structure, social cue, storage, replicability, reach, and mobility”.

“complexificação, do imbricamento de uma cultura na outra, uma ‘multiplexidade’, para usarmos a expressão de Poster, de diferentes princípios em um mesmo espaço social” (SANTAELLA, 2003, p. 78). Antes de serem suplantadas, as mídias mais tradicionais adaptam-se as novas realidades, encontrando, assim, um novo lugar.

para muitos, o aumento da quantidade de interações mediadas parece ameaçar a santidade dos nossos relacionamentos pessoais. para outros, as novas mídias oferecem a promessa de mais uma oportunidade para a conexão com mais pessoas, uma rota para novas oportunidades e relacionamentos mais fortes e mais conexões diversas. ambas as perspectivas refletem uma sensação que os meios digitais estão mudando a natureza das nossas relações sociais²⁸ (BAYM, 2010, p. 1).

À medida que as tecnologias de comunicação entram no nosso cotidiano, elas alteram desde nossa forma de pensar até mesmo nossa percepção da realidade. Santaella indica que a noção de ciberespaço vai se aludir à uma série de tecnologias que tem em comum “a habilidade para simular ambientes dentro dos quais os humanos podem interagir” ou mesmo, como a própria “realidade multidimensional artificial ou virtual globalmente em rede, sustentada e acessada pelo computador” (SANTAELLA, 2003, p. 99). De certa forma, podemos conceber que essas tecnologias são responsáveis por dada mutação “de uma sociedade industrial, orgânica, para um sistema polimorfo informacional” (HARAWAY, 2000, p. 65) de tal maneira que podemos imaginar o ciberespaço enquanto um “sistema ecológico do mundo das idéias, uma noosfera abundante, em transformação acelerada” (LÉVY, 2002, p. 14). Featherstone e Burrows empreendem uma tentativa de construir um paralelo entre três possíveis variantes do termo ciberespaço: a) redes de computadores b) simulações das interações por meio do uso de sistemas multimídias coordenados c) a própria realidade virtual que gera uma impressão de imersão na experiência multimídia (1996, p. 5).

Assim, a cibercultura vai ser designada como “um ‘espaço’ saturado pelas tecnologias digitais, onde as formas de vida e comunicação são continuamente modeladas pela lógica e pela materialidade das novas mídias” (FELINTO, 2007, p. 10), ou ainda, como o mesmo autor caracteriza em outro momento “um formação cultural permeada pela lógica do digitalismo” (FELINTO, 2006, p. 103). Assim, a cibercultura é uma formação cultural que parte de um entendimento informacional do mundo essencialmente impregnado por um

²⁸ Tradução feita pelo autor do original: “for many, the increased amount of mediated interaction seems to threaten the sanctity of our personal relationships. For others, new media offer the promise of more opportunity for connection with more people, a route to new opportunities and to stronger relationships and more diverse connections. Both perspectives reflects a sense that digital media are changing the nature of our social connections”.

imaginário da tecnocultura. Contudo, não se deve pensar no ciberespaço a partir de uma perspectiva do determinismo tecnológico, mas como um sistema que depende muito mais das relações estabelecidas pelos sujeitos, sejam com outras pessoas, sejam com máquinas.

Contemporaneamente, as relações estabelecidas entre as pessoas e as tecnologias tem se tornado tão íntima que de certa forma pode-se pensar no esfumaçamento das fronteiras entre o sujeito e a máquina. O desenvolvimento das tecnologias digitais tem trazido um grande número de instrumentos que são incorporados ao dia-a-dia das pessoas. Assim, em múltiplos lugares do social, pode-se observar a apropriação cotidiana dessas tecnologias digitais. Felinto aponta que “é fato que não há domínio da vida urbana contemporânea que não esteja de certo modo, embebido na experiência tecnológica” (2006, p. 99). O autor ainda adverte que, a partir da perspectiva das relações entre técnica (tecnologia) e cultura, a “cultura é, desde sempre, uma ‘tecnocultura’” (FELINTO, 2006, p. 99).

Também, podemos perceber a cibercultura enquanto aquele domínio da experiência humana em que as tecnologias tornam-se “o fator central determinante das vivências sociais, das sensorialidades e das elaborações estéticas” (FELINTO, 2006, p. 99) de modo que novas mídias digitais engendram na sociedade contemporânea aquilo que Sodré caracteriza como um “bios, que é midiático, virtual, da vida como espectro, da vida como quase presença das coisas. É real, tudo o que se passa ali é real, mas não da mesma ordem da realidade das coisas” (2008, online).

Erick Felinto vai apontar que, possivelmente, “a distância entre o mediascape e o cyberscape deve ser provavelmente menor do que aparenta”. Por mediascape entende-se a paisagem midiática ou redimensionamento do real produzido pelas mídias tradicionais (fotografia, cinema, rádio, televisão) que alteram nossa maneira de interpretar o mundo. Segundo o autor, a sociedade habituou-se a esfera da realidade midiaticizada e o desenvolvimento trazido pelas tecnologias faz alargar o processo de desrealização do mundo. Sodré assinala que esse processo consiste em “uma reconfiguração realística do mundo por homologação de imagens adrede elaboradas, com o acréscimo da interatividade: a interface cria uma outra realidade cultural, que outorga ao usuário um nível de controle da ação e o coloca simulativamente no cenário midiático” (SODRÉ, 2002, p. 146).

Sob a dinâmica binária do digitalismo, “qualquer componente pode entrar em uma relação de interface com qualquer outro desde que se possa construir o padrão e o código apropriados” (HARAWAY, 2000, p. 68). Manovich considera que um dos marcos da cibercultura é “a tradução de toda mídia existente em dados numéricos acessíveis por meio de

computadores” (2001, p. 20). Enquanto Santaella aponta que os programas funcionam como uma ponte de ligação entre os usuários e os processadores do computador, ou nas palavras da autora, “é nossa interação com o programa que cria uma interface” (SANTAELLA, 2003, p. 91). Portanto:

“antes que qualquer objeto possa ser inserido no ciberespaço ou representado nele, uma relação deve ser estabelecida entre terminais de computadores espacialmente individualizados e indivíduos que se relacionam com um conjunto de representações interativas, gráficas, espaciais” (SANTAELLA, 2003, p. 90)

Ou seja, para que seja realizada qualquer imersão no ciberespaço, essencialmente, é necessária uma tradução sob a lógica binária do digitalismo para que as informações diversas, sejam quais forem, possam ser processadas através de uma linguagem comum.

Assim, pode-se perceber que as tecnologias da comunicação promulgam um mundo no qual a cibercultura se instaura juntamente aos mais variados segmentos da sociedade se tramando, compartilhando, se complementando e constituindo uma realidade complexa, na qual, as dicotomias, que antes pareciam claras, são desconstruídas e questionadas.

Fernback (1999) cita vínculos de amizade e romance, relações profissionais, debates em fóruns virtuais, mobilizações políticas e mesmo redes de atividades ilegais como exemplos da diversidade de comportamentos online. Já no início de seu texto, que pretende discutir a definição de “cibercomunidade”, o autor faz a ressalva que a “interação virtual transforma as maneiras como as pessoas se relacionam entre si, e reconhecidamente, nem todas essas formas envolvem a construção da comunidade em si²⁹”.

Já Kenway (1998) vai observar que a partir da conexão pela internet, indivíduos estão constituindo relações afetivo-sexuais que ignoram as dimensões temporais e espaciais, mas que também podem ir além e estabelecer diferentes formas de relacionar-se às questões de gênero e sexualidade. Segundo a autora, dois possíveis elementos da comunicação tecnologicamente mediada - o anonimato e a fácil troca de identidade – serão fundamentais para que jogos de identidades se estabeleçam e propiciem tais experimentações.

Contudo, sob a perspectiva da afirmação de Silva que “a subjetividade humana é, hoje, mais do que nunca, uma construção em ruínas” (2000a, p. 11), poderemos perceber que cada vez mais, fica evidente à qualquer observação mais detalhada que o sujeito desempenha no dia-a-dia inúmeros papéis em diferentes contextos, ou seja, aquela identidade, antes vista

²⁹ “virtual interaction transforms the ways people relate to each other, and admittedly, not all of these ways involve community building per se”.

como algo nuclear, hoje, deve ser vista com algo em perene mutabilidade e multiplicação. Tendo em vista que o indivíduo contemporâneo se vê atuando nos mais diversos cenários, ele acaba por experimentar e negociar diferentes aspectos de si mesmo em diferentes contextos, até mesmo porque, as identidades do sujeito vão se estabelecer de forma dialogal com as situações em que ele atua. Assim, os elementos indicados por Kenway não implantam um espaço de experimentação, mas sim, “a vida online retoma um aspecto da vida cotidiana para levá-lo a um grau superior. Mostramos, no dia-a-dia, diferentes aspectos de nós mesmos” (TURKLE, 1999, p. 119), até mesmo porque, o ciberespaço vai permitir a demonstração de certos aspectos que compõem a diversidade de elementos constituintes da identidade do sujeito, incluindo alguns que podem até não ter espaço ou serem reprimidos no cotidiano.

Desta forma, podemos conceber que as tecnologias digitais apontam como dispositivos auxiliares na disposição do sujeito relacional, ou seja, “o indivíduo concebido como um lugar de interseção nas conexões que constituem as redes sociais, para alguém sistematicamente fora de si mesmo” (SODRÉ, 2002, p. 159). Com isto, origina-se a ideia do eu pós-moderno como algo permanente da mente humana, mas, inconstante e estabelecido em um domínio discursivo e relacional.

Conforme Felinto, a subjetividade humana também é afetada pelo que ele chama de “uma radical ‘informatização’ do mundo”, assim, ela também “pode ser compreendida como padrões informacionais passíveis de digitalização em sistemas computadorizados” (2006, p. 101). O autor afirma que os discursos sobre a cibercultura podem ser divididos a partir de seu foco na consciência – expandida ou (re)construída – ou no corpo – desmaterialização ou hibridação. Enquanto a consciência pode conectar-se a rede e expandir-se sem limites (“inteligência coletiva”) ou reconfigurar a suas identidades (TURKLE, 1997), “o corpo também se torna maleável, podendo conjugar-se a matéria inorgânica de modo a transformar-se em ciborgue ou simplesmente desaparecer” (FELINTO, 2006, p. 107).

Em seu estudo sobre as salas de bate-papo Lésbicas e Afins do portal UOL, o antropólogo Segata defende que os chats podem ser percebidos “como ambientes (e meios) alternativos de vivências que possibilitam a construção de subjetividades e identidades de gênero, que vão para além de um eu” (SEGATA, 2007, online). Contudo, os chats estudados pelo autor são apenas um dentre diversos “lugares online” nos quais que possibilitam tais processos. Na cibercultura, os espaços criados pelas tecnologias tornam-se verdadeiros “sistemas mitológicos high-tech que estruturam a nossa imaginação sobre nossas

possibilidades pessoais e sociais” (HARAWAY, 2000, p. 82). Ousamos afirmar aqui, que ele não só estrutura como principalmente expande nossas potencialidades pessoais e sociais.

Se entendermos que a identidade mantém uma estreita ligação com a linguagem, sendo a primeira constituída por e através desta, como uma articulação de significantes. Assim, pode-se entender, desde já, o sujeito como um conjunto de fragmentos. Deste modo, podemos perceber que o que define uma identidade não é, assim, o pressuposto de uma essência interior, mas o de uma representação, pois o ato de identificação vai se dar a partir da expressão, não, por meio de uma subjetividade.

As imagens digitalizadas com que interagem os sujeitos no ciberespaço tornam-se verdadeiros apêndices tecnológicos do homem. Assim, elas permitem que aquelas identidade múltiplas e fluídas, tão dignas da cibercultura, se expandam no espaço formado na comunicação mediada pelas tecnologias. Assim, o indivíduo se coloca frente um contexto no qual:

ao aceitar a solução de compromisso entre ilusão e alucinação resultante da hibridização tecnológica de representações anteriores, o sujeito da consciência pactua implicitamente com o dispositivo maquínico de metaforização proprioceptiva e o reconhece como uma espécie de consciência voltada para a pura comunicação – seja com os outros, seja consigo mesmo (SODRÉ, 2002, p. 147-148)

Assim, a imersão no ciberespaço pressupõe uma articulação do indivíduo com os dispositivos tecnológicos – seja com a materialidade da máquina, seja com a consciência expandida da conexão. Assim, no imaginário que permeia tais articulações surge a imagem do ser híbrido entre máquinas e organismo, o ciborgue. Segundo Haraway, o conceito de ciborgue pode ser entendido como “uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica” (2000, p. 41). Atualmente, existem fusões intensas em distintos domínios da existência humana de tal maneira que muitos dualismos – homem e máquina, consciência e corpo - se tornam caracteristicamente problemáticos, principalmente no que diz respeito a identidade do usuário e da máquina, uma vez que sobre a identidade do sujeito

podemos pensar que elas são construídas não apenas como elementos diretamente derivados das trocas comunicacionais travadas no ambiente, mas também de um complexo conjunto que contém, além do processo interacional efetivado com os demais participantes, as interações efetuadas com as máquinas (os computadores) e com os respectivos programas tecnológicos (os softwares) (RIBEIRO, 2005, p. 6)

A evolução das comunicações tecnologicamente estabelecidas tem engendrado modos inéditos de construção e relação do sujeito com identidades incorpóreas que são imagetivamente construídas e semioticamente negociadas gerando novas significações da subjetividade do sujeito. As experiências que se articulam entre usuários e tecnologias digitais podem ser vistas como exemplos primorosos das novas construções de identidades na cibercultura, contudo, tais experiências devem ser entendidas quando inseridas num contexto sociotecnocultural mais amplo.

Conforme Felinto, o corpo vai ser consumido na cibercultura pelas fantasias da hibridação e desmaterialização, pois o importante aqui é a consciência transformada em moldes informacionais sob a lógica digitalista. Segundo o autor, isso reflete em “por um lado, uma expansão infinita dos poderes da consciência e, por outro lado, a possibilidade de (re)construir os próprios padrões de consciência na forma de identidades alternativas” (FELINTO, 2005, p. 65). No entanto, ao pensar nas hibridações de que fala Haraway, Guacira Louro considera que os corpos não desaparecem durante esses processos, mas sim, que estes processos demonstram que “os corpos não são, pois, tão evidentes como usualmente pensamos” (2001, p. 15). Desta forma, “a imagem do corpo é menos a de um corpo engenheirado com as tarefas-chave de transferir e conservar energia e mais a de uma rede comunicacional baseada na reprodução e troca de acuradas de sinais no tempo e no espaço” (SANTAELLA, 2003, p. 98). Logo, na cibercultura, o corpo permanece ali, não apenas como corpo físico, mas também multiplicado, reconfigurado e ressignificado.

Em seu estudo sobre a representação do corpo em ambientes gráficos, Fragoso e Rosário consideram que “o eu que está sendo representado por um corpo virtual perfeito continua inescapavelmente vinculado ao seu corpo físico” (2008, p. 16), pois ao criar sua representação digital, o indivíduo irá se relacionar com o espelho e sua auto-imagem identitária. Tal relação poderá ser de adoção total/parcial do “eu off-line” como norteador da construção ou essa relação de total/parcial refutação do sujeito. Além disso, ao adotarmos o pensamento de Fragoso e Rosário (2008), devemos levar em conta que não existem apenas dois corpos em jogo, mas sim, três, aquele imaginado, aquele físico e aquele digital. Relacionam-se dois corpos de nível simbólico que tem referência preliminar no físico ajudando a entender o porquê de os avatares funcionarem tão bem como projeções da identidade, algumas vezes, melhores que os corpos físicos. As tecnologias potencializam essas relações visto que, para além da experiência cotidiana do corpo orgânico e o imaginado, elas colocam o sujeito frente a um processo no qual ele deve optar por formas significantes de

representar seus corpos em um terceiro corpo, o digital virtualizado. Assim, o usuário projeta-se em um conjunto de elementos identitários.

Na cibercultura, as tecnologias da comunicação vão desempenhar um papel essencial na remodelação do corpo, até mesmo porque, como afirma Santaella, “as telas dos computadores estabelecem uma interface entre a eletricidade biológica e tecnológica, entre o utilizador e as redes” (SANTAELLA, 2003, p. 81). Ao considerarmos que a interatividade articula o sujeito às máquinas, ela acaba por desenvolver esse processo apropriando da própria complexidade do sujeito, assim, a tecnologia adquire um poder personalista de forma a refletir a projeção de si feita pelo usuário. “No horizonte das novas tecnologias [...] é o humano que é absorvido pela máquina, tornando-se apenas mais um sistema de informações entre outros” (FELINTO, 2005, p. 63).

Nos estudos que Campbell (2004) faz em dois canais gays do Internet Relay Chat (IRC), ele fala sobre a oportunidade que gays musculosos e gays obesos têm de falar sobre seus corpos e viver sua sexualidade a partir da autoimagem que tem de si. Tendo em vista, nos canais, esses sujeitos podem estabelecer o seu corpo por meio da escrita e das interações e relações que eles estabelecem. Segundo o autor, as interações online estão sujeitas a esse corpo, que sendo representado graficamente, ou sendo descrito por meio de palavras ou apelidos, é “o componente primário da identidade online” (2004, p. 06). Outra importante consideração de Campbell é referente aos nomes adotados no ciberespaço, ou seja, os nicknames. Ele considera que “o nickname online, no entanto, pode revelar-se um aspecto profundamente pessoal da identidade de um interagente em um determinado canal e precisa ser tratado com o devido cuidado pelo pesquisador” (2004, p. 149).

Tais componentes da identidade são de suma importância nos processos de interação. Baseando-se nos estudos de Simmel, Donath (1999) indica que as impressões percebidas e construídas pelos sujeitos em interação representam grande parte do processo social. De certa forma, no ciberespaço, estes componentes identitários, que em partes seriam “espontâneos”, são necessariamente construídos a fim de garantir certa “humanidade” à representação do ator social que se expressa através da ferramenta de maneira que permita a identificação para o interagente.

“pela ausência de informações que geralmente permeiam as relações face a face, as pessoas são percebidas e julgadas pelas suas palavras. Essas palavras, constituídas como expressão de alguém, legitimadas pelos grupos sociais, constroem as percepções que os indivíduos tem dos atores sociais. É preciso, assim, colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia, na

informação geralmente anônima do ciberespaço. Este requisito é fundamental para que a comunicação possa ser estruturada.” (RECUERO, 2009, p. 27)

Em trabalho posterior (KRAMBECK, 2010), considero que, no Second Life, o avatar vai tomar uma posição privilegiada no estabelecimento das relações visto que são elementos do ambiente gráfico que atuam como um mediadores nas interações entre os sujeitos e outros avatares no ambiente gráfico. Não obstante, quanto maior o número de detalhes envolvidos na construção dos mesmos, mais complexa as reações que se tramam entre o usuário e seu avatar. Então, os sujeitos não permanecem exclusivamente como “cérebro” por trás dos avatares, eles ressignificam e renegociam suas identidades neles. Uma vez que os sujeitos escolhem os traços que querem enfatizar por meio de um processo de adoção (ou não) de algumas características, eles informam assim, virtuais interagentes sobre sua bagagem cultural, ou seja, quem eles são, a que grupos pertencem, ou mesmo, para que estão ali. Igualmente, os atores sociais inseridos em um contexto, no caso, o ciberespaço, mobilizam elementos identitários que creiam expressar a sua subjetividade.

A tecnologia passa a fazer a mediação de nossas relações sociais e nossa relações pessoais consigo, assim, “o ciborgue é um tipo de eu - pessoal e coletivo - pós-moderno, um eu desmontado e remontado” (HARAWAY, 2000, p. 70). Assim, a reflexão que Turkle faz do sujeito na cibercultura é apropriada

múltiplo, fluido e constituído em interação com uma rede de máquinas; é formado e transformado pela linguagem; as relações sexuais são trocas de significantes; e a compreensão resulta na navegação sem rumo aparente, mais do que da análise. E no mundo [...] gerado por máquinas, encontro personagens que me fazem estabelecer uma nova relação com a minha própria identidade (1997, p. 21)

Portanto, há de considerar-se enquanto uma potencialidade vívida na contemporaneidade aquelas realidades sociais e corporais nas quais, além de não intimidar-se frente às afinidades entre humanos e as máquinas, igualmente os indivíduos não tenham receio das identidades múltiplas e as posições instáveis. Até mesmo porque inegavelmente

os indivíduos assumem uma variedade de posições de sujeito dentro de diferentes discursos. Entre outras coisas, isso significa que um sujeito singular não pode ser equivalente a um indivíduo singular. Indivíduos são sujeitos multiplamente constituídos, e podem assim assumir múltiplas posições de sujeito dentro de uma gama de discursos e práticas sociais. Algumas dessas posições de sujeito serão contraditórias e entrarão em conflito entre si (MOORE, 2000, p. 23-24).

Em seu estudo sobre a construção de páginas pessoais na internet, Döring (2002) pondera que os conceitos “identidade cultural”, “identidade narrativa”, “self múltiplo” “self dinâmico” e “self dialógico” focalizam nas características de construção, mudança e diversidade de tais identidades. Dessa forma, “estamos construindo a nós próprios, exatamente da mesma forma que construímos circuitos integrados” (KUNZRU, 2000, p. 27), e essa construção se dá, no ciberespaço, essencialmente por meio da comunicação, ou, nas palavras de Felinto, “o pós-humano o ser ‘conectivo’ por excelência” (FELINTO, 2007, p. 9). Ao insistir na desconstrução dos dualismos “antiquados” à pensar a sociedade contemporânea, Haraway considera que os organismos tornam-se dispositivos comunicação, tanto que “não existe, em nosso conhecimento formal, nenhuma separação fundamental, ontológica, entre máquina e organismo, entre técnico e orgânico” (HARAWAY, 2000, p. 100).

Ou seja, o ciberespaço surge como um ambiente no qual, formas novas de lidar com as subjetividades, e não se trata apenas de um nível simbólico, mas sim, uma nova forma de organização das formas sociais, que já não se encontram presas às dimensões de espaço e tempo tradicionais. “Os seres humanos já estão, sempre, imersos no mundo, já estão, sempre, envolvidos em produzir – em relações entre si ou com os objetos – o que significa ser humano” (KUNZRU, 2000, p. 30). Recuero considera que “um ator, assim, pode ser representado por um weblog, por um fotolog, por um Twitter ou mesmo por um perfil no Orkut” (2009, p. 25), contudo, a autora ressalva que tais ferramentas funcionam como representações dos usuários por trás delas, não consistindo por si, um ator social. Elas funcionam como apropriações do ciberespaço enquanto formas de expressão dos atores, havendo “um processo permanente de construção e expressão de identidades por parte dos atores no ciberespaço” (RECUERO, 2009, p. 26), assim, tais apropriações funcionam como um construção de si no ciberespaço.

Na atualidade, a ideia de um sujeito conformado pela intersecção de múltiplas subjetividades, possivelmente contraditórias, é extremamente adequada à exploração de “como os indivíduos constituem seu sentido de si mesmos – suas auto-representações como sujeitos – por referência a várias posições de sujeito frequentemente contraditórias entre si e não a uma posição singular de sujeito” (MOORE, 2000, p. 23). Assim, o computador toma certa cartografia da identidade do sujeito e a insere em imagens através das metáforas representadas pelas janelas do sistema operacional, ou seja, aquelas múltiplas e diversas

identidades de qualquer sujeito são exemplificadas na tela do computador por meio das janelas.

na internet, você se vê atuando em sete janelas abertas na tela, assumindo literalmente diferentes personalidades em cada uma dessas sete janelas, tendo todos os tipos de relacionamentos, alternando e desempenhando todas as funções simultaneamente, deixando partes de si nessas diferentes janelas, nos programas que escreveu e que o representam enquanto você está em outra janela. Sua identidade é distribuída em uma série de janelas. Cada vez mais, a vida na tela também oferece uma janela para o que somos na vida fora da tela: somos pessoas que alternamos aspectos do eu (TURKLE, 1997, p. 264)

Retomando as questões anteriormente discutidas em relação a eterna (re)construção histórico-social do gênero, da sexualidade e do corpo, a imagem do ciborgue surge no trabalho de Haraway enquanto uma figura “pós-gênero” que quebra qualquer compromisso com binariedade na normatização heterossexista. Além disso, a autora considera que enquanto “uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo” (HARAWAY, 2000, p. 40), ou seja, mesmo que de uma forma ficcional, o imaginário carregado pelo ciborgue pode indicar possíveis caminhos à subversão.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Assim como toda pesquisa, iniciou-se por um amplo e, inicialmente, complicado trabalho de levantamento bibliográfico. Aventuro-me a chamar de complicado, pois, apesar de haver algumas publicações nacionais destinadas aos temas da sexualidade e do gênero, tais como as revistas Estudos Feministas (UFSC) e Bagoas (UFRN) e os Cadernos Pagu (UNICAMP), trabalhos que tratem da teoria queer ainda são muito dispersos no cenário acadêmico brasileiro e, muito frequentemente, são desenvolvidos em áreas tangenciais a comunicação. Nacionalmente, também são incomuns os grupos que desenvolvam pesquisas sob a perspectiva da teoria queer, ficando restritos ao CUS – Grupo de Pesquisa “Cultura e Sexualidade” da Universidade Federal da Bahia, ao CIS - Grupo de Pesquisa "Corpo, Identidades e Subjetivações da Universidade Federal de São Carlos, ao GEERGE - Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero. Além disso, grande parte da literatura produzida sobre a teoria não está disponível em solo brasileiro, sejam traduzidas ou versões originais.

Contudo, percorrendo as referências dos trabalhos encontrados em um primeiro momento, foi possível desvendar uma série de trabalhos que resultaram no referencial teórico que orienta este trabalho. Tal bagagem teórica é importante, pois, depois da leitura de obras que evidenciam a perspectiva crítica e subversiva da teoria queer, inevitavelmente, o pesquisador passa a observar muitos aspectos socioculturais de uma maneira diferente, de certa forma, contaminada pela “acidez” queer.

Outro ponto consideravelmente sinuoso do trabalho consistiu na definição, e posterior desenvolvimento necessário, de uma metodologia que fosse capaz de perceber a articulação proposta entre performances de gênero e plataformas digitais de comunicação. Ao observar os estudos desenvolvidos sob a ótica queer, depara-se com uma grande quantidade de trabalhos que analisam contextos sociais ou mesmo a sociedade como um todo, contudo, tais análises não ultrapassam a barreira do empírico, permanecendo na teoria crítica (COLLING, 2010a; 2010b; 2012). Além desses, podemos citar os trabalhos desenvolvidos nos campos das ciências sociais, que costumam se utilizar de métodos etnográficos e entrevistas (BENEDETTI, 2005; BENTO, 2006). Já no âmbito dos grupos de pesquisa acima citados, algumas pesquisas que voltam sua atenção à produtos mediáticos, contudo, diferentemente deste trabalho, eles observam as performances de gênero em novelas, peças de teatro, documentários, programas de TV, filmes e revistas (AZEVEDO, 2010; COLLING, 2007; 2008; 2009; 2010C; HEIMER, 2010; SANTOS, 2010; SANTOS ET AL., 2010). No entanto,

tais métodos não seriam capazes de abranger de forma satisfatória o objeto de estudo deste trabalho.

Ao voltar-se às metodologias empregadas nos estudos de cibercultura, mais especificamente, nas pesquisas sobre internet, uma diversidade se torna evidente. Embora os estudos de campo referentes à cibercultura sejam recentes, inúmeros autores tem se preocupado em adaptar e desenvolver métodos que possibilitem análises da internet seja como objeto (aquilo que se estuda), local (ambiente onde a pesquisa é realizada) ou instrumento (como ferramenta para coleta de dados) de pesquisa (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Isso pode ser facilmente comprovado ao visitar os anais dos Congressos Brasileiros de Ciências da Comunicação (INTERCOM) (AMARAL, MONTARDO, 2011) ou dos Encontros da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), pois ambos os encontros contam com grupos de trabalho específicos de cibercultura. Além disso, a área conta com a Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber), o que auxilia numa maior organização dos trabalhos.

Nesta pesquisa adota-se a postura de ver a internet como objeto e local. Todavia, a adoção dessa perspectiva da internet como local, vai além de considerar ela como o “ambiente onde a pesquisa é realizada”, pensa-se a mesma enquanto ambiente que pode ser explorado por distintas plataformas e que estas fazem emergir manifestações sociais tão diversas quanto suas especificidades. Não obstante, esta pesquisa se propõe pretensiosamente, não estudar uma manifestação em uma plataforma do ciberespaço, mas, quase na contramão, observa-se como a criação da personagem se deve à expansão de suas manifestações por mais de uma plataforma.

Tendo em vista que se trata de uma pesquisa qualitativa, busca-se aqui “uma compreensão aprofundada e holística dos fenômenos em estudo” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 67) procurando contextualizá-los e reconhecer seu caráter dinâmico. Segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 49), objetos de pesquisa como blog e microblogs são apresentados na literatura analisados por meio de métodos como: análises de conteúdo ou discurso, etnografias, análises de redes sociais, entrevistas, estudos de caso, observações participantes, métodos biográficos e estatísticos.

Contudo, nesta pesquisa, o estudo realizado aproxima-se da teoria fundamentada (TF), por também ser “uma abordagem indutiva, que busca deixar que os dados ‘falem por si’ e não os observar a partir de pré-noções” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 89). Assume-se essa posição como tentativa de uma abordagem flexível que seja capaz de

aproximar pesquisador e objeto de modo que seja possível a interpretação dos processos sociais em questão.

As autoras consideram que uma das principais vantagens da TF é o fato de ela permitir “ao pesquisador que foca um fenômeno bastante novo que tenha a chance de experimentar o campo empírico, observando os novos elementos e construindo suas percepções através da análise e reflexão sistemáticas dos dados encontrados em campo” (p. 87). Assim, mesmo que haja uma pequena bibliografia sobre Katylene (ENNE, 2007; PEREIRA, 2012), optou-se aqui por manter uma postura exploratória, numa espécie de quase envolvimento com os dados para então, buscar os traços narrativos da personagem. Então, procurou-se provocar “a emergência das variáveis através do processo de coleta e codificação dos dados. Essas variáveis [...] vão emergir do processo contínuo e sistemático de coleta e análise, principalmente do desenvolvimento da ‘sensibilidade teórica’ (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 89).

Ao concordar com as autoras que o pesquisador deve optar por usar da “sensibilidade para optar pelos dados que lhe parecem mais relevantes” (p. 89), construiu-se amostragens intencionais, até mesmo porque “amostragens intencionais, estratégicas, podem revelar informação crucial sobre casos críticos³⁰” (PATTON, 2002, p. 242). Segundo Patton, “a lógica e o poder da amostragem intencional residem na seleção de casos informacionalmente ricos para estudo em profundidade³¹” (2002, p. 230). Assim, por buscar não permanecer na superfície do processo, redimensionou-se a proposta inicial apenas para o blog e o Twitter, visto que são as ferramentas mais usadas pela personagem.

Portando, mesmo que tenham existido leituras anteriores à análise, elas são, em grande parte, “tratadas como outras formas de informação, que vão sensibilizar o pesquisador para o reconhecimento dos padrões presentes nos dados” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 107). Certas bibliografias contextualizar a sexualidade na sociedade contemporânea, enquanto outras serviram para entender “o mundo” das personagens trans. Então, entra-se no campo com certa bagagem cultural tangencial ao tema, contudo, ao analisar as performances de Katylene, havia a consciência que, mesmo que a comparação seja inevitável, a personagem não era uma “travesti comum”.

Assim sendo, a observação de questões de estética e linguagem do blog e do Twitter buscou fazer emergir dados que permitisse o desenvolvimento de uma teoria que explicasse

³⁰ Tradução de: “strategic sampling can yield crucial information about critical cases”.

³¹ Tradução de: “the logic and power of purposeful sampling lie in selecting information-rich cases for study in depth”.

essa “nova forma de travestir-se”. Lembrando que “a teoria não é exatamente ‘descoberta’, mas construída pela perspectiva do pesquisador, por sua experiência anterior e sua visão do fenômeno” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 111). Logo, analisaram-se as imagens do layout do blog, postagens (entre 16 de out. e 25 de dez. de 2012), as imagens utilizadas como perfil no Twitter e os tweets (entre 28 de abr. e 4 de mai. de 2012).

Primeiramente, ao tomar o blog a partir de sua estética, buscou-se nos elementos gráficos e demais materiais que compõem a estrutura refletindo uma cultura própria e uma identidade performatizada. Em um segundo momento, observou-se os posts (coletados intencionalmente buscando certa diversidade nas temáticas) atentando para expressões e traços que indicam referências a outros materiais que ajudam a construir uma performance no texto. Já no Twitter, inicialmente, volta-se às imagens utilizadas como perfil, procurando pela imagem original para explicitar sobre os valores carregados para a construção da narrativa. Já os tweets foram coletados durante a semana de aniversário de Daniel/Katylene para que pudessem ser classificados e analisados de maneira a entender como se dá a narrativa entre criador e criatura.

3.1 BLOG

No atual cenário midiático pós-massivo (LE MOS, 2002; 2009; LÉVY, 2002), o fenômeno da popularidade dos blogs parece ser incontestável. Segundo Lemos (2009, p. 9), os blogs podem ser tomados como bons exemplos desta cultura pós-massiva, pois, o autor considera que os pilares fundamentais desse cenário sejam “a liberação do polo da emissão, a conexão telemática e a reconfiguração da indústria cultural”. Assim, ao lado de outras plataformas sociais digitais, eles surgem enquanto fomentadores de “sinergias e reconfigurações na indústria cultural, na política, no entretenimento, nas redes de sociabilidade, nas artes” (p. 8), representando a expressão de uma necessidade suprimida na cultura de massas, a de ocupar uma posição ativa no processo de produção e circulação de conteúdos.

Conforme Blood (2000), Jorn Barger foi o primeiro a usar o termo “weblog³²” em 1997 para mencionar uma série de sites que reuniam links na web, como o Robot Wisdom. Träsel (2009) comenta que o sufixo “log” faz referência aos diários de navegação utilizados pelos capitães para informar latitudes e longitudes percorridas e pontos de referência

³² O termo “blog” trata-se de uma contração do termo original “weblog”.

geográficos diversos, enquanto o prefixo “web” representaria a transposição desses registros para a navegação na internet. Daí surge o termo “web + log”, como um “registro de coordenadas da web”, utilizado por Jorn Barger para descrever o processo de “logging the web” (registro na web).

Nessa época, os blogs não tinham quase nada que os diferencia-se de outros sites comuns, tanto que autores como David Winer consideram que o primeiro site da web mantido por Tim Berners-Lee no CERN seja o primeiro blog. O site de Berners-Lee tinha a função de indicar os sites recém-colocados no ar.

No entanto, o essencial na popularização dos weblogs consistiu no surgimento das ferramentas de publicação. Em 1999, a *Pitas* lançou a primeira ferramenta de manutenção de sites via web, logo, a *Pyra* lançou o *Blogger*. O importante dessa nova interface de administração dos blogs é que “ela trouxe velocidade na criação, postagem e atualização dos ciberdiários, democratizando o acesso de não-especialistas em linguagem como HTML (*Hipertext, Markup Language*), FTP (*File Transfer Protocol*), dentre outras, à construção e manutenção das páginas pessoais” (OLIVEIRA, 2002, p. 141). Devido a isso, os blogs passaram a ser cada vez mais tomados e apropriados para distintas aplicações. Além disso, o espaço destinado a comentários, posteriormente agregado, ajudou na popularização.

Ainda no mesmo ano, o ensaio “Anatomia de um weblog”, de autoria de Cameron Barrett, do Camworld, foi publicado. E em 2004, passam a surgir sinais da sacração dos blogs como a escolha de “weblog” como a palavra do ano pelo *Merriam-Webster`s Dictionnary* e a compra do *Blogger* pelo *Google*.

Ao se proporem organizar um livro sobre o assunto, as autoras Amaral, Recuero e Montardo (2009), percebem como principal motor da permanência do blog na web, a sua versatilidade de ser apropriado de diversas formas. Tal permanência, que já dura mais de 10 anos, é surpreendente, pois “dez anos é uma eternidade quando se trata de tecnologia web” (p. 23).

Assim, há alguns anos, distintos autores têm tentado caracterizar essa forma de publicação. Em 2002, Blood busca descrever o blog como uma página de web atualizada com certa frequência, com entradas datadas e organizadas de maneira que aquelas mais novas sejam posicionadas no topo e, muitas vezes, com espaços para comentários. Já em 2004, Garfunkel buscou identificar traços integrantes ou concorrentes mais recorrentes nas definições para blogs, sendo: a) página de web subjetiva ou não comercial, comumente individual; b) formato de diário disposto em ordem cronológica reversa; c) menções à outras

ferramentas da web e comentários pessoais sobre conteúdos de terceiros; d) relatos do cotidiano. Então, Schmidt (2007) também recorre a traços semelhantes ao caracterizar os blogs como:

Websites frequentemente atualizados onde o conteúdo (texto, fotos, arquivos de som, etc) são postados em uma base regular e posicionados em ordem cronológica reversa. Os leitores quase sempre possuem a opção de comentar em qualquer postagem individual, que são identificados com uma URL única³³.

Contudo, conforme Träsel (2009), a própria popularização deste gênero de website tensiona as balizas de tal definição, pois, implica em uma determinada profissionalização da produção de conteúdo e conseqüente complexificação dos arranjos e arquiteturas dos mesmos. Desta forma, “há uma difusão de certas características típicas dos blogs para websites de todos os formatos e funções” (p. 106). O autor considera que os blogs devem ser pensados enquanto “um formato de publicação na web que ainda carece de uma definição clara e, se possível, não concorrente com outros fenômenos das redes telemáticas, bem como imune ao desenvolvimento de novas tecnologias” (2009, p. 107).

Ao estudar o blog *Mothern*, Adriana Braga (2008) comenta que extrapolando a analogia feita entre blogs e os populares diários íntimos, há uma série de especificidades que implicam no fato da comparação empobrecer a complexidade do objeto. Segundo a autora, mesmo aqueles blogs mais subjetivos de relatos cotidianos não são produtivamente refletidos em tal analogia, pois, “se considerarmos que a narração de uma história implica a adequação da experiência vívida no âmbito privado à aparição pública, como no caso dos blogs – textos produzidos visando a publicização -, fica claro o limite frágil dessa analogia” (BRAGA, 2008, p. 49). Assim, a noção do blog enquanto “diário virtual” refere-se mais à um tipo específico de blog, que dá maior atenção às impressões pessoais do autor que aos links comentados.

A partir de uma revisão da literatura disponível sobre o assunto, Amaral, Recuero e Montardo (2009) listam três recorrentes definições de blogs: a) definições estruturais: aquelas percepções do blog como uma estrutura característica em um website, ou seja, definições que se baseiam no formato resultante da ferramenta de publicação; b) definições funcionais: concepções baseadas na função primordial do blog enquanto ferramenta de comunicação, ou seja, como um meio de publicar conteúdo à determinada audiência; c) definições do blog

³³ Tradução feita do original: “frequently updated websites where content (text, pictures, sound files, etc.) is posted on a regular basis and displayed in reverse chronological order. Readers often have the option to comment on any individual *posting*, which is identified by a unique URL”. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/schmidt.html>. Acesso em 19/11/2012.

como artefato cultural: resultantes de observações antropológicas e etnográficas, trata-se de pensar o blog enquanto repositório de marcações culturais de uma população no ciberespaço.

As definições dadas anteriormente³⁴ podem ser adotadas como exemplos de definições essencialmente estruturais. Enquanto uma definição funcional pode ser percebida quando Marlow afirma “Weblogs constituem uma conversação massivamente descentralizada onde milhões de autores escrevem para a sua própria audiência” (2004, p. 3). Já a noção de artefato cultural é dada por Shah (2005) como:

um repositório vivo de significados compartilhados produzido por uma comunidade de ideias. Um artefato cultural é um símbolo de comunhão (no sentido não-violento, não religioso da palavra). Um artefato cultural se torna infinitamente mutável e gera muitas autorreferências e narrativas mutuamente definidoras mais do que cria uma narrativa mestra linear. (...) [sua legitimação se dá] pelas práticas vividas das pessoas que os criaram.

Mesmo que, com a finalidade metodológica, estas três definições tenham sido apresentadas separadas, elas não são excludentes, até mesmo porque cada uma foca-se em um aspecto distinto dos blogs. Desta maneira, independente de uma concepção estrutural, funcional ou como artefato cultural, eles podem ser considerados como suportes da socialização online, ou seja, são mais uma faceta da comunicação mediada por computador.

Ainda comentando sobre a literatura existente sobre o assunto, Amaral, Recuero e Montardo (2009) consideram que há uma fragmentação dos estudos devido às abordagens específicas utilizadas. Uma vez que o ciberespaço “configurou-se e tem-se configurado como um espaço social diverso, até certo ponto democrático, para a expressão individual, interação e informação noticiosa” (BRAGA, 2008, p. 49), a diversidade de apropriações e, conseqüentemente, de abordagens possíveis torna-se hercúlea.

Amaral, Recuero e Montardo (2009) enumeram uma série de abordagens possíveis, dentre elas, os blogs na constituição de estruturas sociais, ou seja, enquanto ferramentas com determinado impacto social na construção de estruturas sociais por meio das trocas de comentários e conversações.

Tal qual esse trabalho, as autoras indicam que uma série de trabalhos baseiam-se nos pressupostos dos Estudos Culturais, das mediações e das interações simbólicas para buscar problematizar as questões de gênero e de identidade³⁵. Assim, até mesmo as práticas subculturais podem ser consideradas objetos de análise produtivos na blogosfera.

³⁴ BLOOD, 2002; GARFUNKEL, 2004; SCHMIDT, 2007

³⁵ HERRING et. al. 2004; HERRING et al. 2005; GREGG, 2006; BRAGA, 2004, 2007, 2008.

Conforme Efimova e Hendrick (2005), uma questão importante no que tange os blogs é a autoria, ou seja, são websites sem formalidades, não são anônimos, muito menos corporativos, são individuais. Assim, os autores defendem que o blog funciona como uma apropriação do ciberespaço de maneira a expressar a identidade do sujeito-autor. Desta forma, podemos concordar que “apesar de não podermos considerar os blogs unicamente como diários pessoais, há, em sua apropriação, um forte elemento de personalização” (AMARAL, RECUERO, MONTARDO, 2009, p. 33), ou como considera Träsel, há uma autorreferência e subjetividade que conformam esse gênero textual (2009, p. 95).

Isso reflete em outra abordagem descrita por Amaral, Recuero e Montardo (2009), o blog como um espaço de escrita íntima/narrativa de si. Tal abordagem reflete em uma concepção do blog “como espaço pessoal e da construção das impressões que o blogueiro deseja expor para sua audiência” (p. 35).

Schmidt (2009) pondera que exista uma relação intrínseca entre aspectos individuais e estruturais nas apropriações e usos dos blogs. O autor indica três marcos do uso individual do blog:

(1) rotinas e expectativas compartilhadas em relação ao uso “correto” do blog para conseguir gratificações buscadas; (2) relações sociais e hipertextuais pré-existentes formando redes das quais o blogueiro e o blog fazem parte e (3) funcionalidades de softwares específicos que ajudam ou permitem certas ações enquanto restringem outras (p. 111).

Estes elementos que norteiam as apropriações dos blogs são estruturais à prática do “blogging”. Assim são considerados por residem de maneira analítica além do blogueiro, no entanto, são as práticas do indivíduo que reproduzem ou alteram tais elementos, de maneira que contribuem para o estabelecimento da relação entre aspectos individuais e estruturais daquilo que Schmidt (2009) chama de “práticas de blogging”, ou seja, episódios individuais em que um blogueiro utiliza um software específico para trabalhar a gestão de identidade, a gestão de relacionamento e a gestão de informação dentro da estrutura de três dimensões estruturais de regras, relações e código (p. 110).

Contudo, mesmo que o autor tenha separado analiticamente as três estratégias de gestão de identidade, gestão de relacionamento e gestão de informação, elas são interdependentes. As redes de relacionamentos formadas através de hyperlinks irão apresentar caminhos alternativos para a informação, além disso, os comentários e as listas de blogs indicados/relacionados sugerem uma identidade baseada na afinidade e possíveis interesses do indivíduo. Em síntese, a identidade pode ser expressa através das informações trocadas no

estabelecimento de relacionamentos, assim como tais relações podem fornecer informações sobre os interesses dos indivíduos em interação. Em quaisquer comunicações online, a expressão de uma possível identidade sempre é dada de forma visível.

3.2 KATYLENE.COM

Conforme comentado no texto anterior, os blogs consagraram-se com um espaço quase perene no contexto cibercultura. Além disso, a diversidade de apropriações se estende a um horizonte quase infinito de possibilidades, devido a isso, não são raras aquelas que fogem ao padrão (se é que é possível falar em um padrão).

Em meio a isso, o estudante de moda Daniel Carvalho fez uma apropriação, no mínimo, curiosa: a produção do blog “Papel Pobre”, embora realizada por ele e uma amiga, não era assinado por eles, e sim, por personagens fictícios. Num meio-termo entre o anônimo e o identificado, o blog foi popularizando-se e os personagens foram sendo substituídos até que nasceu a personagem que é o objeto de estudo deste trabalho, Katylene Beezmarcky.

A história do surgimento da personagem e do atual blog Katylene.com se confunde com a história do “Papel Pobre³⁶”, pois, no início do primeiro semestre de 2007, o blog “Papel Pobre” causou no cenário da blogosfera brasileira. Com o slogan “o papel é pobre mas é limpinho”, o blog parodiava o brasileiro “Papel Pop³⁷” do jornalista e editor do site da Revista Capricho, Phelipe Cruz. Apesar disso, seguia na mesma linha do norte-americano “Perez Hilton³⁸”, especializando-se em “gongar³⁹” celebridades, comentando fotos e postando desenhos e montagens propositalmente malfeitos. Logo de sua criação o blog era assinado como “Sônia Abraham⁴⁰”, mas não demorou muito para a dupla Daniel Carvalho e Mariana Inbar, que estava por trás do codinome, passar a identificar-se como “Sônia Abraham #1” “Sônia Abraham #2”.

Depois de pouco tempo de existência, a alcunha foi substituída pelo nome “Angela Bismarchi⁴¹”, na mesma época que o blog ainda amador, com o estilo indefinido, um layout simples e posts pouco atualizados, foi estranhamente noticiado na Folha de São Paulo. Logo

³⁶ O blog era acessado através do endereço: <papelpobre.blogspot.com>.

³⁷ O blog pode ser acessado através do endereço: <http://papelpop.com/>.

³⁸ O blog pode ser acessado através do endereço: <http://perezhilton.com/>.

³⁹ A expressão tem o sentido de ridicularizar alguém, debochar. Tem origem no hábito de velhos programas de televisão ou rádio advertirem, com o soar de um gongo, aqueles que cantavam mal.

⁴⁰ Em referência à jornalista Sônia Abrão, conhecida por apresentar programas de fofocas.

⁴¹ Em referência à modelo homônima, conhecida por ter o corpo “esculpido” por cirurgias plásticas feitas pelos dois maridos.

após a publicação, a autoria do blog passaria a ser assinada por Katylene Beezmarcky, travesti nascida em Xerém, subúrbio do Rio de Janeiro, que tem como paixão escrever e frequenta o curso de alfabetização para crianças portadoras de necessidades especiais. A partir disso surge a personagem que vai perdurar até hoje em dia. Além disso, começam a surgir na linguagem utilizada, muitas referências ao Pajubá⁴². O rosto da personagem é uma montagem feita com uma foto da mãe do criador (ver figura 1).

Figura 1 – Personagem Katylene



O blog vai ganhando popularidade vertiginosamente, os leitores do Papel Pop e do Papel Pobre começam a discutir sobre qual blog é melhor e pouco a pouco, Katylene passa a ser uma figura que povoa o “star system” da internet. Os comentários aumentam, consideravelmente, de uma média de 20 comentários chega a ter 500 comentários em uma postagem. Além de que as atualizações frequentes criam vínculos de fidelidade com o internauta. Categorias como “Umidificação do dia”, “Vomitadinha do dia”, “Momento Ego” e expressões como “chique ou cheque?” e “losho ou lesho⁴³?” sedimentam-se no linguajar do blog.

No entanto, o marco histórico na popularização do site se deve a um furo jornalístico, um print-screen onde o ex-participante do Big Brother Brasil “Dan Dan” se masturba para a travesti Renata Finsk é publicado originalmente pela personagem. Mesmo que a publicação tenha sido deletada, o site do provedor Terra noticiou o fato, creditando a fonte, o que trouxe

⁴² Baseada nas línguas africanas empregadas pelo candomblé, é a linguagem praticada inicialmente pelos travestis e posteriormente estendida a todo universo gay. Variante: bajubá (VIP; LIBI, 2006).

⁴³ Muitas expressões foram mantidas na grafia original para fins de apresentação.

um aumento de audiência. Além disso, a blogueira Julia Petit⁴⁴ indicou o blog para seus leitores, contribuindo mais um pouco com a fama de Katylene. A personagem é “entrevistada” em diversos outros sites, aparece no Mix Brasil, Érika Palomino, Kibe Loco e é citada por Evandro Santo, o personagem Christian Pior do programa Pânico na TV.

Nessa época, o blog alcança marcas como: 300 pessoas online ao mesmo tempo, mais de 100 mil visitas semanais e uma comunidade no Orkut com mais de 1000 membros. Em aproximadamente um mês, o Papel Pobre se tornou a nova febre da internet, era assunto em todos os cantos, começava a contaminar com a sua linguagem característica e se tornou a paródia que superou o parodiado.

Tanta expansão fez com que a identidade de Katylene Beezmarcky fosse questionada, até mesmo, porque em entrevistas distintas, foi dito que era “uma dupla de gays⁴⁵” e “duas pessoas cariocas de sexos diferentes entre si”. Foi Rosana Hermann que lançou a pergunta “Quem seriam por trás de Katylene?”. Não demorou muito, a blogueira Adriana Spaca respondeu a essa pergunta “Nenhum segredo é grande o suficiente para ser guardado eternamente na internet”, disse ela em seu blog⁴⁶, onde linkou o perfil de Daniel no Orkut. Daniel, por sua vez, publicou a mesma foto no Papel Pobre na categoria “Vomitadinha do dia” com a legenda “Katy, é você?”.

No entanto, mesmo tendo voltado a postar nos dias seguintes a polêmica, no dia 31 de agosto, como uma estratégia para evitar processos judiciais devido aos comentários, os autores decidiram deletar o blog. De certa forma, isso resultou em uma verdadeira desgraça à Adriana Spaca, que não contava com todo desdobramento de sua revelação. Pois, uma verdadeira frente de batalha surgiu: Daniel recebeu mais de mil recados que pediam pelo retorno de Katylene, assim como Adriana recebeu mais de mil recados sendo alvo do repúdio dos fãs. Contudo, a incerteza tomou conta, havia fontes que afirmavam um retorno da travesti de Xerém, enquanto outras afirmavam o contrário.

Apenas um ano depois, Katylene iria voltar a povoar a internet. Dessa vez, apenas Daniel Carvalho está por trás da personagem. O site atualmente conta com um acesso diário de mais de 26 mil internautas e está em posse da MTV. Mas, para além dos blogs, hoje em dia, Katylene também é “famosa” no Twitter. E tanto no Orkut, quanto no Facebook, há

⁴⁴ A publicação no blog “Petiscos” pode ser acessada no endereço: <<http://juliapetit.com.br/home/katylene-rules/>>.

⁴⁵ A entrevista pode ser acessada no endereço: <<http://paroutudo.com/coberturas/20070820/>>.

⁴⁶ A publicação no blog “historinha” pode ser acessada no endereço: <<http://drispaca.blogspot.com.br/2007/08/bom-todo-mundo-sabe-que-eu-leio-o-papel.html>>.

grupos de fãs. Além disso, a personagem ganhou um programa de TV, mas este não durou muito tempo.

3.2.1 Estética

O layout do blog é como um dos modelos mais simples: um cabeçalho, um espaço (cerca de dois terços da largura da página) dedicado às postagens, uma coluna à direita dedicada à uma série de gadgets e um rodapé ao final da página. Verticalmente, o blog é muito “alto”, devido à quantidade de gadgets inseridos na coluna lateral, assim, é necessário do uso da barra de rolagem para que seja visualizado até o final.

Por tratar-se de uma análise que conjuga aspectos gráficos e de conteúdo, pensa-se aqui a cor como um “elemento da sintaxe da linguagem visual e a linguagem visual como um dos diversos códigos da comunicação humana” (CREPALDI, 2006, p. 2). O plano de fundo do blog é de um sóbrio marrom com um padrão de “cruzes” bege intercaladas com um monograma das iniciais da personagem (KB) em um tom escuro de lilás. Podemos afirmar que o padrão utilizado facilmente nos remete aos antigos papéis de paredes populares entre os reis franceses Luís XV e Luís XVI. Além disso, o padrão apresentado trata-se de uma adaptação da Damier, estampa criada em 1888 por Louis Vuitton. Atualmente, o padrão marrom e bege, com o nome da marca inserido, é um dos maiores ícones da grife que leva o nome de seu fundador. Logo, o plano de fundo busca inserir na imagem do blog, uma ideia relacionada à ideais de riqueza e glamour.

Figura 2 – Comparação entre Plano de Fundo e a “Damier”



O cabeçalho do blog consiste no endereço do mesmo em letras caligráficas que imitam um letreiro de néon. “Katylene” é escrito em lilás, enquanto o “.com” está em vermelho. De tempo em tempo, as letras “at” e “lene” piscam e apagam como que em um mau funcionamento do “letreiro”, induzindo à um ar de glamour e decadência, refletindo a estética

“luxo e lixo” presente em grande parte das manifestações da personagem. Não obstante, quando “desligado”, pode-se ler “KY”, nome de um gel lubrificante íntimo amplamente utilizado na prática de sexo anal, conseqüentemente, muito popular na “cultura gay”.

Figura 3 – Letreiro/Cabeçalho do Site



Figura 4 – Detalhe do Letreiro/Cabeçalho do Site “Apagado”



Logo acima do letreiro, está inserida uma série de links, alguns de acesso a serviços de contato e serviço de feeds RSS, outros, ligam o blog às outras plataformas utilizadas pela personagem, ou seja, Orkut, Facebook, Twitter, Flickr e Youtube. Os links são cinza, contudo, ao “passar o mouse por eles”, eles “ligam” como letreiros rosa (os primeiros) e vermelhos (os segundos).

Figura 5 – Exemplo de Links “Acesos” e “Apagados”



Ao lado dos hyperlinks, é inserida a imagem da personagem. Em meio a diamantes que brilham tanto quanto os luminosos, a Katylene olha para o usuário com um penteado semelhante ao usado por muitas misses e usa uma coroa tal qual. Além disso, uma faixa

contendo o título “Musa do Twitter” liga a imagem da personagem à grande popularidade que ela também apresenta do site de microblog.

Figura 6 – Detalhe da Imagem de Katylene



Na coluna lateral, inicialmente, há o perfil escrito da personagem. Logo abaixo do luminoso rosa “beesha phyna”, Katylene se descreve como:

Seria difícil me descrever em apenas um parágrafo. Mesmo sem vagina eu sou uma mulher completa, dona-de-casa aplicada, artista ímpar, e amante insaciável.

Cresci nas ruas de Xerém, baixada fluminense, e em meio a giletadas, apedrejamentos e muita mágoa eu descobri minha verdadeira paixão: ESCREVER.

Minha formação acadêmica inclui supletivos variados e uma rápida passagem pelo Telecurso 2000. No final do ano me formo nos cursos de depilação íntima, engenharia capilar e manicure avançada do SENAC e pretendo levar adiante minha carreira de consultora estética mundo afora.

Atualmente resido no aconchegante bairro de M'BOI MIRIM e aguardo ansiosamente a expansão do metrô de São Paulo.

No primeiro parágrafo, ao afirmar “Mesmo sem vagina eu sou uma mulher completa”, traz-se para a descrição o sentimento característico daqueles que se propõem a transgredir as normas de sexo/gênero, tal qual os informantes dos trabalhos de Benedetti (2005) e Bento (2006), o sentimento de pertença à um gênero diferente daquele informado por sua genitália. Contudo, o modo pelo qual é inserido o tema garante à vagina certa aura de legitimação, além disso, a mulher completa é descrita como “dona-de-casa aplicada, artista ímpar, e amante insaciável”, logo, não esquiva a ideia de mulheres de verdade são donas-de-casa.

Outro ponto de convergência entre a realidade descrita por Benedetti (2005) e a virtual biografia de Katylene é a presença da violência como constituinte de uma cultura. Na

etnografia realizada por Benedetti (2005), o autor desenvolve uma contextualização de seus informantes – travestis que se prostituem em Porto Alegre – em uma conjuntura onde a violência e o medo são elementos marcantes dessa cultura. Até mesmo as “giletadas” estão intimamente ligadas à situação de marginalidade à qual, muitas travestis estão expostas⁴⁷.

Uma “formação acadêmica” através de supletivos e telecurso 2000 sugere uma sarcástica relação com a baixa escolaridade comumente associada às travestis (BOHM, 2009). Pode-se considerar “sarcástica”, uma vez que Daniel Carvalho é formado em moda. Além disso, os cursos citados têm relação com sexo (temática recorrente nas manifestações da personagem), como “depilação íntima”, ou apresentam uma carga de “grande inovação”, como engenharia capilar ou manicure avançada.

Além disso, o texto é finalizado com a localização da residência da personagem no bairro M’Boi Mirim. O bairro não tem metrô e ainda está localizado no distrito do Jardim Ângela, zona sul da cidade de São Paulo. O Distrito já foi considerado, em 2006, a região mais violenta do mundo pela Organização das Nações Unidas e, apesar de ter reduzido drasticamente o número de homicídios, a região ainda convive com a miséria⁴⁸.

Abaixo do texto, novamente, são disponibilizados links para as outras utilizadas pela personagem. Contudo, desta vez, só a logomarca dos sites é inserida. Junto a eles, há um link que deveria direcionar a categoria de posts dos programas “Katylene TV”, no entanto, o link está quebrado.

Em seguida, há outro “luminoso” indicando um espaço dedicado à quatro situações (o casamento do cantor Belo e a dançarina Gracyanne Barbosa, o baile de gala do Metropolitan Museum of Art, um episódio envolvendo duas travestis e um cliente, a festa de lançamento da nova programação da rede Globo) classificadas como “Baphão”. Segundo o “dicionário gay” Aurélia, o termo bafão é “referente a algo ou alguém que causou alguma coisa” (VIP; LIBI, 2006), ou seja, é um termo utilizado principalmente em relação a escândalos ou confusões. No entanto, dos quatro fatos relatados, apenas o episódio em que o desentendimento entre travestis e cliente virá notícia poderia ser considerado como um escândalo ou confusão. Os outros eventos ficam reservados à categoria de “bafão” enquanto “grandes acontecimentos”.

Um novo letreiro vermelho indica o espaço reservado para as “Katchigurias”. As chamadas categorias são referentes as “tags” às quais são marcadas as postagens e, no espaço

⁴⁷ Marcos Benedetti (2005) comenta que, quando são presas, muitas travestis cortam-se com giletes ou navalhas que costumam carregar. A automutilação consiste em uma forma de ser encaminhada para hospitais e não, para prisões, onde, possivelmente, seriam violentadas. Além disso, as giletes também são usadas como armas, em casos de brigas.

⁴⁸ O Núcleo de Estudos da Violência da USP disponibiliza material sobre a transformação do distrito: Disponível em: <http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=1499 &Itemid=29>. Acesso em: 2 jul. 2012.

reservado à elas, só estão presentes onze tags das quase quatrocentas categorias do blog. Algumas dessas categorias são termos emblemáticos da linguagem utilizada pela personagem, tais como “Vomitadinha do Dya” e “Umidificação do Dya”. Amplamente baseada no Pajubá⁴⁹, a forma de escrever/expressar-se é o principal componente de toda a performance de Katylene. Inclusive, um pequeno gadget de busca inserido logo após as categorias, ao invés, dos tradicionais “busque aqui” ou seus sinônimos, é caracterizado com um “Caça Aqui”, lembrando que o termo “caçar”, na cultura gay, refere-se à busca de parceiros sexuais/afetivos.

Figura 7 – Gadget de Busca



Outro “luminoso” indica a relação de “amiguenhas”, ou seja, os blogs indicados/relacionados pela personagem. Em geral, trata-se de uma grande diversidade sites ou blogs nacionais e internacionais, pessoais ou corporativos⁵⁰ especializados em celebridades, entretenimento e moda. No entanto, alguns links não estão disponíveis, assim como outros remetem a blog “abandonados” como o blog “Tá querida?”. De certa forma, isso parece não ser “fiscalizado” no site, logo, apesar de indicar os sites e blogs, provavelmente, Daniel Carvalho não lê grande parte deles.

Figura 8 – Exemplo de Luminoso



Mais abaixo, o arquivo do blog é disponibilizado sob o título de bafos antigos. O interessante a se destacar aqui é que mesmo que em grande parte do blog (inclusive em um “letreiro” já citado), a palavra “bafo” tem a grafia com “ph”, no entanto, aqui ela é apresentada com “f”, o que demonstra que todo linguajar utilizado no blog tem uma grafia “instável”, sem qualquer regulação. Outro artifício utilizado para linkar o blog ao facebook é

⁴⁹ Baseada nas línguas africanas empregadas pelo candomblé, é a linguagem praticada inicialmente pelos travestis e posteriormente estendida a todo universo gay. Variante: bajubá (VIP; LIBI, 2006).

⁵⁰ Como corporativos, considero blogs ou sites mantidos por grupos empresariais como o site “Ego”, mantido pela Rede Globo de Televisão.

o “plug-in” utilizado no blog. Nele, o usuário/leitor pode “curtir” a página oficial da personagem sem a necessidade de sair do blog.

No rodapé da página uma mensagem que define o blog enquanto uma página de “fofocas” e alerta sobre o conteúdo do blog não ter um compromisso com a verdade, publicando “rumores, além de fatos reportados”. Além disso, assume-se a não-autoria das fotos, permitindo o contato daqueles detentores dos direitos autorais de materiais que não permitirem a sua exibição no site. Finalmente, o blog repete os links para as mais diversas plataformas, porém, agora de forma mais simples.

Figura 9 – Rodapé do Blog



O que se destaca a qualquer observação mais detalhada do blog é o fato de que um dos principais constituintes da construção da identidade do mesmo é uma estética “lixo e luxo”. Unindo elementos como “papel de parede”, letreiros de neon, diamantes e uma coroa, Katylene.com toma de signos que remeteriam à uma estética luxuosa, mas que através do excesso se torna caricaturalmente brega. De certa forma, o “letreiro” no qual ciclicamente algumas letras se apagam pode ser considerado como uma síntese primorosa da estética identitária do blog. Além disso, é visível que em diversos pontos (desde o letreiro que menciona “KY”, aos termos utilizados para as diversas seções, entre outros), a cultura gay se faz presente na forma de gírias e outros elementos.

Os hiperlinks de ligação às outras plataformas utilizadas não só estão presentes, como estão em uma insistência: estão apresentados no início (cabeçalho), meio (coluna lateral) e fim (rodapé) do blog. Assim, o leitor do blog tem a oferta de não só ler o blog, como também fazer parte da comunidade oficial no Orkut, seguir a personagem no Twitter e assistir os programas de TV, além de que, o plug-in do Facebook convida o leitor à curtir a fanpage no facebook sem nem ao menos sair do blog.

Enfim, foi possível perceber que o blog não se apresenta como mais um blog de fofoca, pois, a estética se insere como um “atrativo a mais”. Assim, não desprezando a importância do conteúdo do blog, mas a personagem “per se” já é uma atração do blog. Além

disso, foi possível perceber que o blog se linka às outras plataformas de modo que a ligação entre a personagem/autor e os leitores seja ainda mais forte.

3.2.2 Texto

Post “UMIDIFICAÇÃO DO DYA”

(Postado às: 4:39 do dia 16 de out. na categoria “umidificação do dya”)

COM LICENÇA LOOCIANA, mas aceitem a imashem abaisho que eu feez do MEU, do SEU, do NOSSO Mariano do camaro amarelo, durantchy a passágy relâmpago do boy aqui por São Paula na semana pass-ada:



Pra quem é cega, tá vendo o bluóg num compootador do milhão ou simplesmentchy não acredita no seuzóio, fica aqui o zoom na dedchicatória do riquíssimo cd de edyvoolgação que eu ganhey:



*“P/ KATYLENE UM BEIJO GREGO DO MARIANO”
VRRRRRRRRRÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁ!*

*E quando eu perguntay se ele sabea o que era o greek kiss ele falou “SIM, É A FAMOSA LAMBIDINHA NA PORRRRRTA DO ESGOTO!” JU-RO!
MORTA! APENASH O MEU SILÊNCIO PRA TODASH VOCÊSH! ADEUSH!*

Tags: AVC, beyjo grego, camaro amarelo, doce doce doce, mariano, meus maridos, pentelho nos dentchy

A expressão “Com licença Luciana” é mais um meme da internet que Katylene faz uso nos textos. A “Luciana” citada trata-se de Luciana Gimenez, pois tal frase se popularizou devido ao uso por diversos espectadores do programa que usavam a mesma para dar opiniões (às vezes, absurdas) sobre os temas “polêmicos” discutidos.

O post é reflexo do sucesso alcançado pela dupla Munhoz e Mariano com a música “Camaro Amarelo” (inclusive, o nome da música é utilizado como tag) e as frequentes sensualizadas de Mariano. A música trata-se do primeiro sucesso da dupla sertaneja tanto que o músico é chamado pela personagem como “Mariano do camaro amarelo”.

Como toda publicação do blog, no decorrer deste texto, temos inúmeros trocadilhos como a feminização do nome da cidade de São Paulo, ou ainda, a separação “pass-ada”, insinuando a abreviação “pass” utilizada para indicar a posição passiva no sexo. Mais adiante, é citado “o computador do milhão⁵¹” remetendo à algo sem qualidade, uma vez que não permitiria ao leitor, uma boa visualização das fotos.

A montagem feita segue o padrão de sequência de fotos com aumento de zoom e texto inserido na última foto, no caso, um emoticon. A combinação dos sinais “<3” é comumente empregada para formar um coração (horizontalmente), tanto que em sites como Facebook, os

⁵¹ O computador do milhão foi uma iniciativa de uma parceria feita entre o SBT e a Microsoft para democratizar a tecnologia. Além de vender computadores a preço mais populares, o projeto ainda previa a possibilidade de parcelar a compra.

sinais são substituídos por um desenho de coração. Como não é possível ler o autógrafo na foto, ainda há uma imagem apenas do CD e Katylene ainda reproduz o texto “P/ KATYLENE UM BEIJO GREGO⁵² DO MARIANO”.

Então, a personagem comenta sobre ele saber sobre a prática sexual, garantindo assim que ele sabe o que deseja para ela. Logo, a inserção da onomatopeia “VRRRRRRRRRÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁ!” equivalente à um tapa, como se Katylene chocasse o leitor. Além da utilização da onomatopeia, a grafia “JU-RO” reproduz a vocalização pausada da palavra de maneira a dar ênfase à mesma. Enfim, a expressão “MORTA! APENASH O MEU SILÊNCIO PRA TODASH VOCÊSH! ADEUSH!” é utilizada no sentido de espanto e impossibilidade de expressar quaisquer comentários sobre o fato.

Post “FOI ÓTSHEEMO”

(Postado às: 5:13 do dia 26 de nov. na categoria “travestchyzmos”)⁵³



Encontrou duas beesha na rua no findesh, aceitou dar 01 voltesheenha com elas, foi usada, abusada e te deisharam sem nenhoom realzeenho????????????????????

VOCÊ NÃO ESHTÁ SOZEENHA!!!!!!

Jodiney Aparecido, aka Déborah (nome de guerra, né?), tamém passou pelo meshmo drama recentchimentchy.

Acompanhe de perto o drama dessa belíssima colhéga meenha e reshponda: FOI RUIM????

⁵² Gíria para a prática conhecida também como “anilingus” que consiste em lamber e beijar o ânus, pela fruição em si ou como preliminar para o sexo anal, geralmente com o propósito de relaxar o esfíncter e propiciar uma melhor abertura do ânus.

⁵³ http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=VKKas8s16TA



Tags: estupro, exatamentchy, fintchy reais, kedize, law & order SVU, quem noonca, travestismos

A reportagem que dá origem ao post apresenta uma série de elementos do que seria “um bafo” com grandes chances de popularizar-se na internet e ainda render algumas expressões a serem difundidas pela rede. A combinação de travestis, escândalos e polícia é uma constante em certos vídeos populares da internet como o “caso” de “Vanessão⁵⁴” e “Yasmin e Fernanda⁵⁵”.

Em todos os casos, expressões como a destacada “foi ótimo” foram adotados como memes da internet, no caso de “Yasmin e Fernanda” foi a expressão equivocada “um abuso de travesti”, enquanto o caso “Vanessão” tornou a travesti do interior de Rondônia em uma personalidade da internet, disseminando bordões como “para tua moto na BR”, “conhece ele várias vezes ele”, “quebrei toda moto dele” e “vinte reais” (“traduzido” como “fintchy reais”, imitando a sonoridade empregada pela travesti, nas tags usadas no blog). A inserção dessa tag sugere essa relação entre os vídeos, afinal, ambos tem o mesmo “formato”.

Outras tags interessantes é a comparação irônica feita com “Law & Order SVU”, uma série de televisão policial norte-americana ambientada na cidade de Nova York centrada em dois detetives da Unidade de Vítimas Especiais de uma versão fictícia da 16ª Delegacia de Polícia do Departamento de Polícia da Cidade de Nova York. Além disso, as tags “exatamentchy” e “estupro” são expressões destacadas do vídeo.

⁵⁴ <http://www.youtube.com/watch?v=OjdFsDo3hjY>.

⁵⁵ <http://www.youtube.com/watch?v=BCOojngXI8>.

Post “OLÁ NEGÕH WAIT”

(Postado às: 11:53 do dia 18 de dez. na categoria “vomitadinha do dya”)

Geisy Arruda se veste de Britney Spears



PRONTO, JENT!

Agora a seshta-feyra já podche shegar, os céush já podem siabrir e os cavaleiro do apocalipse tudo deshcer junto com Santa Cher enquanto uma grande onda de fogo (oi?) engole todash nósh!!!

NEIDE ARRUDA É 01 REALIDADCHE!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Ficou tão igooal que eu ousou até dizer que não sabia dizer quem é quem.

VOCÊ SABERIA? CERTEZA? ENTÃO TEMPO NA TELA E MIDIZ ONDE TERMINA GEISY E COMEÇA NEIDY:



*HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA
HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA
HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA
HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA
HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA*

DESHDE PÓKEMON AS VIADA NUM TINHAM UM ATAQUE EPILETSHEECO TÃO DELICIOSO ASSEEM!!!!

MIACODE QUE EU TÔ CAINDO!

SÓ TÔCO MEDO DE FESHAR OZÓIO AGORA E VER A IMASHEM DA MENINEENHA DO EXORCISHTA!!

Até o próprio Egostagiário deu uma bela zoadjeenha na Geizoca. Aceita:

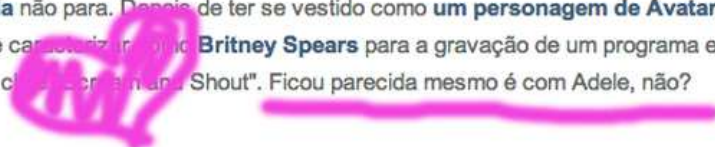
Do EGO, em São Paulo

28 comentários

96

Recomendar 232

Geisy Arruda não para. Depois de ter se vestido como um personagem de Avatar, a última da loira foi se caracterizar como Britney Spears para a gravação de um programa em que reproduziu o clássico "I Wanna Show You". Ficou parecida mesmo é com Adele, não?



TADJEENHA DO ADELHÃO, NÉAN?

Tá lá caladjeenha curtsheendo sua geshtação de 2 anosh, daí o povo vai lá e shosha assim a pobrezaeha. MAS ENFEEM, o foco aqui é Neidy Arruda.



*Ashey essa pose bastantchy conceitooal, cês num concordam?
O assistentchy do fotografo teve que subeer numa eshcada e ficar com um balde de peishes tentando prender a
atenção da Neidy enquanto essa imasheh era eternizada.
Eu goshtaria tamém, já pedindo perdão se você acabô de shegar do almoço, pra shamar atenção pra 01
pequeno detalhe:*



*QUE QUE CÊ PASSA NAS SOOVACA, GEISY? CARVÃO????????????????????
ISSO DAÍ TÁ MAIS ESHCURO QUE O MEU PASS-ADO! VAI TRATAR DESSA PRETIAÇÃO, FIA! CUSHTA
NADA!*

*Agora quando você, querida leitora pass (todas), for ficar de quatro pro boy e ele fizer cara de “NOSSA,
CLAREAMENTO ANAL KD?” tu fala “JÁ VIU AS AXILA DA GEISY? ENTÃO PRONTO.”
Sério, queria passar logo pra próxima foto mar tô em shock com a falta de toscoshop nesse buraco negro.
Tá parecendo a previsão do tempo do SPTV de todo santo dya.*



*AGARRA NO TERÇO COMEEGO E GRITA JUNTO: SENHOR, PUFAVOR, NÃO MULTIPLICA!!!!!!!!!!!!!!!
Já pensou se isso daê fosse quiném aqueles bisho da mitologia (ó como eu tô pajubenta hojy) que tu corta uma
cabeça e crshcem mais duashno loogar?? Daí cê faz a conta de quantash vezesh a lymda já entrou na faca e
pensa comeego: A-PA-VO-RA-DA!*



PFR ALGUM LOJA CONTRATANDO DJÁ DONA NEISY PRA FAZER VITRINE VIVA?

Já pensou como venderia bem mais and melhuór o seu produto, querido lojishta?

Quem precisa de Gisele na veetreena do Iguatebee? Bota a Geisy no Brásh, jent! HELLO!???

*Agora já podche olhar pra imashem aceema e sonhar com o TV Fama promovendo o encontro que realmentchy
nos interessa: de Geisy Spears com Ines Brazeel? AÍ SEEM, HEIM?*

Tags: 10deshpero, booleemeea, creisy arruda, halp, medo, neide spears, ô dó, pânico, pavor, socorro

Primeiramente, seguindo a linha de pensamento do blog, faz parte de um grupo do que Katylene chama de subcelebridades. Esse subgrupo seria destinado àquelas pessoas comuns que ficaram famosas por diversos motivos, mesmo que sem quaisquer talentos como ex-participantes de reality shows ou envolvidos em episódios midiáticos, tal qual Geisy Arruda. A estudante ficou conhecida por ser vítima de um escândalo moralista na Universidade

Bandeirantes de São Paulo (UNIBAN) filmado e publicado no site Youtube, contudo, ela não possui nenhum talento que a permita permanecer na mídia (como cantores ou atores), então, sua aparição na mídia depende de quase que exclusivamente do chamado “jornalismo de fofoca”.

Se caso o episódio relatado no post não envolvesse Geisy Arruda, o clipe novo de Britney Spears (comumente “gongada” pelo blog e chamada como “Neide Spears” por Katylene) e ainda fosse sobre um episódio do “TV Fama”, talvez nem mesmo fosse comentado pela personagem. Contudo, ao ser protagonizado por uma subcelebridade, a qual não teria autoridade para tal, imitando uma cantora sem muita autenticidade, segundo o pensamento de Katylene e realizado por um programa de fofocas, o evento torna-se “desastroso”. Assim, ao comentar a reportagem do site “Ego”, a personagem se utiliza do boato do fim do mundo na sexta-feira, dia 21 de dezembro, nas expressões “seshta-feyra já podche shegar, os céush já podem siabrir e os cavaleiro do apocalipse tudo deshcer junto com Santa Cher enquanto uma grande onda de fogo (oi?) engole todash nós” como modo de chacotear o ensaio fotográfico.

Em seguida, a linguagem utilizada interage diretamente com o leitor ao perguntar “Você saberia? Certeza? Então tempo na tela e midiz onde termina geisy e começa neidy”, logo publicando uma imagem em formato “gif” que intercala uma fotografia do ensaio e um frame do videoclipe. Além disso, a expressão convencionada como risada “hahaha” é inserida no texto de forma “extrapolada”, demonstrando um “exagero de risos” que é reforçado com a inclusão do “ataque epilétsheeco tão delicioso” e queda (“Miacode que eu tô caindo”).

Na sequência, o próprio site ego é ironizado ao ser chamado como “Egostagiário⁵⁶” e acusado de “zoar” com Geisy. A acusação é justificada pela montagem “mal feita” (aos moldes do blog) na qual é destacado o comentário “Ficou parecida mesmo é com Adele, não?”. A personagem usa deste gancho para trollar também Adele, chamando-a de Adelhão, em referência à toda discussão sobre a cantora ser “gordinha” e ainda comenta sobre gravidez responsável por ela afastar-se da mídia por algum tempo.

Na foto seguinte, Katylene ironicamente elogia a foto ao chama-la de conceitual, no entanto, em um segundo momento de comentários sobre a mesma, ela coloca o sarcasmo em evidência ao sugerir que Geisy Arruda estaria observando um balde de peixes usado como “isca”. Além disso, em sequência, é apresentada uma das estratégias comuns no blog para destacar algo em uma foto. Consiste em uma série de reproduções de uma imagem, com um

⁵⁶ O termo remete ao site Ego Estagiário que parodia o site das organizações Globo. O site pode ser acessado no endereço: <http://egoestagiario.com/>

“zoom” cada vez maior no elemento a ser destacado, sendo inserida na última imagem a palavra “Temço”. No caso desta publicação, o elemento a ser destacado é a axila de Geisy que é comparada a carvão, ao passado da personagem e a previsão do tempo do jornal SPTV. Além de tornar perceptível o quão detalhista são comentários da personagem, a própria personagem sugere que teria um “passado negro”, além de trazer para o texto, a temática sexual ao comentar sobre “clareamento anal”.

Ao comentar a foto em que Geisy aparece “triplicada”, Katylene convoca o leitor à um suposto gesto “exagerado” de rezar para que isso não aconteça de fato. Neste ponto, a personagem se refere a senhor (ao falar de Deus), no entanto, nos primeiros parágrafos do post, ela mesma se refere a uma divindade como “Santa Cher”, em referência a cantora ícone pop e gay de 66 anos.

Finalmente, a personagem ironicamente sugere que Geisy Arruda poderia substituir a modelo internacionalmente conhecida Gisele Bündchen e sugere que o programa “TV Fama” poderia realizar o encontro de Geisy e Inês Brasil, também famosa devido a um vídeo postado no Youtube.

Post “FELIZ #BERENICEDAY”

(Postado às: 12:28 do dia 19 de dez. na categoria “recordar é viver”)⁵⁷



Hojy, dia 19 de dezembro, quando o seu relóshio marcar 17 horash, pare o que você eshtiver fazendo, olhe para o sol belo e azul, segure fortchy no pulso da pessoa que eshtiver ao seu lado (olha a deshculpa pra acuendar na rua) e diga pra ela com mointa convicção “BERENICE, SEGURA, NÓS VAMOSH BATER.”

Have a Bere-NICE day e comemore girando essa data tão importantchy pra internétchy nacioanal!

E vale a pena lembrar que o verão só começa no dia 21 de Dezembro, néan?

Tags: berenice, clássicos, feriados, fusquinha, leila lopes, por onde anda?, referências, varig, verão.

O texto deste post vem antecedido pela repostagem do vídeo “No Limite da Morte”⁵⁸, uma entrevista protagonizada pela atriz Leila Lopes que se popularizou na internet devido ao

⁵⁷ http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=v396cL6lCqE

⁵⁸ http://www.youtube.com/watch?v=v396cL6lCqE&feature=player_embedded

caráter peculiar de algumas declarações da atriz. Nesta postagem, mais que comentar algum evento envolvendo uma celebridade, Katylene resgata um importante episódio da “cena da cibertroll”, uma vez que o vídeo poderia ser considerado, tal qual é feito no blog, um clássico da internet nacional, originando a popular expressão “Berenice segura!”.

No título, a expressão “#BERENICEDAY” insere o episódio enquanto uma comemoração como outras mobilizadas pelo blog⁵⁹. O uso do “#” faz uma clara menção às hashtags do Twitter, pois, durante as comemorações mobilizadas pelo blog, é comum que os leitores sejam incentivados a publicar declarações acompanhadas da hashtag. Desta forma, o post funciona como uma forma de articular-se ao Twitter da personagem, de maneira que o leitor é convidado a participar da construção da narrativa, até mesmo, porque alguns tweets recebem retweets da personagem.

Além disso, as expressões “19 de dezembro”, “17 horas” e “sol belo e azul” são originárias do vídeo, enquanto “comemore girando” trata-se de uma pequena adaptação também de uma fala da entrevista. Tais expressões também se popularizaram em menor grau pelo cenário da internet brasileira, sendo as duas primeiras marcadas, principalmente, pela entonação dada. Não obstante, a observação “E vale a pena lembrar que o verão só começa no dia 21 de Dezembro, néan?” se deve ao fato que durante a entrevista, Leila Lopes afirma que era verão no dia do acidente (19 de dez.).

Algumas tags também fazem menção à trechos do vídeo, no entanto, a tag “por onde anda?” refere-se a outro vídeo que também envolve o nome da atriz. Trata-se de um trecho do programa “Manhã Gazeta⁶⁰”, no qual a apresentadora Claudete Troiano, ao comentar sobre o nome da miss universo 2011 (também Leila Lopes), pergunta “por onde anda?” e manda um beijo para atriz já falecida há quase dois anos, tornando-se mais um clássico da internet. De certa forma, isso insere o vídeo principal do texto num contexto mais geral de vídeos, sendo tais associações características da informação online.

⁵⁹ #KatyBDay #NeideDay

⁶⁰ http://www.youtube.com/watch?v=YiRt_MAbTpo

Post “FILIZ ANALTAL”

(Postado às: 6:39 do dia 24 de dez. na categoria “HÔU HÔU HÔU”)^{61 62}



CADA 01 TEN O PRESENTCHY QUE MERECE, NÉAN???? KKKKKKK
BRIMQS!!!!!!!

*Queria deseshar aqui um natal maravilhuoso pra todos os belíssimos (ou não) leitores do KATY.COM!
Sijoguem nos perus e/ou nas rabanadash e celebrem mointo o nashcimento de Santa Cher!
HÔU! HÔU! HÔU! E BOAZENTRADA! ;)*

Tags: anatal, datas comemoratchyvas, natal, nivers, papai noel, shanooka, xésus

Este foi o post comemorativo de natal no blog, ou nas palavras de Katylene, “Analtal”, para não esquecer o trocadilho de cunho sexual. O texto do blog é acompanhado por dois vídeos, o primeiro é uma campanha de natal da marca de cuecas Andrew Christian, conhecida por investir massivamente em publicidade visando o público gay, logo, suas campanhas são conhecidas pelo conteúdo homoerótico, não muito diferente no vídeo intitulado “Hunky Santas: The Holiday Card⁶³”. Já o segundo é um vídeo postado por Luisa Marilac desejando

⁶¹ http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=OFtBSITLzI8

⁶² http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=_fLIDsh8EU

⁶³ Traduzível como “Papais Noéis Bonitões: o Cartão de Feriado”.

feliz natal. A travesti Luisa ficou conhecida também por um vídeo postado no Youtube que rendeu algumas expressões que se tornaram “memes” da internet⁶⁴, como “bons drink” e “se isso é estar na pior, que quer dizer estar bem, né?”.

Ao se utilizar da campanha de uma marca voltada ao público gay, na qual, há uma estética apropriada à esse público de maneira que sugere uma possível “não heterossexualidade” dos homens apresentados, Katylene subverte o hábito do qual nos fala Benedetti ao comentar que travestis desejam homens com um passado heterossexual. Logo, Katylene Beezmarcky não poderia ser “encaixada” naquele estereótipo de travesti.

A relação entre os vídeos é estabelecida através das palavras “eshpectativa”, o vídeo “Hunky Santas: The Holiday Card”, e “realidadche”, o vídeo de Luisa Marilac, ou seja, há a espera de “algo bom”, mas a realidade é “algo ruim”. Tal construção de sentido a partir da oposição “expectativa boa/realidade ruim” vem se popularizando no cenário da internet brasileira, principalmente em sites de humor como “Como eu me sinto quando⁶⁵”. Além disso, a relação é reforçada na frase “Cada 01 ten o presentchy que merece, néan?”, sugerindo certa inferioridade do Brasil em relação ao Estados Unidos.

Como o post é especial de natal, logo, Katylene deseja um natal maravilhoso e aconselha “se joguem”, expressão que na cena gay poderia ser interpretada como "vai com tudo", "pula de cabeça" ou "vai sem medo". Não obstante, o conselho é “se jogar” nos perus e rabanadas conotando um sentido sexual aos alimentos, sentido este também existente no desejo de “boas entradas” expressado logo adiante. Também, a data é caracterizada como nascimento de “Santa Cher” (sendo que a cantora nasceu dia vinte de maio), ignorando a tradição cristã do Natal ou mesmo o antigo ritual pagão do Yule.

3.3 TWITTER

Apesar de utilizar diversas plataformas disponíveis online (blog, Orkut, facebook, Twitter, flickr e youtube), como foi dito anteriormente, Katylene se autointitula “musa do Twitter” (conforme visto na figura 1), até por que, o Twitter poderia ser considerado a segunda ferramenta online mais utilizada pela personagem e, inegavelmente, onde a personagem goza de grande prestígio.

O Twitter é um site de rede social e microblogging, lançado em 2006, muito popular no mundo inteiro. Em 14 de setembro de 2010, o site divulgou que o número total de usuários

⁶⁴ Segundo Recuero (2007, p. 23), “um replicador, que se propaga através das pessoas, por imitação”.

⁶⁵ <http://comoeumesintoquando.tumblr.com>.

registrados era de 175 milhões. O site é gratuito e acessível via web, sms ou programas específicos.

Ao acessar o site, o usuário é convidado a responder à pergunta “*What’s happening?*” (O que está acontecendo?) em mensagens, chamadas “*Tweets*”, de até 140 caracteres. As mensagens são publicadas na página inicial de seu perfil (*timeline*) e na página daqueles que escolhem “seguir” este ator (“*followers*”). A prática de “seguir” e ser seguido por outros usuários (*following*), além das trocas sociais, permite a configuração de uma rede social online. Originalmente, os “*tweets*” são de acesso público, contudo, o proprietário da conta pode configurar a conta para que sejam privados. Além disso, a página inicial de perfil pode ser personalizada através da escolha dos avatares, cores e planos de fundo.

Recuero e Zago (2010) defendem que o Twitter deve ser considerado uma rede social visto que “permite às pessoas criarem um perfil público, interagir por meio dele, e mostrar suas redes sociais” (p. 70-71). As autoras listam duas principais apropriações da plataforma, conversação (JAVA et al., 2007; HONEYCUTT; HERRING, 2009) e compartilhamento e difusão de informações (MISCHAUD, 2007; JAVA et al., 2007).

A propósito da primeira, Recuero e Zago (2010) consideram que “alguns recursos do próprio sistema colaboram para essa prática, como a possibilidade de emprego do símbolo @ seguido do nome de um usuário para direcionar a mensagem para esse usuário” (p. 71), tal recurso consolidou o emprego do “@” como uma forma de direcionar a mensagem a alguém. Já em relação ao compartilhamento e difusão de informações, as autoras comentam que “essa apropriação compreende práticas de repasse de informações consideradas relevantes entre os atores das várias redes sociais no Twitter, a difusão de informações obtidas em outros meios – como meios de comunicação de massa, por exemplo – e o impacto dessa circulação dentro das redes estabelecidas na ferramenta” (2010, p. 70). Mas ainda mais relevante é que elas caracterizam que a estrutura da internet funciona como “catalizadora nos processos de informação das redes sociais que são suportadas por ela” (p. 71), assim, tornam-se populares os estudos sobre difusão de inovações (KLEINBERG, 2007), propagação de memes (KLEINBERG, 2009), estrutura das redes e sua influência na propagação das informações (ADAR; ADAMIC, 2005).

Contudo, inegavelmente, as apropriações são vinculadas, uma vez que na difusão de informações, o caráter de rede social encontra-se presente, até mesmo porque as informações divulgadas podem ser apropriadas pelos usuários que poderão respondê-las ou ainda repassá-las. Além disso, o uso das “*hashtags*”, como uma forma de organizar as informações

difundidas, facilita o resgate de tweets relacionados a determinados temas, o que indica uma virtual conversação. Adar e Adamic (2005) comentam que tal “como as redes de blogs formam redes sociais, com blogueiros lendo e comentando os conteúdos uns dos outros, uma informação recém-descoberta pode propagar-se através dessas comunidades on-line” (p. 1).

Cha et. al. aos buscarem mensurar a influência de atores no Twitter comentam sobre “usuários comuns podem ganhar influência, concentrando-se em um único tópico e postar os tweets criativos e perspicazes que são percebidos como valiosos por outros, ao invés de simplesmente conversar com outras pessoas”⁶⁶ (2010, p. 11). O caso de Katylene seria um bom exemplo disso uma vez que a personagem se popularizou devido aos tweets de conteúdo semelhante ao do site. Contudo, os autores baseiam-se no trabalho de Avnit (2009) que desconstrói a ideia da avaliação a partir do número de seguidores, pois “ter um milhão de seguidores nem sempre significa muito no mundo Twitter”⁶⁷ (Cha et. al., 2010, p. 11), até mesmo porque muitos usuários seguem outros apenas por etiqueta – é educado seguir alguém que está te seguindo, no entanto, muitos nem leem os tweets. Assim, “é mais influente para ter uma audiência ativa que retweets ou menciona o usuário”⁶⁸. (Cha et. al., 2010, p. 11).

Outro ponto que vem sendo estudado em relação à ferramenta é a convergência com outras mídias, principalmente a televisão. Chagas (2010, *online*) comenta que muitos programas de TV, ou mesmo emissoras, criam perfis no site de maneira a estimular a participação do espectador e difundir o programa. Mas a autora ressalta que muitas vezes a “expansão” de um programa de TV ao Twitter surge de maneira espontânea, sem que haja um envolvimento da produção do programa. Maria Clara Aquino e Paula Puhl ao estudarem esta convergência no caso da reprise da novela “Vale Tudo” comentam que “quanto mais jovem é a população maior a convergência de outros meios com a internet, sendo que 27% dos respondentes estão conectados à internet enquanto assistem televisão (2011, p. 34-35). Isso é reflexo daquilo que Chagas comenta como “anseio por participação levou o telespectador a buscar outros meios onde pudesse ter um papel mais ativo e na internet ele encontrou espaço para ‘falar’, trocar informações e produzir conteúdo” (2010, *on-line*).

Então, temos apropriação de uma ferramenta, que anteriormente seria voltada para a difusão de mensagens pessoais, para uma conformação na qual “a informação é construída,

⁶⁶ Tradução feita pelo autor do original: “ordinary users can gain influence by focusing on a single topic and posting creative and insightful tweets that are perceived as valuable by others, as opposed to simply conversing with others”

⁶⁷ Tradução feita pelo autor do original: “having a million followers does not always mean much in the Twitter world”

⁶⁸ Tradução feita pelo autor do original: “is more influential to have an active audience who retweets or mentions the user”

trocada e valorada” (RECUERO; ZAGO, 2012, p. 21) de maneira que “o Twitter tem sido apropriado para criação e manutenção de redes sociais que influenciam e são influenciadas pela difusão de informações” (RECUERO; ZAGO, 2012, p. 21).

Assim, concorda-se com Java (et al, 2007) quando afirmam que “o Twitter, como ferramenta que possibilita a criação e a complexificação de estruturas sociais, é capaz de gerar valores através de sua apropriação. Contudo, os valores construídos ali são provenientes pelo uso, pela apropriação feita pelos usuários, pela rede social do site. Assim, o surgimento de personagens tais quais Katylene é possível por apropriações sociais características da ferramenta do Twitter.

Ironicamente, no Twitter, o perfil da personagem (@katylene) conta com mais de 200 mil seguidores, enquanto o perfil de Daniel (@cadeodaniel) tem apenas aproximadamente 22 mil. Fazendo uso do processo de construção de uma identidade online do qual, diversos autores nos falam (Recuero, 2009; Donath, 1999), Daniel constituiu uma narrativa da personagem que praticamente se desvincula à sua. Não podemos ser ingenuos de pensar que tal ligação seja possível de ser quebrada, contudo, ao observarmos grande parte das performances de Katylene, a referência ao seu autor permanece em segundo plano de forma implícita.

3.3.1 Estética

A biografia inicial da página “Fui aomilhada, passei por uma série de problemas e consegui dar a voltar por cima e mostrar meu valor” reflete a mesma narrativa disponibilizada no blog sobre a travesti que “cresceu em meio a giletadas, apedrejamentos e muita mágoa e que, hoje, tem carreira de consultora estética”.

Graficamente, o plano de fundo utilizado no Twitter é o mesmo no blog, marrom com um padrão que intercala as iniciais “KB” em lilás e outro detalhe que lembra uma pequena flor em bege. Já as imagens utilizadas no perfil variam com o passar do tempo, mas, como pode ser percebido na figura 2, comumente as imagens tem alguma referência “pop”.

Ao conceber os perfis online enquanto “representações de atores sociais” (RECUERO, 2009), ou ainda, segundo Dal Bello e Nomura, “um arranjo sgnico-imagético que faculta ao usuário sua organicidade aparente, uma espécie de corpo virtual” (2011, p. 6), considera-se que tais imagens utilizadas no perfil são de grande relevância no processo de representação, uma vez que “a foto de identificação é o que confere um ‘rosto’ ao dinâmico

conjunto, constituindo um dos principais elementos da mecânica de projeção e promoção do eu” (DAL BELLO, NOMURA, 2011, p. 6). Portanto, durante o processo de observação, coletaram-se onze imagens utilizadas como perfil para buscar entender o porquê daquelas imagens, rastreando suas origens. Todas figuras montagens feitas com fotos encontradas na internet (com exceção da imagem de perfil 11), nas quais, o rosto da personagem é sobreposto no rosto da pessoa fotografada.

Figura 10 – Imagem de Perfil 1 e Imagem Original



Essa primeira imagem não se trata de alguém famosa, mas sim, uma anônima em uma foto publicitária de um estúdio profissional. Apesar de consistir em uma fotografia profissional, percebe-se que a “modelo” não segue exatamente os padrões estéticos contemporâneos e, além disso, a construção da imagem tende à algo que aproximar-se do que poderia ser considerado brega. Então, percebe-se que Katylene buscou uma imagem que transmitisse a maneira dela de tratar do tema sexualidade/sensualidade, uma vez que, em uma tentativa de ser sexy, a foto torna-se um cafona.

Figura 11 – Imagem de Perfil 2 e Imagem Original



Outra foto de uma anônima que foi utilizada como foto de perfil. Uma procura pela imagem em sites buscadores retorna uma série de links para sites que a classificam como uma imagem “engraçada”. No entanto, a origem exata da fotografia não foi possível localizar, mas existem elementos como a saia curta e mesmo a roupa íntima da menina fotografada que indicam uma provável origem em sites eróticos. Desta forma, a personagem utiliza essa imagem, se colocando num posição de quem seduz (nádegas a mostra), mas de uma maneira, no mínimo, estranha.

Figura 12 – Imagem de Perfil 3 e Imagem Original



Como pode ser visto, a imagem original trata-se de uma foto da cantora americana Britney Spears. Desde o início da carreira, a “princesa do pop” sempre teve sua autenticidade questionada, visto que a mesma costuma utilizar playback em seus shows e apresentações e ter a voz amplamente manipulada na gravação de canções. Essa situação “flutuante” não permite que a cantora tenha uma consagração tal qual cantoras de grande potência vocal, no entanto, isso não há impede de emplacar “hits da Billboard”. Por isso, Britney é uma das principais celebridades “troladas” no blog, inclusive Katylene alcunhou a mesma como “Neide Spears”.

Figura 13 – Imagem de Perfil 4 e Imagem Original



Como dito anteriormente, Britney Spears é uma das “vítimas” favoritas de Katylene Beezmarcky. Além das questões relacionadas à autenticidade da cantora, nos anos 2006-2007, a cantora ficou afastada da mídia por conta de uma série de escândalos e a foto em questão foi feita durante a apresentação no Video Music Awards (VMA) da MTV norte-americana no dia 9 de Setembro de 2007 que seria seu retorno oficial. No entanto, a apresentação foi duramente criticada porque Britney estava fora de forma e demonstrou pouco entusiasmo, por diversas vezes não acompanhando nem a coreografia, nem o playback. Assim, o que deveria ser um “grande retorno” acabou sendo um dos momentos mais constrangedores da história do VMA. Ao usar esta imagem, Katylene não apenas “trolla” Britney Spears como também relembra o momento constrangedor.

Figura 14 – Imagem de Perfil 5 e Imagem Original



A imagem original trata-se de material de divulgação do grupo “Gaiola das Popozudas” do qual “Valesca Popozuda” é vocalista. O grupo de funk carioca foi formado em 2000 e emplacou músicas como “Quero te dar”, “Tô Que Tô Pegando Fogo” e “Late que Eu

tô Passando”. Mesmo sendo considerado um dos grupos promissores do feminismo dentro do cenário funk, o grupo é alvo de muitas críticas devido ao uso de palavras de baixo calão.

Figura 15 – Imagem de Perfil 6 e Imagem Original



Está foi a imagem de perfil utilizada durante o carnaval. Seria possível que Katylene usasse uma fotografia de qualquer rainha de bateria, uma vez que o rosto é “escondido” pelo da personagem, no entanto, isso implicaria em abrir mão de toda carga de sentido criada a partir da referência da imagem da funkeira. Ao relacionar sua imagem à de Valesca, Katylene consegue aproximar as maneiras que as duas tratam de sexo, vulgarizando-o de uma maneira muitas vezes considerada “trash⁶⁹”.

Figura 16 – Imagem de Perfil 7 e Imagem Original



Referências à rainha do pop Madonna não poderiam ficar ausentes da narrativa de Katylene. Ora pelo extraordinário prestígio frente a cultura pop, ora pela grande popularidade

⁶⁹ A cultura trash pode ser descrita por certa valorização de produtos bregas/toscas pelo simples fato de assim sê-los. Não há interesse em apreciar o filme, a música, etc., enquanto algo de qualidade, mas sim, fazer uso do “humor” referente a condição brega.

entre o público gay, a cantora americana também foi inspiração para uma imagem de perfil da personagem. Utilizando-se de uma montagem feita com a capa do MDNA (versão Standart), Katylene vincula a imagem de glamour da cantora, numa espécie de imitação da performance da mesma.

Figura 17 – Imagem de Perfil 8 e Imagem Original



Katylene na capa da revista ELLE? Na verdade, trata-se da montagem feita com capa estampada por Lea T, a primeira modelo transexual brasileira. A modelo é reconhecida internacionalmente, já estreou campanhas para a grife Givenchy e fez um ensaio fotográfico para a edição de agosto de 2010 da revista francesa Vogue. Esta é a única imagem na qual Katylene vincula-se à alguém trans, contudo, há de se questionar até que ponto isso foi relevante no processo de escolha da imagem, uma vez que, a modelo frequenta o cenário de alta costura carregando em sua imagem, também um status de glamour.

Figura 18 – Imagem de Perfil 9 e Imagem Original



A foto original contém três elementos que contribuem para uma aura de glamour: a modelo internacionalmente reconhecida Gisele Bündchen, o fotógrafo norueguês de moda

Solve Sundsbo e a revista internacional de moda “Número”. Solve Sundsbo é conhecido por suas manipulações das fotos que as tornam um tanto bizarras, mas, que caíram no gosto de grifes famosas como Yves Saint Laurent, Dior, Gucci, Hermès, Bally e Armani. Assim, nesta imagem, Katylene encontra mais um espaço para inserir o seu estranho rosto em mais um espaço marcado por certa distinção.

Figura 19 – Imagem de Perfil 10 e Imagem Original



Aqui, a fotografia original trata-se de uma foto da atriz e modelo norte-americana Josie Maran feita pelo renomado Terry Richardson. A imagem é uma das mais famosas do fotógrafo que já trabalhou com grandes estrelas e grandes grifes. Richardson é conhecido pelo seu estilo polêmico de fotografar, muitas vezes se utilizando de uma “atmosfera sexualizada”. Contudo, o sexo no trabalho dele é exposto de modo provocativo e vulgar, o sexo em si, por sua gratuidade, ou seja, o sexo é só mais uma mercadoria, sem aura alguma. Trata-se de uma desconstrução da estética de moda, como uma exaltação ao grotesco. De certa forma, as maneiras de tratar de sexo é semelhante no Katylene.com e nas fotografias de Terry Richardson, pois, ambos vulgarizam-no com fins diferentes. Portanto, articular-se as ideias do fotógrafo faz com que Katylene possa reforçar o “sexo” em sua narrativa.

Figura 20 – Imagem de Perfil 11



Inegavelmente, “Avenida Brasil” foi uma novela que marcou a história da teledramaturgia brasileira. A telenovela da Rede Globo mudou o comportamento de alguns telespectadores (que antes não assistiam novelas) e gerou inúmeros memes na internet, como as “imagens congeladas” nos perfis ou mesmo a hashtag “#EuQueroVerTuMeChamarDeAmendoim”. Diante todo o alvoroço causado, seria quase impossível que Katylene ficasse indiferente à tudo isso. Então, mesmo que não tenha sido possível encontrar a imagem original, quem acompanhou (mesmo que pouco) a novela reconhece que a cena mostrada é uma das muitas em que Rita (Débora Falabella) espiava Carminha (Adriana Esteves), que teve seu rosto substituído pelo da personagem. Vale lembrar que a personagem de Adriana era antagonista da trama, mas popularizou-se até mais que a protagonista Rita.

3.3.2 Texto

Os tweets também refletem em grande parte o mesmo estilo das postagens do blog (conforme a figura).

Figura 21 - Exemplos de Tweets.



No entanto, não só a estética e gráfica que relaciona o Twitter ao blog, pois, além de haver um link no cabeçalho do blog, logo abaixo da “biografia” no Twitter, o endereço do katylene.com é disponibilizado. Ainda há alguns tweets, nos quais a personagem informa a produção de um novo post e, em outros, há o link para a postagem do blog, conforme o pode

ser visto na figura abaixo.

Ironicamente, o caso comentado no post refere-se a um caso semelhante ao que popularizou o blog “Papel Pobre”. O blog Papel Pobre foi o primeiro a veicular o um print-screen onde o ex-participante do Big Brother Brasil “Dan Dan” se masturba na webcam para a travesti Renata Finsk. Mesmo que a publicação tenha sido deletada, o site do provedor Terra noticiou o fato, creditando a fonte, o que trouxe um aumento de audiência. No caso mencionado nos tweets abaixo, um vídeo no qual o ator Sérgio Hondjakoff masturba-se diante da webcam e mostra “brinquedos sexuais” foi publicado na internet.

Figura 22 - Tweets relacionados ao Blog.



Em muitos tweets, tanto de Katylene, quanto dos seus seguidores, a narrativa que “une” a identidade do criador e da Personagem em uma só (Katylene) está, como pode ser visto nos tweets no qual ela afirma que será DJ em alguma festa ou quando alguém se refere à algo que Daniel tenha feito, como fez o usuário Gui Barros. No entanto, a ocasião fez com que alguns seguidores se perguntassem sobre quem estava de aniversário, se Daniel ou Katylene, como no tweet de Douglas Ribas. Além disso, no diálogo entre a personagem e Adriane Galisteu, a apresentadora pergunta sobre o blogueiro e Katylene responde em terceira pessoa, ou seja, realiza um movimento de separação entre os dois.

Figura 23 - Tweets sobre Katylene e Daniel.



O fato de o blog ter se popularizado e ter alcançado determinado renome resultou numa inserção de Katylene em uma espécie de “star system” do cenário brasileiro na internet. Durante o tempo em que suas interações no Twitter foram observadas, foi possível perceber que ela relaciona-se de forma bem íntima com outros tweeteiros/blogueiros de igual popularidade tal qual Hugo Gloss (@hugogloss) e Nilson Xavier (<http://nilsonxavier.blogosfera.uol.com.br/>). Contudo, o fato de Daniel/Katylene ter ultrapassado a barreira da internet para a grande mídia – a personagem foi notícia em vários portais e revistas e, como dito anteriormente, Daniel foi colunista no programa de Adriane Galisteu - faz com que suas relações não sejam estabelecidas apenas com personalidades da internet, mas também de outras áreas como a atual Miss Brasil Priscila Machado e a atriz Suzana Pires.

Figura 24 - Tweets de “celebridades”.



Tanto nos tweets de “celebridades”, quanto nos tweets dos seguidores “comuns”, um aspecto que se mostra constantemente em apropriação e uso é a linguagem característica da personagem. Os trocadilhos e grafias diferenciadas – que imitam a fonética das palavras – funcionam como uma dinâmica específica neste contexto amadrinhado pela personagem. O terceiro exemplo trazido na figura 6 mostra como aqueles que não estão familiarizados com a linguagem têm problemas de compreensão daquilo que é dialogado nesse cenário específico.

Figura 25 - Tweets de Seguidores “comuns”



Portanto, a partir da observação do perfil de Katylene no twitter, percebe-se uma série de fatores a serem discutidos em relação à construção de uma identidade online e sua relação com os seguidores.

A origem de personagens tais qual Katylene demonstram como a internet e suas especificidades geram um espaço onde para além de simplesmente propiciar a criação e manipulação de uma identidade basicamente desprovida de referentes do sujeito off-line, também permite que esse desenvolvimento acarrete na conformação de uma cultura veiculada por tal identidade. Assim, ao estabelecer relações sociais em torno do contexto da produção de conteúdo e, conseqüentemente, uma cultura própria, o “signo-celebridade” de Katylene conforma um grupo social com uma dinâmica característica.

Tal grupo social não parece refletir uma matriz heteronormativa tradicional, até mesmo porque não existe aquela tentativa de “domesticar” ou mesmo silenciar o sexo. O sexo é tema de discussão, de piadas e quaisquer outras conversas. Além disso, pode-se perceber que a performance de Katylene é feita a partir da referência à outras performances de gênero. Ao comentar sobre o corpo do cantor Mariano ou ainda sobre o “caso” da travesti abusada, Katylene constrói o seu modo de ser travesti. Então, o gênero da personagem é construído no blog e no Twitter com o gênero do outro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de diferentes considerações teóricas da teoria queer e da cibercultura, busquei apresentar a personagem Katylene Beezmarcky, a mobilização de traços identitários e a consequente construção de uma narrativa nos espaços propiciados pelo blog e pelo Twitter.

Procurei construir este texto de maneira que cada leitor pudesse ter uma experiência mais próxima o possível da que eu tive ao realizar essa pesquisa. Para tal, inicialmente, tracei observações advindas da teoria queer a fim de localizar o leitor próximo ao “ponto de partida” desta pesquisa, seja um estudante iniciante ou experiente na temática das sexualidades.

Essa primeira reflexão conceitual e teórica através de uma perspectiva queer parece interessante por dois pontos principais. Primeiramente, a desconstrução realizada pela teoria é significativa no processo desenvolvido para pensar as identidades contemporâneas, assim como, por meio da teoria queer, é possível desenvolver a percepção crítica tão digna da teoria. Além disso, essa contextualização serve também para que o leitor tenha uma noção do lugar das identidades sexuais e de gênero entre as questões sociais e culturais e também aprenda e, conseqüentemente, desvincule-se de pré-conceitos sobre a cultura trans.

Então, partindo deste olhar crítico e curioso, construí a pesquisa, analisando de maneira exploratória, observando atentamente àquilo que emerge significando e carregando certa bagagem cultural, traços identitários de grupos sociais. Desta forma, foi possível traçar uma cartografia dos movimentos e performances realizados por Katylene que a materializam nas redes sociais.

Após refletir sobre os usos e apropriações feitas pela personagem é possível perceber que Katylene “existe”, não da mesma existência tátil das coisas, mas em um plano simbólico de ideias, no emaranhado de práticas online, ela se origina e toma forma. A personagem é em essência linguagem, seja ela verbal ou imagética, é uma espécie de referente sem referência certa. No lugar de próteses de silicone, temos trocadilhos infames, ao invés de maquiagem, vemos referências às celebridades e a montagem que temos é de fotos e desenhos toscos.

Ela se diz travesti, até é aceitável tal autodenominação, mas não é uma travesti como as outras, nem mesmo uma trans ou drag queen. Quem sabe poderíamos falar aqui de uma “travesti 2.0” ou uma cibertravesti, mas prefiro manter certa desconfiança com qualquer tentativa de classificação, até mesmo porque rótulos não são exatamente queer.

Na narrativa de Katylene há um “Q” de exótico ou excêntrico, trata-se de um exemplo único de identidade trans e um caso extremo de persona construída no ciberespaço. A

construção explícita traz performances de uma sexualidade e uma identidade de gênero, contudo, a personagem em si não tem “prática sexual”, logo a fala dela encerra em si mesma, trata-se de uma “fantasia” real apenas no mundo das ideias.

Contudo, isso não a impede de trazer para o blog e para o Twitter um verdadeiro jogo de performances com os sexos e os gêneros ao adotar a posição entre os sexos. Desta forma, a personagem brinca (da maneira mais irônica e sarcástica possível) com o sexo que a sociedade insiste em polemizar e tentar “adestrar”.

O blog Katylene.com não se insere enquanto mais um site de fofoca. Ele veicula, através de elementos textuais/gráficos, uma espécie de cultura/estética “Katylênica”. Um dos componentes mais importantes dessa cultura é a linguagem criada da convergência do pajubá das ruas de prostituição e emulações das formas vocais da palavra. Inegavelmente, o pajubá não é mais restrito a prostituição, pois se difundiu internamente à subcultura gay e, hoje em dia, já se se propaga para além desta, uma vez que cada vez mais personagens gays surgem nas novelas e filmes falando “gírias gays” que caem no gosto popular. Inclusive, durante a exibição da novela “Insensato Coração” (Rede Globo, Gilberto Braga e Ricardo Linhares), Daniel Carvalho ajudou a Deborah Secco a compor sua personagem “Natalie Lamour” que utilizava muitas gírias da personagem⁷⁰.

Outro elemento importante nesta narrativa online diz respeito as inúmeras referências à pessoas famosas, ou seja, pessoas que já carregam em si um significado para o público. De certa forma, ao se utilizar de uma montagem do seu rosto em uma foto de Madonna, Katylene toma emprestado o título de “rainha do pop”, não no sentido de tornar-se tal, mas sim, fazer humor a partir da ironia de não ter a autoridade necessária para ocupar aquela posição, no entanto, insistir em ocupar.

Além disso, se compararmos o comportamento de Katylene ao das informantes do trabalho de Marcos Benedetti poderemos perceber que para além de qualquer exagero “tipicamente travesti”, nas performances da personagem, tudo tem que ser exorbitante. No lugar do desejo de “parecer mulher” (comum aos travestis), temos um desejo de “parecer travesti”. Assim, na cultura “katylênica”, o ser sensual extrapola para o vulgar e o glamour está no excesso que se torna brega. É como se a personagem mantivesse um eterno ir e vir entre o luxo e o lixo, tornando-se um estereótipo de travestis.

E como um blog assinado por uma travesti ganha popularidade em um país tão homofóbico? Humanizando celebridades. O conteúdo do blog e do Twitter não é centrado nos

⁷⁰ <http://br.omg.yahoo.com/blogs/pronto-falei/twitteiros-famosos-ajudaram-deborah-secco-compo-natalie-lamour-125707364.html>

dilemas de Katylene, mas nos defeitos das celebridades. O que torna essa identidade gay tão palatável é o humor irônico que “mascara” preconceitos. Por mais crítico que seja o humor, raramente ele serve como uma real crítica, além disso, o que de mais apropriável que a personagem tem é a linguagem e esta, independente de expandir-se, não altera a conjuntura homofóbica.

No entanto, nesse ponto, a internet tem um papel essencial uma vez que dificilmente uma empresa de televisão (muito menos, os canais abertos) iria inserir na sua programação uma travesti. Na rede, o blog pode ser acessado e seu conteúdo consumido por qualquer pessoa que queira, não passando por filtros “moralistas”. Personagens com narrativas fortes não são raros nas novelas, por outro lado, personagens trans também existem na televisão, mas nunca “em foco”, ou seja, personagens trans com narrativas fortes praticamente não existem na televisão. Contudo devemos lembrar que a travesti Rogéria, muitas vezes, apresentou uma narrativa bifurcada em Rogéria e Astolfo (seu “nome de batismo”). E ainda, mais atualmente, a adoção do “estilo crossdresser” pelo cartunista Laerte resgatou a discussão sobre o tema.

Além disso, outra questão na qual a internet tem papel essencial é na possibilidade de produzir-se esse tipo de conteúdo. Os posts do blog e mesmo os tweets são praticamente todos feitos a partir de material disponível em outros sites, ou seja, grande parte do conteúdo do blog depende do “arquivo público” da web. Desta forma, Katylene pode buscar a entrevista que Leila Lopes deu antes de morrer, ou ainda, ter acesso a campanha publicitária da Christian Andrews, para então fazer seus comentários.

Assim, não que fosse esperado o contrário, mas confirma-se que as performances desempenhadas por Katylene não subvertem as normas – ao menos no sentido de questionar o preconceito, pois a personagem permanece no lado “estranho”. Quase como nos antigos shows de horrores, a multidão é atraída exatamente pela diferença exótica. E ao consumir o conteúdo do blog consome também um pouco daqueles traços identitários utilizados para compô-lo.

Contudo, inegavelmente, ao jogar com as palavras, a personagem questiona e reconstrói um campo específico de significados. Como no caso do post “Filiz Analtal”, o trocadilho feito com as palavras “natal” e “anal”, insere um significado “sexual” do “anal” no feriado religioso. E, ao realizar as montagens “toscas” com seu rosto “trash” no corpo de famosas como Madonna ou Gisele Bündchen, profana o glamour da fotografia em questão, desconstruindo personalidades canônicas da cultura pop.

REFERÊNCIAS

ADAR, E.; ADAMIC, L. Tracking information epidemics in blogspace. In: Web Intelligence, 4, Compiegne, 2005. **Anais...** Compiegne. Acesso em: 17 Jul. 2011. Disponível em: <http://www.cond.org/trackingblogepidemics.pdf>.

AMARAL, A. R.; MONTARDO, S. Pesquisa em cibercultura: análise da produção brasileira da Intercom. **Revista Logos**. v.18 ,n. 1,p. 102-116, 2011.

AMARAL, A. R.; MONTARDO, S.; RECUERO, R. (Org.). **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

APPADURAI, A. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.

AQUINO, M. C.; PUHL, P. Vale tudo no Twitter: a visibilidade da ficção televisiva em tempos de convergência midiática, **ALCEU**, PUC-RIO, v. 12, n.23, jul./dez. 2011

AUGÉ, M. **El viajero subterráneo**: un etnólogo en el metro. México: Gedisa, 1987.

AVNIT, A. The Million Followers Fallacy, **Internet Draft**, Pravda Media, 2009. Disponível em: <http://tinyurl.com/nshcjg>.

AZEVEDO, F. A. de O. **Uma leitura queer da revista Júnior**. 2010. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Sociais) -- Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2010.

BAYM, N. **Personal Connections in the Digital Age**. Cambridge: Polity Press, 2010.

BENEDETTI, M. R. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BLEIER, R. **Science and gender**: a critique of biology and its theories on women. New York: Pergamon Press, 1984.

BLOCK, M. G.; LIGOURI, A. L. **El SIDA en los estratos socioeconómicos del México**. Cuernavaca: Instituto Nacional de Salud Pública, 1992.

BLOOD, R. **Weblogs**: a history and perspective. 2000. Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html. Acesso em 08/10/2012.

_____. **We've got Blog**: how weblogs are changing our culture. Perseus Books Group, 2002.

BORDIEU, P. Esboço da teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu/sociologia**. São Paulo: Ática, 1994, p.46-81.

_____. A dominação masculina. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez. 1995.

_____. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **O senso prático.** Petrópolis: Vozes, 2009.

BRAGA, A. Da cultura feminina de Simmel aos weblogs: mulheres na Internet. In: XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: PUCRS, 2004.

_____. Usos e consumo de mídias digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. In: XVI ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO, 16., 2007, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba, Universidade Tuiuti do Paraná, 2007.

_____. **Personas Materno-Eletrônicas:** feminilidade e interação no blog Mothern. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autentica, 2001. p. 83-111.

BUTLER, J. Corpos que pesam. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autentica, 2001. p. 151-172.

_____. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, R. M. (Org.). **Sexualidades transgresoras:** uma antologia de estudios queer. Barcelona: Icaria, 2002.

_____. O parentesco é sempre tido como heterossexual?. In: **Cadernos Pagu**, Campinas n. 21, 2003. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 12 abr. 2012.

_____. **El género en disputa:** el feminismo y la subversión de la identidad. Barcelona: Paidós, 2007.

CAMPBELL, J. E. **Getting it on online:** cyberspace, gay male sexuality and embodied identity. New York: Harrington Park Press, 2004.

CARRIER, J. **De los otros:** intimacy and homosexuality among Mexican men. Nova Iorque: Columbia University Press, 1995.

CASTELLS, M. **A era da informação:** economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CHA, M.; HADDADI, H.; BENEVENUTO, F.; GUMMADI, K. Measuring User Influence in Twitter: The Million Follower Fallacy. In: **ICWSM**, 2010.

CHAGAS, P. A. Um olho na TV e outro no computador: repercussão de produtos televisivos no Twitter. **Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão**, UFMA, A. XIX, n. 7, jan./dez. de 2010. Disponível em: <http://www.cambiassu.ufma.br/amorim.pdf>. Acesso em: 12 Jul. 2011.

CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

COLLING, L. Personagens homossexuais nas telenovelas da rede globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. **Revista Gênero**. Niterói, v. 8, n. 1, p. 207-222, 2007.

_____. Aquenda a metodologia! uma proposta a partir da análise de avental todo sujo de ovo. **Revista Bagoas**, v. 2, n. 2, p. 153-170, 2008.

_____. A heteronormatividade nas representações de personagens não-heterossexuais nas telenovelas da Rede Globo (1998 a 2008). In: ENCONTRO BAIANO DE ESTUDOS DA CULTURA - EBECULT, 2., 2009, Feira de Santana. **Anais eletrônicos...** Cachoeira: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2009. Disponível em: <<http://migre.me/9gVDo>>. Acesso em: 21 mar. 2012.

_____. A heteronormatividade e a abjeção - os corpos de personagens não-heterossexuais nas telenovelas da rede globo (1998 a 2008). In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA - ENECULT, 6., 2010a, Salvador. **Anais Eletrônicos...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010a. Disponível em: <<http://migre.me/9gVEM>>. Acesso em: 21 mar. 2012.

_____. O que a política trans do Equador tem a nos ensinar? In: FAZENDO GÊNERO, 9. 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010b. Disponível em: <<http://migre.me/9gVFK>>. Acesso em: 21 mar. 2012.

_____. A naturalidade é uma pose tão difícil de se manter – apontamentos para pensar Homofobia e Direitos no Brasil hoje. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA, 5., 2010. Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010c. Disponível em: <<http://migre.me/9gVGx>>. Acesso em: 21 mar. 2012.

_____. A igualdade não faz o meu gênero – em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. In: CURSO DE INTRODUÇÃO À POLÍTICA E TEORIA QUEER, 2., 2012, cidade. **Anais Eletrônicos...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012. Disponível em: <<http://migre.me/9hdqE>>. Acesso em: 21 mar. 2012.

CONNELL, R. W.; DOWSETT, G. W. (Org.). **Rethinking sex: social theory and sexuality research**. Carlton: Melbourne University Press, 1992.

CREPALDI, L. A influência das cores na decisão de compras: um estudo do comportamento do consumidor no ABC paulista. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006. Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (INTERCOM), 2007. Disponível em: <<http://migre.me/abOte>>. Acesso em: 21 jun. 2011.

CSORDAS, T. J. **Corpo/significado/cura**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DAL BELLO, C.; NOMURA, J. M. Perfis brasileiros em redes sociais digitais: uma análise das imagens de identificação. In: CONFEDERACIÓN IBEROAMERICANA DE ASOCIACIONES CIENTÍFICAS Y ACADÉMICAS DE LA COMUNICACIÓN, 1, 2011. São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: CONFIBERCOM, 2011. Disponível em: <<http://confibercom.org/anais2011/pdf/260.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2011.

DANIEL, H.; PARKER, R. G. **A terceira epidemia**. São Paulo: Iglu, 1991.

_____. **A construção da solidariedade: AIDS, sexualidade e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993

DERRIDA, J. **Limited inc**. Campinas: Papyrus, 1991.

DONATH, J. S. Identity and deception in the virtual community. In: KOLLOCK, P.; SMITH, M. (org.). **Communities in cyberspace**. Londres: Routledge, 1999.

DÖRING, N. Personal home pages on the web: a review of research. In: **Journal of Computer-Mediated Communication**, n. 7, v. 3, 2002. Disponível em: <<http://migre.me/9gVHd>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

EFIMOVA, L.; HENDRICK, S. **In search for a virtual settlement: an exploration of weblog community boundaries**. Communities and Technologies, 2005.

ELLIS, H. **Psicologia do sexo**. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971.

ENNE, A. L. Entre pobres e pops, escolhendo o meu papel. **Revista ContraCultura**, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, V. 1, 2007.

ERIKSON, E. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FAUSTO-STERLÍNG, A. **Myths of gender**. Nova Iorque: Basic Books, 1985

FEATHERSTONE, M.; BURROWS, R. **Cyberspace, cyberbodies, cyberpunk: cultures of technological embodiment**. Londres: Sage Publications, 1996.

FELINTO, E. **A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **Passeando no labirinto: ensaios sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

_____. “Sem mapas para esses territórios”: a cibercultura como campo de conhecimento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007. Santos. **Anais eletrônicos...** Santos: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (INTERCOM), 2007. Disponível em: <<http://migre.me/9gVIf>>. Acesso em: 21 jun. 2011.

FERNBACK, J. There is a there there: notes toward a definition of cybercommunity. In: JONES, Steve (Org.). **Doing internet research: critical issues and methods for examining the web**. London: Sage Publications, 1999.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRAGOSO, S.; ROSÁRIO, N. M. Melhor que eu: um estudo das representações do corpo em ambientes gráficos multiusuário online de caráter multicultural. **Interim**, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, v.6, 2008.

FREUD, S. **O ego e o id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GARFUNKEL, J. Blogs: differing definitions. In: **Civilities**, 2004. Disponível em: <http://civilities.net/OnBlogs>. Acesso em: 21 jun. 2012.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GREGG, M. Posting with passion: blogs and the politics of gender. In: BRUNS, A.; JACOBS, J. (Org.). **Uses of blogs**. New York: Peterland, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, T. T. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 33-118

HARVEY, D. **A condição da pós-modernidade**. São Paulo: Loyola, 1992.

HEILBORN, M. L.. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, R., BARBOSA, Regina Maria. **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p. 136-145.

HEIMER, R. A dor e a delícia de ser como se quer: a representação social no documentário Bombadeira. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 29. 2010, Salvador. Anais Eletrônicos... Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010. Disponível em: <<http://migre.me/9hpGR>>. Acesso em: 21 mar. 2012.

HERDT, G. **Same sex, different cultures: exploring gay and lesbian lives**. Boulder: Westview Press, 1997.

HERRING, S. C.; KOUPER, I.; SCHEIDT, L. A.; WRIGHT, E. Women and children last: the discursive construction of weblogs. In: GURAK, L.; ANTONIJEVIC, S.; JOHNSON, L.; RATLIFF, C.; REYMAN, J. (Org.). **Into the blogosphere: rhetoric, community, and culture of weblogs**. University of Minnesota. 2004. Disponível em: http://blog.lib.umn.edu/blogosphere/women_and_children.html. Acesso em: 21 jun. 2012.

HERRING, S. C.; KOUPER, I.; PAOLILLO, J. C.; SCHEIDT, L. A.; TYWORTH, M.; WELSCH, P. et al. Conversations in the blogosphere: an analysis 'from the bottomup'. In: 38th Hawaii International Conference on System Sciences (HICSS'05), Los Alamitos: IEEE Press, 2005.

HONEYCUTT, C.; HERRING, S.C. Beyond microblogging: Conversation and collaboration via Twitter. In: Hawaii International Conference on System Sciences, 42, Los Alamitos, 2009. **Anais...** Los Amitos, IEEE Press, 2009. Acesso em: 20 mar. 2010, disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/honeycutt.herring.2009.pdf>.

JAVA, A.; SONG, X.; FININ, T.; TSENG, B. Why We Twitter: Understanding Microblogging Usage and Communities. In: **9th WEBKDD**, 2007.

KENWAY, J. Educando cybercidadãos que sejam "ligados" e críticos. In: SILVA, L. H. (org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 99-120.

KINSEY, A.. et al. **Sexual behaviour in the human male**. Filadélfia: W. B. Saunders, 1948.

KLEINBERG, J. 2007. Cascading behavior in networks: Algorithmic and economic issues. In: N. NISAN; T. ROUGHGARDEN; E. TARDOS; V. VAZIRANI (org.), **Algorithmic Game Theory**. New York, Cambridge University Press. Disponível em: <http://www.cs.cornell.edu/home/kleinber/agtbook-ch24.pdf>.

KLEINBERG, J. 2009. Meme-tracking, diffusion, and the flow of on-line information. In: **International Congress on Weblogs and Social Media (ICWSM'09)**, 3, San Jose, 2009. Disponível em: http://velblod.videolectures.net/2009/active/icwsm09_sanjose/kleinberg_mtdfoi/icwsm09_kleinberg_mtdfoi_01.pdf.

KRAMBECK, R. S. **Meu eu, meu mundo, meu outro: um estudo etnográfico da socialidade em ambientes gráficos multiusuário online (AGMUO) a partir das novas configurações do sujeito**. 2010. 125 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo) -- Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS, 2010.

KUNZRU, H. "Você é um ciborgue": um encontro com Donna Haraway. In: SILVA, T. T. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 17-32.

KUTSCHE, P., PAGE, J. B. Male sexual identity in Costa Rica. **Latin American anthropology review**, v. 3, p. 7-14, 1991.

KUTSCHE, P. Two truths about Costa Rica. In: MURRAY, S. O. **Latin American male homosexualities**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995. p. 111-137.

LANCASTER, R. N. **Life is hard: machismo, danger, and the intimacy of power in Nicaragua**. Los Angeles: University of Califórnia Press, 1992.

- LANCASTER, R. N. That we should all turn queer? homosexual stigma in the making of manhood and the breaking of a revolution in Nicaragua". In: PARKER, R.; GAGNON, J. (Org.). **Conceiving sexuality: approaches to sex research in a postmodern world**. Londres: Routledge, 1995. p. 135-156.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autentica, 2001. p. 7-34.
- LE MOS, A. Prefácio. In: AMARAL, A. R.; MONTARDO, S.; RECUERO, R. (Org.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.
- LEVY, R. The community function of tahitian male transvestism: a hypothesis. **Anthropological quarterly**, Arlington, v. 44, 1971. p. 12-21.
- LÉVY, P. Uma perspectiva vitalista sobre a cibercultura. In: LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 13-23.
- LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.
- _____. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.
- MAGEO, J. M. Male transvestism and cultural change in samoa. **American ethnologist**, v. 19, n. 3, p. 443-459, 1992.
- MANOVICH, L. **The language of new media**. Cambridge: MIT Press, 2001.
- MARLOW, C. Audience, structure and authority in the weblog community. In: International Communication Association Conference, 2004, New Orleans, LA, 2004.
- MISCHAUD, E. 2007. **Twitter: Expressions of the whole self**. Londres, Inglaterra. Dissertação de Mestrado. London School of Economics, 53 p.
- MISKOLCI, R. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre: ano 11, n. 21, p. 150-182, 2009.
- MISKOLCI, R., PELÚCIO, L. Aquele não mais obscuro negócio do desejo. In: PERLONGHER, N. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 9-32.
- MOORE, H. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **Cadernos Pagu**, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, v. 14, 2000, p. 13-44.
- OLIVEIRA, R. M. C. **Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade**. 2002. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2002.

PARKER, R. G. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autentica, 2001. p. 125-150.

PARKER, R. G.; BARBOSA, R. M. **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

PARKER, R. G.; EASTON, D. Sexuality, culture and political economy: recent developments in anthropological and cross-cultural sex research. **Annual review of sex research**, Society for the Scientific Study of Sex, Iowa, v. 9, 1998.

PARKER, R. G., GAGNON, J. H. **Conceiving sexuality: approaches to sex research in a postmodern world**. Nova Iorque: Routledge, 1995.

PATTON, M. Q. **Qualitative research and evaluation methods**. 3 ed. London: Sage, 2002.

PEREIRA, L. H. Pão, ovo e semiótica: uma análise de katylene.com. In: VIII SELISIGNO e IX Simpósio de Leitura da UEL. 2012. Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012.

PLUMMER, K. **The making of the modern homosexual**. Londres: Hutchinson, 1981.

PRIEUR, A. Bodily and symbolic constructions among homosexual men in Mexico. **Sexualities**. v. 1, n. 3, p. 287-298, 1998.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, R.; ZAGO, G. “RT, por favor”: considerações sobre a difusão de informações no Twitter. **revista Fronteiras – estudos midiáticos**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 12(2), 2010.

RECUERO, R.; ZAGO, G. A Economia do Retweet: Redes, Difusão de Informações e Capital Social no Twitter. **Revista Contracampo**, Universidade Federal Fluminense, Niterói, v.24, 2012.

RIBEIRO, J. C. Múltiplas identidades virtuais: a potencialização das experiências exploratórias do “Eu”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 18., 2005. Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (INTERCOM), 2007. Disponível em: <<http://migre.me/9gVJU>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, M. A. **XXY: A representação da intersexualidade no filme de Lucía Puenzo**. 2010. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social: habilitação em Produção em Comunicação e Cultura) -- Curso de Comunicação Social: Habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2010.

SANTOS et al. A sexualidade em Amor & Sexo: representação, discurso e regime de verdade. **Revista brasileira de iniciação científica em comunicação social - Iniciacom**. Intercom, v. 3, 2011.

SCHEPER-HUGHES, N.; LOCK, M. M. The mindful body: a prolegomenon to future work in medical anthropology. **Medical anthropology quarterly**. Arlington, v. 1, p. 6-41, 1987.

SCHMIDT, J. Blogging practices: an analytical framework. In: **Journal of Computer-Mediated Communication**, n.12, 2007. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/schmidt.html>. Acesso em: 21 jun. 2012.

_____. Práticas de blogging na blogosfera em língua alemã: resultados da pesquisa “Wie ich blogge?!”. In: AMARAL, A. R.; MONTARDO, S.; RECUERO, R. (Org.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 109-131.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista educação & realidade: gênero e educação**. Porto Alegre, v. 20, n.2, p.71-99, 1995.

SEGATA, J. A pessoa on-line. corporalidades, identidades de gênero e subjetividades no ciberespaço brasileiro. **Omertaa: journal for applied anthropology**, 2007. Disponível em: <<http://migre.me/9gVKH>>. Acesso em: 08 nov. 2009.

SEIDMAN, S. **Beyond the closet: the transformation of gay and lesbian life**. New York: Routledge, 2002.

SHAH, N. PlayBlog: Pornography, performance and cyberspace. In: **Cut-up.com Magazine**. Holanda, v. 2., 2005. Disponível em: <http://www.cutup.com/news/detail.php?sid=413>. Acesso em: 21 out. 2012.

SILVA, T. T. A poética e a política do currículo como representação. In: PACHECO, J.A. (org.). **Políticas de integração curricular**. Porto: Porto Editora, 2000a. p. 59-98.

_____. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: _____. (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b.

SIQUEIRA, D. Prefácio. In: BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Suplemento Especial. São Paulo: 2008. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, jul. 2008. Entrevista concedida a Gonçalo Junior. Disponível em: <<http://migre.me/9gVLu>>. Acesso em: 27 nov. 2009.

TAN, M. From bakla to gay: shifting gender identities and sexual behaviors in the Philippines. In: PARKER, R. G., GAGNON, J. H. **Conceiving sexuality: approaches to sex research in a postmodern world**. Nova Iorque: Routledge, 1995. p. 85-96.

TRÄSEL, M. A vitória de Pirro dos blogs: ubiquidade e dispersão conceitual na web. In: AMARAL, A. R.; MONTARDO, S.; RECUERO, R. (Org.). **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 93-108.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TURKLE, S. **A vida no ecrã**: a identidade na era da internet. Lisboa: Relógio D'água, 1997.

_____. Fronteiras do real e do virtual. Porto Alegre: 1999. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 11, p. 117-123, dez. 1999. Entrevista concedida a Federico Casagleno.

VANCE, C. S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-32, 1995.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1999..

VENCATO, A. P. Desligando o gravador: raça, prestígio e relações centro/periferia nas construções de hierarquias entre drag queens. In: GROSSI, M. P.; SCHWADE, E. (Org.). **Política e cotidiano**: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade. Florianópolis: Nova Letra, 2006, p. 281-296.

VIP, A.; LIBI, F. Aurélia, a dicionária da línguaafiada. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.

WEEKS, J. **Sex, politics and society**: the regulation of sexuality since 1800. Harlow: Longman, 1989.

_____. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autentica, 2001. p. 35-82.

WESTON, K. Lesbian/gay studies in the house of anthropology. **Annual review of anthropology**. v. 22, p. 339-367, 1993.

WIKAN, U. The Omani Xanith: A Third Gender Role? **Man**, v. 13, n. 3, p. 473-475, 1978.

WILSON, M. Perspectives and difference: sexualization, the field, and the ethnographer. In: KULICK, D.; WILSON, M. (Org.). **Taboo. sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork**. Londres: Routledge, 1995. p. 251-275.